

Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Diocese de Marília

Rua Antônio Rodrigues de Barros - 224 - Vila Barros - Dracena – SP
CEP. 17900-000 Caixa Postal 43 - Fone: 18 3821-1113
E-mail: santuariodefatimaa@gmail.com

CURSO BÍBLICO 2024/03

LIVROS HISTÓRICOS

Na Bíblia católica os livros históricos do AT **são 16**; eles narram desde a entrada do Povo de Israel à Terra Prometida até a sua dispersão:

O Povo entra à Terra Prometida na liderança de Josué (1200 a.C), acontece a sua formação como uma nação, a sua divisão da terra e sua estruturação (*livro de Josué*);

Os primeiros líderes foram os juízes (*livro: Juízes*), depois os reis: Saul, Davi e Salomão (nos períodos: 1030-931 a.C) e, enfim a divisão do reino entre norte e sul (931 a.C), os sucessivos reis que não foram fiéis, suas várias deportações e experiências de exílios, os ataques da parte dos outros países como Assíria (721), Babilônia (587), Pérsia (538 a.C) - Todos estes episódios são narrados nos *1 e 2 livro de Samuel e 1 e 2 livro dos Reis*.

Em seguida, as experiências nas terras de diáspora:

Tobias oferece-nos, com um quadro familiar notável, as dificuldades de viver a piedade em condições sociais e políticas adversas.

Ester descreve um drama de colorido algo semelhante, mas alargado à experiência de todo o povo, que se vê ameaçado de destruição e consegue, no fim, cantar vitória.

Judite é um romance histórico; simboliza a capacidade de resistência aos inimigos, na época da luta contra os Selêucidas (séc. II a.C.)

Após do exílio, o povo volta para sua Terra e acontece a reestruturação do país e do Templo (*Esdras, Neemias*), e, sucessivamente outros ataques dos estrangeiros como Grécia - época helenística (333-63 a.C) - e Roma (63 a.C - 135 d.C).

O 1º e 2º Livro dos Macabeus espelham, por meio de uma historiografia muito ao gosto da época helenista, a luta dos judeus para conseguirem libertar-se da política opressora dos Selêucidas. São o último bloco historiográfico dentro da Bíblia.

E assim, na chegada de Jesus, encontra-se a nação Israel, com um povo metade disperso e metade na própria terra, porém, debaixo do poderio do império romano.

E estes textos tem como tema principal as relações de Israel com Yahweh, sua fidelidade e infidelidade; Tem os intervindos de Deus através dos profetas e entre estes:

Profetas de Israel (norte): Jonas, Amós e Oséias.

Profetas de Judá (sul): Obadias, Joel, Isaías, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias e Jeremias.

Profetas durante o exílio: Ezequiel e Daniel.

Profetas depois do Exílio: Ageu, Zacarias e Malaquias.

A Terra Prometida é o verdadeiro tema em todos estes livros. O povo que havia encontrado seu Deus no deserto, recebe agora sua Terra e a recebe como dom. Foi Yahweh quem combateu em favor dos Israelitas (Js 23,3-10; 24,11-12) e lhe deu em herança o país que prometeu aos seus pais.

Quando o povo é infiél a Deus e se junta com outros povos, lhe sobreveem as tribulações e sucessivamente o exílio e a escravidão.

São textos escritos após séculos e, embora sejam acontecimentos históricos, o autor apresenta como textos teológicos, ou seja, fazendo a releitura do passado de Israel, inspirado pelo Espírito Santo, o autor escreve para o bem de Israel.

Os 16 livros são:

- | | |
|-----------------|-----------------|
| 1. Josué | 10. Esdras |
| 2. Juízes | 11. Neemias |
| 3. Rute | |
| 4. I Samuel | 12. Tobias |
| 5. II Samuel | 13. Judite |
| 6. I Reis | 14. Ester |
| 7. II Reis | |
| | 15. I Macabeus |
| 8. I Crônicas | 16. II Macabeus |
| 9. II Crônicas, | |

- Na bíblia hebraica a divisão é: 1,2,3 e 4 Reis.
Na Bíblia católica: 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis.

Podemos dividir a história de Israel em 4 tempos com 4 tipos de líderes que conduziu o povo em cada época:

1. **Os patriarcas:** Abraão, Isaac, Jacó (e José em Egito).
2. **Os Profetas anteriores:** Moisés, Josué (*nos 40 anos no deserto e na entrada à Terra*) e os **Juízes** até Samuel.

3. **Os reis:** De Saul até ao último rei *antes da deportação*, Zedequias (ou Sedecias), o 20º e último rei de Judá (*sendo Israel uma nação com a própria terra*).
4. **Os profetas:** Durante o reinado dos reis e no tempo de deportação babilônica.
5. **Os sacerdotes** (*após o retorno dos judeus do cativeiro babilônico*): Josué, filho de Sofonias (Zac 6,10) até Caifás, tempo de Jesus.

A história de um rei é a história de um país. Os livros bíblicos, da narração da história seja dos líderes do povo Israel que do próprio povo, são livros históricos diferentes dos livros do mundo: Quando a gente lê a história da segunda guerra mundial a gente não vai ver a nossa história aí, é a história daquele determinado tempo. Mas quando lermos a Palavra de Deus vamos ver que esta é minha história, é nossa história.

O LIVRO DE JOSUÉ

1. A ESTRUTURA GERAL

1-2: O discurso de Deus e de Josué;
 3-12: a conquista e a entrada na Terra Prometida;
 3-22: a distribuição das terras entre as 12 tribos de Israel;
 23-24: A renovação da aliança, o discurso e a despedida de Josué antes de morrer;

2. ESTRUTURA E CONTEÚDO.

Introdução:

1: **Entrega do novo encargo:** dá a autoridade, as motivações e a força.
 O discurso de Deus a Josué, (após a morte de Moisés 1,1-9) que o encoraja a tomar posse da Terra e promete que estaria com ele na luta. Deus pede a Josué ser fiel à Palavra de Deus e em seguida o discurso de Josué ao Povo pedindo a fidelidade da parte dele. E o povo promete fidelidade.

PRIMEIRA PARTE: ENTRADA NA TERRA PROMETIDA

Js 1-5: preparativos para a conquista:

Js1,1: Moisés morre (Dt.1,5) e ninguém sabe do local onde foi sepultado. Moisés tinha encarregado a Josué e nunca teve ninguém um líder igual como Moisés, ele era único. Agora vem outro líder. Para o povo aceitar este líder e não ir atrás do corpo mortal de Moisés, Deus esconde até o sepulcro de Moisés. Quando um

morre deve aceitar a morte e não pode ir atrás de quem morreu. Deixe morrer Moises e chegar Josué.

Vale para nós ainda hoje. Em cada época tem líderes diferentes e cada um tem seu tempo e não intervir se não é seu tempo. Cada escolhido tem sua liderança própria e não pode fazer o xerox do outro.

Josué sempre estava com Moisés. Ele aprendeu com Moisés. Nas famílias, os filhos devem aprender dos pais, nas fraternidades, as novas devem aprender das mais adultas etc. Moisés mandava Josué e encarregava ele para cumprir os deveres e Josué era fiel no que lhe foi confiado. Josué no início tinha dos defeitos, ficava alguma vez com raiva de Moisés, mas permaneceu junto e ele aprendeu como conduzir o povo.

Rm,6,24: O pecado não pode prevalecer vc. Ninguém pode prevalecer. Meditar dia e noite, meditar a Palavra de Deus. Obedecer tudo o que está escrito aí e não algumas coisas escolhidas.

Js 2. Os espiões e a prostituta Raab:

Os espiões na casa da prostituta: Quando dois escolhidos entraram na casa de uma prostituta aquela casa e aquela mulher se tornou a casa da salvação, Raab, a avó do rei Davi. Esta é a missão dos consagrados. Ela, no NT, se tornou o exemplo de grande fé como se vê na carta de Tg 2,25. Ela se tornou parte da Família do Filho de Deus.

O que ela fez? Ela ouviu sobre o Deus de Israel, apenas ouviu. Ela não viu na travessia do mar vermelho a mão de Deus, ela não viu o maná ou água do deserto, ela não recebeu os Mandamentos no monte Sinai, mas ela ouviu falar de Deus de Israel.

O fio escarlata: Os Israelitas que viram tantos intervindos de Deus ainda não estão acreditando e esta prostituta acreditou.

O que era o sinal para não exterminar a família dela?

Um cordão de fio escarlata (lembra o que? O sangue do Cordeiro nas portas dos Israelitas no Egito). É a antecipação do sangue derramado na Cruz que nos salvou já séculos depois.

Uma, a salvação de toda a família: Através daquela mulher toda a família foi salva: Até que os Israelitas entraram na cidade, ela deixou pendurado aquele fio, sinal da sua fé. Devemos ter sempre na porta da nossa consciência o fio vermelho do sangue de Cristo até que ele volte na sua segunda vinda.

Se alguém quer sair desta salvação cada um é responsável mas se permanecer, os escolhidos são responsáveis pela salvação de toda a família.

Js 3-4: A Passagem do Rio Jordão:

Js 3,4: A arca vai na frente pois estamos indo para um lugar onde nunca passamos, não conhecemos o lugar.

A nossa vida espiritual é um caminho que estamos iniciando agora, outros conhecem, já foram, mas nós estamos indo agora. Por isso precisa deixar a Arca na frente. (A arca é a igreja, ela vai mostrar o caminho. Ela tem uma experiência no caminho de 2 mil anos e quem conduz esta guerra é Deus.).

V. 7. Deus engrandece Josué e lhe dá o mesmo espírito que deu para Moisés.

V. 14. Milagre na travessia: Esta geração só ouviu e não viu o milagre do início, a travessia do mar vermelho e por isso Deus renova os prodígios iniciais.

Nós, nossos Padres, religiosos, pastorais e movimentos tem a responsabilidade de transmitir a fé que recebemos dos nossos antepassados.

V.17 Quando no coração de um sacerdote tem a Eucaristia o lugar onde corre a morte se transforma em vida. 24 horas ter no coração a Arca da Aliança.

** O livro de Josué é símbolo da luta espiritual do homem novo: Do Egito saíram e atravessaram o mar vermelho (símbolo do batismo), libertou da escravidão e chegaram no deserto mas, não entraram ainda na Terra prometida. Agora com sacerdotes devemos atravessar o Jordão, a Eucaristia e a Crisma. Mas uma vez entrando na terra prometida, lá tem sete povo para deve exterminar (sete vícios capitais:

1. **Avareza** apego excessivo a riquezas ou dinheiro **X Generosidade**
2. **Gula:** comer ou beber em excesso **X Temperança**
3. **Inveja:** desejo de possuir ou usar algo de outra pessoa **X Fraternidade**
4. **Ira:** raiva descontrolada e busca por vingança **X Serenidade**
5. **Luxúria:** desejo sexual descabido **x Simplicidade**
6. **Preguiça:** ausência de disposição para o trabalho **X Força de vontade**
7. **Soberba:** sentir-se melhor que os outros **X Modéstia**

contra a luxúria, castidade;

contra a inveja, caridade;

contra a gula, temperança;

contra a preguiça, diligência;

contra a ira, paciência;

contra a avareza, liberalidade (bondade/benevolência);

contra a soberba, humildade.

** Tradicionalmente, as sete virtudes cristãs ou celestiais combinam as quatro virtudes cardeais clássicas da prudência, justiça, temperança e coragem (ou fortitude) com as três virtudes teológicas da fé, esperança e caridade.

Eles exterminaram, mas deixaram alguns e isso foi a causa da infidelidade do Povo e voltar para fazer exílio babilônico de novo! E isso para nós é o exemplo.

Cap.4: As 12 pedras uma para cada tribo:

v.21; E depositaram estas pedras nos acampamentos e carregavam para falar às gerações futuras para testemunhar eles. As pedras das nossas Igrejas são para lembrar-nos que temos uma história!

Cap. 5: A Circuncisão e Páscoa:

5,2: Em Guilgal, fizeram a circuncisão: Antes de uma luta importante estão celebrando os sacramentos. Lá tem uma purificação, um arrependimento, uma confissão e uma purificação. E já no início Deus falou de tudo o que a Escritura fala. São Paulo: A circuncisão significa não confiar no corpo, mas confiar em Deus! (Ref.Fil 3,3)

v. 10. E celebraram a Páscoa. Antes dos eventos importantes confessar-se e preparar-se.

v.12: Desde quando entraram não tem mais maná. Agora estão responsáveis, devem trabalhar e comer.

V.13-15: Teofania/São Miguel:Um anjo chega com espada e Josué pergunta quem é vc? Conosco ou contra nós? É o anjo São Miguel. “chefe dos exércitos de Yhaweh. Josué se prostra diante de Miguel! Descalça as sandálias, porque o lugar em que pisas é santo”

Js 6-12: A Entrada na Terra:

Js 6. Entrada e conquista na Terra de Jericó;

Js 7-8 Conquista de Hai e o pecado de Acã;

Js 9. Pacto com gabaonitas;

Js 10. Conquista da região do sul;

Js 11. Conquista da região do norte;

Js 12. Epílogo com o elenco dos reis vencidos;

cap. 6 Israelitas entraram em Jericó, na parte central, (Jericó e Ai) do país, dividindo o país em duas partes sem ter acesso entre as duas.

o muro de Jericó: Jericó era um dos países mais antigos do mundo, Tinha dois muros um dentro de outro e a parte exterior: altura: 30 metros de altura; largura 12-15 metros e de dentro, 12 metros de largura (como se por cima podia passar uns 5 pistas) e com tempo, quando tinha muita gente o povo começou construir as casa até por cima as casas. Assim que a casa de prostituta ficou acima do muro.

A fidelidade com a Palavra de Deus que vai derrubar os muros e não vossa força. Quem vai conduzir a guerra é Deus.

A arca com 7 sacerdotes, 7 trombetas e sete vezes caminhar ao redor do muro e quando falar devem gritar e o muro vai cair. O grito de quem crê e obedece que faz maravilhas.

Foi salvo apenas a casa de Raabe.

Tudo o que recebe na guerra é de Deus e não devem pegar nada: Todo sucesso é de Deus e não deles e por isso não pegar nada dos objetos.

Josué amaldiçoa para quem vai reconstruir o muro: No tempo do rei Acab depois vem reconstruir e morreram (1Rei 16,34).

cap.7: dois pecados, castigo e derrota da parte de Hai: A desobediência (pegaram as coisas; Acã da família de Judá e guardou na sua tenda) e tropa confiança em si (“Não é necessário que suba todo o povo...e não conseguiram vencer o povo de Hai e foram derrotados.”) e isso causou a cólera de Deus; v.6 A oração de Josué e descoberta e castigo do culpado.

Depois ao lugar de 2 mil envia 30 mil e conseguiram vencer o Hai.

Cap.8: Duas montanhas: Garizim (sul) e monte Ebal (norte) (em duas montanhas face a face, faz a leitura da Lei e renova a benção e maldição)

cap. 9: Astúcia de Gabaonitas e o pacto de Israel com eles: era um povo que morava em Canaã, mas com medo de ser destruído mente e se apresenta aos Israelitas, como se um povo pobre chegasse de longe pedindo a ajuda de sobrevivência. Josué e os chefes acreditaram neles e fizeram o pacto de cuidar deles.

v. 22. Quando soube a verdade amaldiçoa eles, se tornam os escravos que façam ‘rachadores de lenha e carregadores de água na casa do meu Deus’.

cap.10: Conquista do sul: 5 reis Amorreus e o rei de Jerusalém contra Gabaon e Josué procura ajudar o rei Gabaon.

v.10-11; O socorro vem do Alto. Após ter errado, quando reconhece e pede perdão, Deus intervém e os erros nossos Deus faz transformar em bem e, acontece a vitória para Gabaon.

v.12: “Sol, detém-te em Gabaon, e tu, lua, ao vale de Aialon...E o sol se deteve e a lua ficou imóvel ate que o povo se vingou dos seus inimigos”

Segundo os astrólogos diz que tem menos um dia. Mas independente se é verdade ou não, Deus é o senhor da história, aquele que criou o sol pode segurar e não mover um dia.

E os 5 reis foram mortos e ficaram pendurados em 5 árvores.

No NT, em vez de pendurar os outros, Jesus mesmo ficou pendurado na cruz da madeira e poupou a nossa vida. A nossa luta é contra ‘os reis’ dos pecados capitais e vencê-los com as virtudes e com a graças batismais (virtudes teologais e cardeias) .

Cap.11: Os reis do Norte se reuniram e vieram contra Israel. Josué derrotou todos estes reis.

v. 21: Extermínio de Enacim: (Nm 13,28. Os 12 que voltaram após de 40 dias em Canã apresentaram o relatório dizendo que tem os filhos de Enac (enacim) e é perigoso prosseguir para a Terra prometida).

cap. 12: os nomes dos reis que Josué conquistou.

SEGUNDA PARTE: 13-22: A DISTRIBUIÇÃO DA TERRA:

13. Josué já é velho v.1

13.1-13: A relação da terra ainda não conquistada (e que conseguirá conquistá-la somente no tempo do rei Davi e Salomão).

13,14-33: Faz uma retrospectiva das heranças já distribuídas por Moisés na Transjordânia, às tribos de *Rúben, Gad, a metade da tribo de Manassés* e sobre a porção de Levi.

14,1-5: A distribuição de terras da Cisjordânia às oito tribos e meia, por meio de sorteio, diante do sacerdote Eleazar (sucessor de Arão), de Josué e dos chefes das tribos de acordo com Nm 32,28.

14 -15,19: Diz respeito ao território de Hebron, destinado a Caleb (de acordo com o território atribuído a Judá).

15-19: O inventário da distribuição da Terra segundo a ordem geográfica.

20: Apresenta **as cidades de refúgio**, destinadas a proteger homicidas involuntários da vingança do parente mais próximo. A lista contempla cidades localizadas tanto na **Cisjordânia** quanto na **Transjordânia**.

21: Elenca as cidades dos levitas, distribuídas em meio aos territórios das tribos.

22: O capítulo retoma o início do livro (Js 1,12-18) em que os que são da **Transjordânia** (*Rúben, Gad, e metade da tribo de Manassés*), são convocados para se unir aos demais na conquista da terra. Esses agora concluída a posse da terra, com a bênção divina, são **despedidos** para retornarem às suas casas (11.1-9).

Narra-se nesse retorno **a construção de um altar junto ao Jordão**, que causa conflitos com as tribos da Cisjordânia. A questão é resolvida, quando o altar é apresentado às tribos, dos dois lados do Jordão, como testemunho de unidade no mesmo Deus (Js 22,10-34).

23-24: Últimas instruções de Josué e morte: Josué retoma toda a história percorrida afirmando que Deus estava com eles.

24. A assembleia de Siquém e o pacto de fidelidade. Termina com a narração da morte e sepultamento de Josué.

3. **O CONTEXTO:** Os Israelitas durante o tempo do exílio babilônico (VI séc a.C).

4. **CHAVES DA LEITURA / OS TEMAS E ENSINOS PRINCIPAIS:**

1. **O povo de Israel é um povo escolhido por Deus** e tudo o que ele tem é dom de Deus, começando pelo solo em que pisa. A terra era a promessa de Deus à Abraão e aos seus descendentes (Gn 12,1). Ao longo de todo o Pentateuco a promessa da Terra está sempre no horizonte para animar o povo na sua peregrinação no deserto, alimentando sua fé e sua esperança no Deus que o libertou das garras do faraó, rei do Egito. **A terra é dom e conquista, requer fidelidade (Js 1,8 e 24,25).** Embora seja dom, os Israelitas devem conquistá-la. A condição para não perder a terra é a fidelidade a Deus, à Palavra de Deus e a comunhão entre si. Pois, Deus é fiel nas suas promessas (Js 21,43-45) e "se violardes a aliança que o Senhor, vosso Deus, fez convosco, indo servir outros deuses e prostrando-vos diante deles, o furor do Senhor se inflamará contra vós e sereis depressa tirados desta excelente terra que vos deu" (23,14-16). O livro inicia e conclui com a promessa da fidelidade da parte de Deus e do povo (Js 24,25).

2. O papel de **um bom líder para o sucesso de um grupo** (Js 1,1-9): "Sê firme e corajoso, porque tu hás de introduzir esse povo na posse da terra que jurei a seus pais dar-lhes... Que o Livro desta Lei esteja sempre nos teus lábios, medita nele dia e noite cuidando de fazer tudo o que nele está escrito; assim prosperarás em teus caminhos e serás bem-sucedido... Não te afastes dela nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas feliz em todas as tuas empresas." (1,7-8).

O roubo e a infidelidade, da parte de um só pode prejudicar a família inteira e a sociedade, assim como aconteceu com Acã (Js 7). Conquista é uma experiência coletiva, com a qual todos precisam comprometer-se.

3. **A passagem do rio Jordão, um ato litúrgico;**

Como uma grande procissão ao redor da **Arca da Aliança**, carregada solenemente pelos levitas, o próprio Deus caminha com seu povo. Após a travessia, o santuário Guilgal torna-se testemunha de dois importantes eventos: a *circuncisão* (a aliança com o Deus de Abraão Gn 17, 9-14) e a *páscoa* (promessa feita a Moisés em Ex 3,8). E o fato de ter cessado o maná e comerem do fruto da Terra mostra a realização da promessa de Deus. Js 5,15 retoma Ex 3,5 "tira as sandálias dos pés porque o lugar que estás é uma terra santa"¹.

Uma construção teológica:

¹ Cf. É bom lembrarmos que cada país é acompanhado por Deus, como por ex. Brasil, a Terra de Santa Cruz e a primeira Missa 26/04/1500.

- A. Teofania (Ex 3)
- B. Páscoa da saída (Ex 12)
- C. Milagre do mar vermelho (Ex 14)
- D. Provas do deserto (Ex 16-17) Maná

SINAI (Dom da lei – Aliança Ex 19-24)

- D' Prova do deserto (Nm 20-32);
- C' Milagre do Rio Jordão (Js 3);
- B' Páscoa da entrada (Js 5,10);
- A Teofania.

4. Deus pode usar até uma prostituta para salvar um povo inteiro.

A prostituta cananeia, Raab, ajuda os espiões enviados por Josué a sondar o território enganando os emissários do rei do seu povo (Js 6,2-17.25b). Raab professa a fé no Deus de Israel.

No NT, é citado Raab como exemplo de fé (Hb 12,31). Na carta de São Tiago a considera como justa devido ao ato da caridade (Tg 2,25). E Raab entrou até na genealogia entre os antepassados de Jesus² (Mt 1,5 e Lc 3,32), entre as 4 mulheres: Tamar (Gn 38) Rute e Betsaida (2Sm 11).

5. “Deus combate por Israel” (Js 10,14) e extermina os seus inimigos que também são seus filhos?

A guerra santa e as muralhas de Jericó (**Js 5,13-6,27**). Como entender um Deus que conduz uma guerra “santa” junto com as celebrações litúrgicas? A imagem *guerreira e violenta* de Deus que mata os habitantes nativos para dar a Terra ao seu povo (Js 6,17-21).

O livro apresenta o extermínio sagrado de cidades, como de Hai (Js 8,26) e também relata que, com o consentimento de Yahweh, que os homens de Josué passam a fio de espada os habitantes dos lugares ocupados (Js 8,24). Aqui está a leitura teológica do texto: O extermínio radical é necessário para não cair de novo nas tentações de infidelidade. (Ref. Mt 12,43-45) "Se abandonardes o Senhor para *servir outros deuses*, ele se voltará contra vós e vos fará mal, e vos consumirá, depois de vos ter feito bem" (Js 24,20). A intenção de demolir as monarquias idólatras, “cananeus”, é para os israelitas não se misturarem com eles contraindo os matrimônios e para depois disso não se afastarem de Deus seguindo seus ídolos. O matrimônio era uma forma de estabelecer alianças, aproximando famílias pertencentes a grupos e práticas religiosas diferentes.

A promessa do povo (Js 24,25) serviu para incutir nos exilados o desejo de voltar a ser fiel a Deus. Seguir outros deuses significa perder a Terra e atrair a ira divina (Js 23,16). **O passado é a interpretação do presente.** O narrador constrói uma história a partir do ângulo de visão de Israel. De fato, o texto não

² Raabe teria sido esposa de Salã e mãe de Boaz, que foi bisavô de Davi

fala de Israel e de suas conquistas, mas fala para Israel a respeito da sua relação com YAHWEH seu Deus.

6. A experiência com os gabaonitas (Js 9):

O erro não está em dar ajuda, mas em não consultarem a Deus (9,14) e misturarem-se com eles comendo os alimentos deles. E assim, a ajuda dada tornou-se um grande perigo para Israel³.

7. “Sol, detém-te⁴ em Gabaon, e tu, lua, no vale de Aialon. E o sol se deteve e a lua ficou imóvel até que o povo se vingou dos seus inimigos” na batalha de Gabaon (Js 10,12-13).

Assim como aconteceu na travessia do mar vermelho (Ex 14,21) e no rio Jordão (Js 3,16), assim como as estrelas lutaram contra Sísera na batalha de Débora (Jz 5,20). O Deus criador pode suspender *a lei da natureza* a favor do seu povo no seu combate contra os males. A vitória de Israel não depende de suas forças, nem da potência de seu exército, mas de sua fé e do culto ao seu Deus. E Josué não é um rei, nem um líder militar, mas sim, um executor das ordens divinas, como foi Moisés

LIVRO DE JUÍZES

TÍTULO:

O título deste livro é extremamente apropriado, pois narra as façanhas dos “juízes”, ou seja, funcionários especiais que Deus colocou à frente de seu povo para guiá-lo e libertá-lo de seus inimigos (2,16-19) .

O termo hebraico significa “libertadores” ou “salvadores”, mas também “juízes” (ver Dt 16,18; 17, 9; 19,17).

AUTOR E DATA:

O texto não especifica a autoria do livro, mas o Talmud o atribui a Samuel, um profeta de fundamental importância que, tendo vivido na época em que

³ Cfr. É bom refletirmos aqui sobre a acolhida dos estrangeiros na Europa e as experiências dos escravos no Brasil.

⁴ Foi uma frase de bastante consequências na história da humanidade e da ciência. Quando o homem lê a Palavra de Deus, como livro científico acontecem erros. Consequências: os sofrimentos dos cientistas como Galileu Galilei e Nicolau Copérnico. Segundo Copérnico: O sol se encontra fixo (imóvel) no centro do sistema e todos os planetas giram em torno do sol completando uma órbita em 365 dias (1 ano); A Terra gira em torno de si mesma, como um pião, é o chamado movimento de rotação que dura 24 horas (1 dia) Sendo assim, a Terra possui dois movimentos: girando em torno do próprio eixo e em torno do sol. Mais tarde, no século seguinte, as observações de Galileu Galilei confirmariam esta teoria. Porém para ser aceito precisou muito tempo.

ocorreram os acontecimentos narrados, poderia ter feito um relato preciso deles (ver 1Sm 10,25).

Dado que os Jebuseus ainda tinham o controle da região (Jz 1,21), este período precede a conquista de Jerusalém por Davi em 1004 a.C. (2Sm 5,6-7).

Além disso, o autor descreve uma época em que nenhum rei estava no poder (17,6; 18,1; 21,25).

O texto provavelmente foi escrito logo depois que Saul começou a reinar (c. 1043 aC).

Uma parte do texto foi escrito no norte de Israel antes da invasão dos Assírios *pela escola eloísta* e posteriormente acrescentados com outros textos durante e depois do exílio babilônico. Os cap. 17-21 acrescentados após o exílio babilônico. Por isso são várias as etapas da formação deste livro. Talvez tivessem como primeira referência o cântico de Débora (Jd 5), um dos textos mais antigos do Antigo Testamento.

ESTRUTURA DO LIVRO:

O livro dos Juízes, podemos dividir em três partes:

1,1-2,5: *Introdução* que foi colocada como texto posterior, pois a continuação com Josué começa no 2, 26-10 que dá continuidade a Js 24,29-31 ou seja, temos duas introduções.

2,6-16,31: *O corpo do livro* (A cronologia dos Juízes é artificial).

17-21: Duas adições que narram a migração dos danitas com a fundação do santuário de Dã (17-18) e a guerra contra benjamim em punição do crime de Gabaá (19-21).

CONTEXTO E AMBIENTE DO LIVRO DE JUÍZES:

O livro dos Juízes narra um período histórico de aproximadamente 300 anos, desde a conquista de Josué (1398 a.C.) ao início da monarquia (1043a.C), período de Eli e Samuel.

O Livro é bastante heterogêneo, composto por uma justaposição de histórias muito arcaicas e reelaborações posteriores, de episódios históricos a construções mitológicas, de prosa seca a passagens poéticas estupendas.

Deixando para trás as gloriosas epopeias da conquista da Terra Prometida, começa a existência de Israel na Terra Santa, cercado por inimigos externos e internos de todos os tipos. A conquista não havia sido definitiva, como mencionado, e as populações indígenas cananeias aguardavam apenas o momento da vingança. Por esta razão, as tribos individuais de Israel elegeram, muitas vezes independentemente umas das outras, líderes chamados Juízes,

que reuniam o poder político, militar e judicial, daí o primeiro nome. E assim, antes dos livros dos Reis, aqui está o livro dos Juízes.

O ambiente do livro dos Juízes constitui a trágica continuação de Josué. Se em Josué o povo obedeceu a Deus tomando posse da Terra Prometida, em Juízes mostra-se desobediente, idólatra e muitas vezes derrotado.

Jz 1,3-6 descreve os eventos finais do livro de Josué, e Jz 2,6-9 narra a morte deste grande líder (ver Josué 24,28-31).

O texto descreve sete fases distintas do afastamento de Israel do Senhor, que começou antes mesmo da morte de Josué e posteriormente resultou numa apostasia geral.

Existem cinco razões básicas para estas fases sucessivas do declínio moral e espiritual de Israel:

1. A desobediência de um povo que não expulsou completamente os cananeus da terra (Jz 1, 19. 21.35);
2. Idolatria (2,12);
3. Casamentos mistos com os ímpios cananeus (3,5-6);
4. A rebelião contra os juízes (2,17);
5. O distanciamento progressivo de Deus após a morte de cada juiz (2,19).

Dos **quatorze juízes**, seis eram guerreiros (Otoniel, Aod, Débora, Gideão, Jefté e Sansão). Dois em particular se destacaram como guias espirituais: *Eli*, juiz e sumo sacerdote (mau exemplo); *Samuel*, juiz, sacerdote e profeta (um bom exemplo).

Estes juízes não são juízes que julgam o país inteiro, mas são líderes, libertadores, guerreiros dos pequenos grupos e por isso um juízo não é conhecido em todo o país dos Israelitas.

Nas biografias dos **juízes maiores**, a reformulação do Deuteronomista está claramente presente de diversas maneiras. À semelhança do que fez em Josué, este autor estende a todo o Israel o que dizia respeito a uma ou a algumas tribos. Coloca as ações dos juízes num quadro cronológico, indicando a duração do seu julgamento em números, muitas vezes convencionais: 20, 40 e 80 anos.

Através da formulação teórica da segunda introdução (2.6-3.6) e da concretude da história dos juízes, o livro apresenta **as causas que levam Israel ao seu verdadeiro mal**, ou seja, ao seu afastamento de Deus para servir aos deuses como Baal e Astarte.

As biografias dos juízes maiores caracterizam-se por **4 momentos**, segundo uma formulação talvez devida ao editor deuteronomista:

1. **Israel peca;**
2. **Deus o pune com a invasão dos inimigos;**
3. **No sofrimento, Israel implora a ajuda do seu Deus;**
4. **Finalmente, Deus envia o juiz libertador.**

Podemos resumir estes momentos em quatro palavras: **pecado, castigo, arrependimento e salvação.**

O livro destaca também que alguns **juízes são dotados do Espírito do Senhor**, o que lhes permite cumprir a sua difícil missão.

São quatro juízes: **Otniel (3,10), Gideão (6,34), Jefté (11,29) e Sansão (14,6; 15,14)**, explicitamente indicados como os líderes carismáticos de Israel.

TEMAS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS:

Na narrativa dos Juízes, mais temática do que cronológica, emergem dois temas principais: **o poder divino e a misericórdia concedida segundo a promessa.** Manifestam-se na libertação dos israelitas das consequências dos erros causados pela sua conduta deplorável (2,18-19; 21,25).

Sete fases nas quais o pecado e a libertação se sucedem e marcam ciclicamente a obra libertadora de Deus nas diferentes áreas geográficas previamente atribuídas às tribos através de Josué (Js 13–22).

A apostasia se espalhou por todo o país, como evidenciado pela menção distinta de cada região: sul (3,7-31), norte (4,1–5,31), centro (6,1–10,5), leste (10,6–12,15) e oeste (13,1–16,31).

O poder de Deus, expresso na libertação fielmente concedida, brilha contra o fundo sombrio dos miseráveis compromissos humanos e das perversões por vezes bizarras do pecado, como é evidente no compêndio final (17-21).

O último versículo do livro (21,25) pinta um quadro preciso da situação: “Naquela época não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia correto.”

A cronologia da sucessão dos vários juízes nas numerosas regiões do país cria perplexidades quanto à duração dos diferentes intervalos de tempo e à coincidência da sua soma com o período global que vai do êxodo (1445 a.C.) ao quarto ano do reinado de Salomão, 967/966 a.C. , período que, segundo o que está escrito, **durou 450 anos.**

Uma explicação razoável é aquela que contempla a possibilidade de sobreposições entre as diferentes fases da libertação e os anos de paz sob os juízes nas diversas regiões do país; algumas dessas fases não seriam, portanto, consecutivas, mas contemporâneas.

A estimativa proposta por Paulo em Atos 13,20 (150 anos) é aproximada.

ESBOÇO DO LIVRO:

Introdução e Resumo: A Desobediência de Israel (1,1–3,6);

Expulsão incompleta dos cananeus (1,1-36);

O declínio e julgamento de Israel (2,1–3,6)

EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DOS JUÍZES:

A Libertação de Israel (3,7–16,31);

- 1º período: Otoniel contra os mesopotâmicos (3,7-11);
- 2º período: Aod e Samgar contra os moabitas (3,12-31);
- 3º período: Débora contra os cananeus (4,1–5,31);
- 4º período: Gideão contra os madianitas (6,1–8,32);
- 5º período: Tola e Jair contra os excessos de Abimeleque (8,33–10,5);
- 6º período: Jefté, Ibsã, Elom e Abdom contra os filisteus e amonitas (10,6–12,15);
- 7º período: Sansão contra os filisteus (13,1–16,31);

Epílogo (Apêndices): A Desolação de Israel (17,1–21,25);

Texto acrescentado posteriormente devido aos acontecimentos anteriores à monarquia.

- A idolatria de Miquéias e dos Danitas (17,1–18,31);
- O crime de Gibeá e a guerra contra Benjamim (19,1–21,25);

DÉBORA (CAPÍTULOS 4-5)

Débora se opõe a **Jabim**, rei da cidade cananéia de Hasor, que tiraniza as tribos do norte com seu exército, liderado pelo poderoso general Sísera⁵.

São apresentadas duas versões da história de Débora⁶, a primeira mulher a se tornar juíza, mas também descrita como profetisa. (Jz 4, 4): uma em prosa, no cap.4, e outra em poesia, no cap. 5, um poema maravilhoso que, segundo alguns, é muito antigo e representa uma das primeiras páginas da Bíblia transmitida e escrita.

O braço armado de Débora é **Barac**, líder do exército israelita e responsável pela derrota de Sísera, o qual tentando salvar a sua vida fugindo, refugia-se na casa de Héber, o quenita (portanto descendente de Caim do Gênesis). Ele, **Héber**, um estrangeiro que no entanto tem uma esposa judia, **Jael**, que o mata, quebrando sua cabeça com uma estaca: cena macabra repetida diversas vezes na história da arte.

Historicamente, pensa-se que o episódio reflete as guerras vitoriosas realizadas pelas tribos do norte contra as cidades cananéias que ainda eram poderosas e longe de serem submissas, como sugeria o livro de Josué.

- No cântico 5,18: referência a Zabulon e Neftali⁷: Gn 49; Mt 4,15.
- 5,24: “Bendita entre as mulheres Jael seja..”: referência: Lc 1,42 o anjo a Maria santíssima.

⁵ A glória da cidade cananéia de Hasor foi revelada por escavações arqueológicas.

⁶ Débora significa “abelha” e Barak “raio do sol”.

⁷ Zabulon e Neftali, Terra dos Israelitas que com tempo se tornaram totalmente pagãos “Galilea das nações”. Refr.Mt 4,15; | Gn 49,13.

GIDEÃO (CAPÍTULOS 6-8)

Gideão, da tribo de Manassés se opõe **contra os madianitas**, um povo nômade do deserto do Sinai, tradicionalmente hostil a Israel, apesar dele também ter vindo a esposa de Moisés, Zípora; neste caso a hostilidade resulta na destruição de colheitas. O chamado de Gideão segue o padrão de muitos outros chamados bíblicos, inclusive os do Novo Testamento. Gideão recebe o epíteto de Jero-Baal ("juiz de Baal") porque, após sua vocação, quebrou o altar do deus pagão construído por seu pai, Joás, mas este último, aos que gostariam de se vingar de Gideão, respondeu: "Vocês querem ser aqueles que defendem Baal? Se ele for um deus, ele se encarregará de se vingar, pois seu altar foi derrubado!" (Jz 6, 31).

Antes das suas façanhas bélicas, Gideão invoca várias vezes um sinal: o orvalho molha o velo, mas deixa seca toda a terra circundante. Posteriormente, com apenas 300 homens, ele enfrenta os madianitas e os derrota. Duas campanhas são contadas sobre Gideão: uma a oeste (cap. 7) e outra a leste do Jordão (cap. 8). O papel hegemônico de Efraim entre as tribos do norte remonta a essas vitórias. Em qualquer caso, ele se recusa a ser eleito rei porque "o Senhor é a sua cabeça" (Jz 8,23).

ABIMELEQUE (CAP.9)

Pelo contrário, Abimeleque, filho de Gideão e sua concubina de Siquém, tenta estabelecer-se como rei pelo menos desta cidade; o livro relata a lenda segundo a qual, ele matou seus setenta (!) irmãos para não ter rivais que o desafiassem ao trono.

Deve-se notar em Jz 9,2, Abimeleque pergunta "aos senhores de Siquém", à nobreza: isto demonstra que no início da ocupação da Terra Prometida ela estava dividida em cidades-estados equipadas com autogoverno dos oligárquicos, como as cidades-estados gregas. Provavelmente eram ricos proprietários de terras como os senadores romanos, ou mercadores que enriqueceram através do comércio: uma situação social que se adapta muito bem a uma cidade próspera como Siquém, mas que era completamente estranha à estrutura tribal dos israelitas, pastores e agricultores.

O autor deuteronomista, a quem também devemos o livro dos Juízes, concebe a monarquia apenas como uma instituição de origem divina, e o rei como "vigário" de YHWH na terra.

A decisão unilateral de Abimeleque de tornar-se rei é, portanto, totalmente desaprovada. **Joatão**, único filho de Gideão que escapou ao massacre ordenado por Abimeleque, responde então contando uma parábola, e é inserida aqui para explicar que tipo de poder o soberano exercerá.

Na verdade, as árvores frutíferas recusam a coroa do mundo vegetal, e só a terrível e espinhosa espinheiro a aceita. Porém, Abimeleque acaba como todos os tiranos de todas as épocas e nações: um "espírito maligno" (*enviado por Deus*

na releitura teológica que a pena do Deuteronomista faz da história sagrada) **cria discórdia entre o tirano e os Siquemitas (9,22ss)**, que na verdade rebelou-se contra sua autocracia, e **Gaal, filho de Obede** (pode significar "filho de um escravo"), organiza um golpe contra ele.

Abimeleque ataca os muros de Siquém e toma-a de assalto, mas depois ousa demais atacando Tebes, uma fortaleza fortificada onde a população se refugiou, e eis que uma mulher o mata atirando-lhe uma pedra de moinho à cabeça (vv..50ss).

O livro introduz um elemento narrativo interessante ao afirmar que o moribundo Abimeleque pede a um escudeiro que acabe com ele, de modo que não se poderia dizer que ele havia morrido nas mãos de uma mulher (mas como ele sabia que a pedra de moinho não havia sido atirada por um homem?). No final na miserabilidade de Abimeleque é revelada a teoria da retribuição, muito cara ao autor deuteronomista: "Deus fez cair sobre Abimeleque o mal que ele havia cometido contra seu pai, quando matou seus setenta irmãos, e também fez cair sobre os siquemitas todo o mal que eles haviam feito" (Jz 9, 56-57).

JEFTÉ (CAPÍTULO 11)

Jefté é uma das figuras mais trágicas de toda a Bíblia. O autor apresenta-o como *filho de uma prostituta*, mas um valente guerreiro à frente do seu bando de "mercenários", e por isso chamado pelos anciãos de Gileade (região da Transjordânia) para contrariar a invasão dos amonitas. A vitória de Jefté é plena e total, mas ele cometeu um erro: jurou a Deus sacrificá-lo, em caso de vitória, o primeiro ser vivo que lhe chegasse pela porta de sua casa.

Infelizmente, a primeira a correr em sua direção é sua única filha, ainda virgem, que ele não hesita em sacrificar para manter a fé no pacto com Deus.

O episódio sangrento inspirou **Dante** com uma famosa invectiva (Paraíso V, 64-68) :

"Os mortais não devem votar por bobagens;
seja fiel e não seja vadia com isso,
como Jeftè em sua primeira dica;
o que é mais apropriado dizer "eu fiz coisas ruins",
que, ao servir, vai piorar a situação..."

Em outras palavras: era melhor quebrar o voto do que cometer um pecado pior ao cumpri-lo. Neste caso, o pior pecado é o sacrifício humano, fortemente condenado pela Bíblia: aqui Jefté parece comportar-se como os mesmos cananeus contra os quais lutou ferozmente. O autor deuteronomista apresenta-o, no entanto, como o gesto isolado de um homem que viveu nas fronteiras extremas de Israel, e certamente não deve ser imitado.

SANSÃO (13-16)

E aqui estamos com o mais famoso de todos os Juízes, Sansão (capítulos 13-16), pertencente à pequena **tribo de Dã**, ameaçado por um novo e poderoso inimigo: **os filisteus**, um povo de linhagem indo-européia que se estabeleceu na costa sul da Palestina durante o mesmo tempo em que aconteceu a fuga do Êxodo. Muitos acreditam que os filisteus pertencem aos famosos “Povos do Mar” e que, equipados com armas de ferro e carros de guerra, ameaçam os pacíficos danitas. Tradicionalmente considerado o Hércules⁸ do épico judaico.

Ao contrário das façanhas de Débora, Gideão e Abimeleque, as de Sansão são de historicidade muito controversa, provavelmente o Deuteronomista reelaborou contos folclóricos parcialmente hiperbólicos e lendários (como por exemplo, a narração do leão esquartejado com as próprias mãos de Sansão como Hércules matou o Leão de Neméia do épico grego) e os sobrepôs às tradições cananéias relativas ao culto solar. Na verdade, Sansão lembra o nome de Shamash, deus babilônico do sol⁹; sua mulher se chama Dalila, ou seja, “lua”, como se fosse uma história mítica do amor entre as duas estrelas, com o sol derrotado pela lua ao anoitecer; seu cabelo lembra os raios do sol; e, como o sol, incendeia as plantações.

O nascimento de Sansão é parecido com o de Isaac, Samuel e do próprio Jesus. Deus envia um anjo a Manoá e sua esposa para anunciar-lhes o nascimento de Sansão. A criança é consagrada a Deus e torna-se nazireu. Ele não está proibido de ter relações sexuais, porque em Israel a perpetuação da família era a única forma conhecida de imortalidade, mas ele não deve beber álcool nem raspar o cabelo. ***Na verdade, quando o sol está próximo do pôr-do-sol, perde os seus raios devido à absorção atmosférica e, portanto, perde a sua força.***

Como no caso de muitos outros escolhidos e enviados do AT, ele é uma pessoa investida de graças e poderes particulares em vista de uma missão (14,19; 15,14), mas terminando aquela determinada missão, ele perde o espírito de Deus.

Sansão conseguiu matar o leão que estava fora, mas não conseguiu matar o leão que estava dentro de si: ele se casou primeiro com uma mulher filistéia (cap14), depois se deita com uma prostituta (cap16), depois disso, ele se apaixona pela mulher de Sorec, chamada Dalila e assim, ele cai de uma fragilidade para outra e, embora tivesse tido muitas graças e vitórias na vida, no final termina com uma história triste.

No cap. 16,20 diz “Sansão não sabia que lahweh tinha se retirado dele”. As mulheres foram à ruína de Sansão. Durante o banquete de casamento com a

⁸ Hércules é um grande herói da mitologia grega que ganhou notoriedade por possuir uma grande força. Ele realizou uma série de trabalhos considerados impossíveis, e entre estes o primeiro foi matar o Leão de Nemeia, grande monstro da família de Tifão, o maior inimigo dos deuses gregos.

⁹ Shamash era uma divindade babilônica que carregava o sol em sua carruagem e por isso conhecido como o deus do sol, e era associado com a verdade e a justiça e que libertava os atormentados pelos demônios.

filisteia, pergunta aos filisteus o famoso enigma da carcaça de um leão que ele matou, na qual as abelhas construíram uma colmeia cheia de mel.

O enigma era um gênero literário frequente no Oriente Médio, também utilizado para fins didáticos; a capacidade de dissolvê-los denotava a pessoa sábia. Subornando sua esposa, os filisteus conseguem a solução, mas Sansão fica furioso e vai embora.

Ao saber que sua esposa foi dada a outro, Sansão atea fogo nas plantações dos filisteus amarrando tochas acesas nas caudas das raposas que capturou. Preso pelos inimigos, primeiro rompe as cordas que o prendem "como mechas queimadas" e depois, pegando na queixada de um burro, mata mais de mil homens.

O epílogo da história é bem conhecido: Dalila extorque de Sansão o segredo de sua força, ela raspa seus cabelos, sua força o abandona junto com o favor de Deus, e ele é capturado, cego e humilhado. Ele reza: "Senhor Yahweh, eu te peço, lembra-te de mim, dá-me força ainda esta vez..." (16,28).

A conclusão ganha o tom do "romance exemplar": arrependido, Sansão recupera as forças, mas como poderá se vingar de seus inimigos se estiver cego? Os próprios filisteus o conspiraram, arrastando-o para o templo do deus Dagom (pai de Baal) para que ele pudesse diverti-los fazendo-se de bobo. Mas Sansão quebra as colunas de sustentação do templo, que cai sobre as cabeças de seus inimigos: Diz o texto: "Houve mais daqueles que Sansão matou quando morreu do que aqueles que ele matou durante sua vida" (Jz 16, 30). Sansão reinou por 20 anos na tribo de Dã.

Assim no livro dos Juízes, mais que falar das vitórias, fala das falhas e derrotas e assim podemos concluir que no AT, acontece o ministério, mas cai o ministro. Gideão no final da vida fez um efod de adivinhação, com ouro recolhido das mãos do povo e ofereceu a baal e fez todo povo adorá-lo (8,25-27); Abimeleque teve um final triste (9,56-57) e Sansão pior ainda.

APÊNDICES:

Após apresentar as figuras dos Juízes e seus feitos, o autor nos entretém com **dois apêndices:**

o primeiro narra a origem do santuário de Dã (Juízes 17-18),

o segundo narra o crime cometido pelos cidadãos de Gabaa (Juízes 19 -21) "quando não havia rei em Israel", como o livro faz questão de sublinhar (por esta razão, segundo alguns, o livro dos Juízes representa a "pré-história" de Israel em Canaã, um pouco como a era pré-dinástica em Egito). E esta segunda parte fala das falhas das tribos, a primeira parte foram as falhas pessoais.

HISTORICIDADE

Do ponto de vista histórico é difícil estabelecer o que exatamente aconteceu naquela época, visto que o livro dos Juízes foi escrito séculos e séculos depois dos acontecimentos que narra.

Certamente o quadro da conquista que o Livro dos Juízes nos apresenta desde o seu primeiro capítulo é completamente diferente daquele encontrado no livro de Josué. Na verdade, aqui são apresentadas ações militares dispersas, realizadas por tribos individuais, independentemente umas das outras, começando com Judá, a tribo predominante no sul, enquanto no livro anterior foi dada credibilidade à ideia de que todas as tribos haviam se movido em uníssono sob o comando unitário do sucessor de Moisés, Josué.

Além disso, este livro afirma que as conquistas dos israelitas foram inicialmente limitadas: “Judá não conseguiu derrotar os habitantes da planície, porque eles tinham carros de ferro” (Jz 1, 19).

Mesmo que a reconstrução da cronologia exata dos acontecimentos seja hoje impossível, Israel provavelmente só conquistou as áreas montanhosas da Palestina e alguns territórios da Transjordânia no primeiro século depois de entrar em Canaã, onde a presença dos cananeus bem equipados era menos densa. Alguns grupos, como a tribo de Judá, entraram em Canaã pelo sul, através do Negev, e isso reforça a ideia de que haviam saído do Egito antes, na época da expulsão do Êxodo. Em vez disso, a “casa de José”, isto é, as tribos de Efraim e Manassés, entrou pelo leste, ou seja, pelo lado do Jordão, conforme descrito no livro de Josué, vindo da fuga do Êxodo. Isto explica as diferenças entre as tribos e por que a unidade política se desfez depois de Salomão.

*Israel, na era dos Juízes, é apenas **uma federação de tribos*** em busca da sua própria identidade e unidade: a mesma reunião de Siquém (Js 24) demonstra a presença na Terra Santa de clãs e tribos heterogêneas que já ali viviam e que haviam adotado cultos cananeus. Israel, portanto, ainda busca a sua identidade como povo, o que só acontecerá em 1030, com o advento da monarquia.

Quanto à historicidade dos juízes individuais, é inatingível para nós, com exceção de Débora, Baraque e Samuel. Mas o caso de Sansão é exemplar mais uma vez. Não há dúvida de que suas façanhas foram exageradas; no entanto, como acontece com outras figuras semi míticas, de Gilgamesh a Heitor, de Orfeu etc. não podemos provar a sua historicidade nem negá-la completamente. Nele sobrevivem memórias de tempos ancestrais, em que a escrita não era utilizada e era fácil amplificar lendas, deixando o campo livre à imaginação. Na impossibilidade de reconstruir como nasceu a lenda, mantemo-la com toda a exuberância artística e literária que produziu e sobretudo com o seu significado moral, o que ainda soa verdadeiro hoje.

SENTIDO TEOLÓGICO DO LIVRO:

Uma coisa deve ser absolutamente lembrada: embora seja um dos livros históricos da Bíblia, a intenção do Livro dos Juízes não é de forma alguma historiográfica, mas teológica, como claramente destacado em Jz 10,6-16:

“Os israelitas continuaram a fazer o mal aos olhos do Senhor e serviram aos Baals, aos Ashtartins, aos deuses da Síria, aos deuses de Sidon, aos deuses de Moabe, aos deuses dos amonitas e aos deuses dos filisteus; eles abandonaram o Senhor e não o serviram mais. A ira do Senhor acendeu-se contra Israel e ele os entregou nas mãos dos filisteus e nas mãos dos amonitas. Estes afligiram e oprimiram os israelitas durante dezoito anos, todos os filhos de Israel que estavam além do Jordão, na terra dos amorreus em Gileade. Então os amonitas atravessaram o Jordão para lutar também contra Judá, contra Benjamim e contra a casa de Efraim e Israel ficou em grande angústia.

Então os israelitas clamaram ao Senhor: “Pecamos contra ti, porque abandonamos o nosso Deus e servimos aos Baalins”.

O Senhor disse aos israelitas: “quando os egípcios e os amorreus, os amonitas e os filisteus, quando os sidônios, Amalec e Maon vos oprimiam, e vós chamastes por mim, não os salvei das suas mãos? Mas vós me abandonastes e servistes a outros deuses. Por isso não vos salvarei mais. Ide, clamai aos deuses que escolhesteis! Eles que vos salvem, no tempo da vossa angústia”. Então os israelitas disseram ao Senhor: “Nós pecamos; faça conosco o que quiser; livra-nos apenas hoje”. Eles fizeram desaparecer os deuses estrangeiros que tinham consigo, e serviam a lahweh. Então lahweh não pôde mais suportar a angústia de Israel”

Esse padrão é repetido inúmeras vezes no livro. É essencialmente um esquema quadripartido da teologia deuteronomista.:

O Pecado, a infidelidade à Aliança com a qual o povo se distancia de Deus:

“Os israelitas fizeram o que era mau aos olhos do Senhor”; ou “Eles adoraram Baal afastando-se do Senhor”. Este pecado é bastante natural, no contato com povos pagãos que muitas vezes praticam a prostituição sagrada. Observe como o pecado é apresentado como prostituição e adultério, já que a relação entre Deus e seu povo é muitas vezes descrita através da imagem da união conjugal.

O Castigo, considerado uma reação divina ao mau comportamento do povo: sempre assume a forma do abandono de Israel por Deus aos seus inimigos.

Arrependimento: sob o açoite do castigo, os judeus se arrependem e voltam à adoração do único Deus.

Libertação, consequência do regresso a Deus: O Senhor mostra a sua misericórdia enviando um “salvador”, isto é, um juiz. A expressão comumente repetida é: “O Senhor levantou um libertador...”

Mais uma vez, a teoria da retribuição mencionada acima está em ação: uma teoria que encontraremos novamente diversas vezes em nossa longa jornada.

LIVRO DE RUTE

Rute é um dos livros mais curtos do Antigo Testamento (apenas 4 capítulos), mas brilha pela sua prosa ágil e eficaz e, acima de tudo, pela mensagem de tolerância e esperança que transmite ao antigo Israel.

Não é por acaso que Rute foi incluída pelos judeus entre os cinco "**Megillot**", os cinco "*pergaminhos*" particularmente caros à liturgia da Sinagoga, porque são lidos integralmente por ocasião de festas particulares: além de **Rute**, são o **Cântico dos Cânticos**, **as Lamentações**, **Ester** e **Eclesiastes**.

Rute é lida na festa de Pentecostes, talvez pelo contexto natural que evoca, o da colheita, época em que se celebrava esta solenidade. E para os judeus não é um livro histórico, mas um livro didático e profético.

Para nós cristãos o livro de Rute faz parte dos livros históricos, pois começa com a situação de Israel antes de Samuel e diz assim "durante o tempo dos juízes que teve a fome no país" (1,1). Rute é apresentada como a bisavó de Davi conforme os últimos versículos do livro (4,21).

E do estudo do livro dos juízes estudamos que a fome era a consequência dos pecados do povo e, neste tempo em vez de corrigir e tomar a consciência, a família de Elimeleque com sua mulher Rute mudou o local e foi morar nas terras dos estrangeiros, na terra de moab (*os descendentes dos filhos de Ló, entre o povo que Deus tinha mandado matar, para não misturar-se com outros povos*). Chegando lá os dois filhos crescem, casam-se com mulheres estrangeiras e após um tempo, o pai e os filhos morreram e ficaram as três viúvas.

Por outro lado, foram de Belém para Moab. Deixaram a Belém ("a casa do pão") e abraçaram a terra estrangeira, descendentes das prostitutas. Não compreenderam que Deus tinha um plano, resolveram de uma forma não segundo o coração de Deus. Mas Deus ainda transforma a história do pecado do homem numa fonte da graça e, o livro de Rute apresenta este intervento de Deus nesta família.

ESTRUTURA E CONTEÚDO

O capítulo 1 conta como, durante uma fome, Elimeleque de Efrata (ou seja, de Belém, terra natal do rei Davi) emigrou para Moab, país próximo da Jordânia, junto com sua esposa Noemi e seus dois filhos. Os dois filhos se casam com as mulheres Moabitas. No entanto, o infortúnio atinge o seu lar: Elimeleque e seus dois filhos morrem em poucos anos. Noemi decide voltar para a Judéia e se despede das noras; as duas moças têm duas opções na frente e segundo suas decisões vai determinar o futuro. Enquanto Orfa permanece no país de Moabe,

Rute decide segui-la e volta com ela para Belém, logo no início da colheita da cevada.

No capítulo 2, Rute vai respigar nos campos de Boaz, parente de seu marido, que não apenas a deixa fazer isso, mas também lhe oferece comida e ordena que seus servos deixem propositalmente algumas espigas de milho, para que ela possa coletar; Na verdade, Boaz ficou impressionado com a lealdade que Rute demonstrou para com Noemi, concordando em vir morar numa terra estranha para ela. Quando Rute relata isso a Noemi, ela se alegra porque sabe que Boaz é parente de Elimeleque e, portanto, pode ser seu “redentor”.

No capítulo 3, a astuta Noemi prepara o encontro decisivo entre Rute e Boaz, aconselhando a nora a se comportar como uma noiva: uma vez que Boaz se deite na eira, ela se deita ao lado dos pés dele. Quando o mestre do campo desperta, Rute se dirige a ele como seu redentor. O homem aceitaria, mas afirma que há um parente de Elimeleque mais próximo dele que poderia aspirar a esse papel com bons motivos.

Assim, **no capítulo 4**, Boaz vai até o pretendente e usa uma estratégia inteligente para dissuadi-lo. Na presença de dez testemunhas, por se tratar de ato jurídico oficial, ele propõe à outra parte o resgate dos bens de Elimeleque, falecido marido de Noemi. Seu rival estaria disposto a aceitar o resgate, mas, ao saber por Boaz que isso também envolve o casamento com sua nora viúva, ele não sente vontade de assumir esse fardo (talvez por saber que Rute não é judia), e recusa em favor de Boaz. Boaz então toma Rute como esposa e todos vivem felizes para sempre, assim como em um conto de fadas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E TRADIÇÕES JUDAICAS.

O Redentor:

O termo “redentor”, ou “resgatador” em hebraico “*goel*”, indica o irmão do falecido marido, ou outro parente próximo, que se compromete a casar com a sua viúva para garantir que o falecido tenha descendência e, portanto, a continuação do seu nome. Esta é a famosa “**lei do levirato**” (do latim *levir*, “cunhado”), apresentada em Deuteronômio 25, 5-6, mas já aplicada desde a época dos patriarcas, como demonstra a famosa história de Er, Onan e Tamar em Gênesis 38 (provavelmente o autor bíblico relata um costume muito posterior à era patriarcal). Todo o livro de Rute joga com essa norma para apresentar a idílica e quase bucólica história de amor entre Boaz e Rute.

A sandália:

O livro de Rute apresenta-se quase como um “thriller jurídico da antiguidade”, pois para aplicar a lei do levirato é necessário que Boaz contorne um parente mais próximo que ele de Elimeleque. Para fazer isso ele precisa brincar com as sutilezas dos costumes judaicos; e a transição entre o pretendente anônimo e Boaz ocorre através de uma cerimônia muito arcaica, que certamente tem as

suas raízes numa época pré-existente à fundação da monarquia unitária. O ritual envolve a entrega de uma sandália, o que provavelmente se explica pelo fato de a sandália pisar a terra, sendo portanto um símbolo de posse: quem coloca a sua sandália na terra deve ser considerado seu dono. Este costume é atestado em outras partes da Bíblia. Por exemplo, no Salmo 60,10 o Senhor declara: «Moab é a bacia para me lavar, sobre a Iduméia lançarei as minhas sandálias, sobre a Filístia cantarei a vitória! »

Também neste caso o gesto de “jogar fora as sandálias” indica a reivindicação de um domínio. Em vez disso, em Deuteronômio 25, 9-10, o gesto de tirar a sandália tinha um significado ignominioso; isso nos leva a pensar que o livro de Rute não nasceu num ambiente deuteronomista, mas num ambiente muito posterior.

Lia e Raquel:

Lia e Raquel são as duas esposas de Jacó/Israel, consideradas as mães da nação judaica, pois geraram a maioria das tribos (as outras foram geradas por suas escravas e, portanto, de acordo com a lei judaica, também deveriam ser consideradas seus descendentes). Em particular, Lia gerou Rúben, Simeão, Levi e Judá (portanto *o reino do sul*), enquanto Raquel gerou José e Benjamim (e portanto *o reino do norte*). O desejo dirigido pelo povo a Boaz (4, 11-12):

«Que o Senhor faça com que a mulher que entra em sua casa seja como Raquel e Lia, as duas mulheres que fundaram a casa de Israel. Obtenha riquezas em Efrata, faça seu nome em Belém! Que a tua casa seja como a casa de Perez, que Tamar deu a Judá, graças à posteridade que o Senhor te dará desta jovem! »

É, portanto, um prenúncio de fertilidade. Raquel é mencionada aqui primeiro porque, segundo a tradição relatada em Gênesis 35,19, seu túmulo está localizado perto de Belém, casa de Boaz e Noemi.

Genealogia

É assim que termina o livro de Rute (4, 18-22):

« Esta é a linhagem de Perez: Perez gerou Hezron; Hezrom gerou Arão; Arão gerou Aminadabe; Aminadabe gerou Naasson; Naasson gerou Salmon; Salmon gerou Boaz; Boaz gerou Obede; Obede gerou Jessé, e Jessé gerou Davi. »

É, portanto, uma genealogia seca. Como diremos ao falar dos Livros das Crônicas, as genealogias eram um gênero literário muito popular em Israel, uma vez que os membros de cada tribo individual estavam ansiosos para averiguar a sua origem e, portanto, a sua pertença a este ou aquele clã poderoso. Isto se aplica especialmente ao Rei Davi, que iniciou sua brilhante carreira como rei da

única tribo de Judá. E como Perez era o filho primogênito que Judá teve da sua nora Tamar (Gn 38, 6-30), ao exibir esta genealogia Davi poderia muito bem gabar-se do direito à coroa.

Naturalmente, apenas alguns links da genealogia são relatados, porque mais de 500 anos se passaram entre Judá e Davi e, portanto, os representantes da dinastia certamente não podem ser apenas dez.

Rute é certamente um livro “bucólico”¹⁰, permeado por um clima de festa de aldeia, tanto que o próprio narrador parece reviver esse cenário com nostalgia, como hoje se faz com os contos dos bons e velhos tempos, que tinham como objetivo uma civilização camponesa já desaparecida para sempre. A colheita da cevada é vivida como uma celebração coral, parece que podemos ouvir os meeiros cantando as suas canções alegres enquanto colhem o cereal, e neste cenário postal há também lugar para a bela jovem respigadora, de quem, como uma nova Cinderela, o dono do acampamento se apaixona, tanto que faz falsas tentativas de se casar com ela.

Na verdade, o livro termina com a avó Noemi segurando alegremente o neto Obed nos braços. É precisamente a isto que o autor pretende chegar, em vez de narrar a casta história de amor entre Boaz e a sua noiva estrangeira, dada a sua ilustre linhagem, que coincide com a linhagem dos reis davídicos, e mais tarde até com José, o carpinteiro e com o Messias esperado. Compreendemos assim como o nosso livro ultrapassa a simples imagem do amor aldeão, para se tornar um texto profundamente religioso, permeado pelo orgulho da dinastia davídica e pela esperança do advento messiânico. Isto justifica a sua inclusão tanto na Bíblia como na Megillot, e também a frequência com que este livro é lido durante a celebração religiosa do casamento cristão.

Além disso, como todos sabemos, na genealogia de Jesus Cristo, o evangelista Mateus menciona apenas quatro mulheres (o evangelista Lucas não menciona nenhuma), duas das quais são estrangeiras (Raabe e Rute), e todas elas foram culpadas pelos fariseus de sua época:

- **Tamar**, que se disfarça de prostituta e se deita com o sogro Judá para garantir que ele tenha descendentes (Gn 38);
- **Raabe**, que por sua vez é apresentada como a prostituta de Jericó que entrega a cidade nas mãos de Josué (segundo Mateus, ela também é mãe de Boaz, embora a distância cronológica entre os dois seja na verdade de quase dois séculos (Js 1);
- **Batseba**, esposa de Urias que peca junto com Davi e por isso perde o primeiro filho, nasceu dela depois o rei Salomão (2Sm11);
- e finalmente **Rute**, uma estrangeira pagã desprezada por todos.

¹⁰ Bucólico significa campestre, rural, gracioso. Refere-se à natureza e às belas paisagens do campo. Significa também ingênuo, simples ou puro.

José, esposo de Maria Santíssima, é da família de Judá, Rute é a bisavó do rei Davi, que à sua vez, era da família de Judá. Rute foi fazer trabalhos humildes em silêncio numa terra estrangeira, mas Deus a elevou à dignidade da família real, família de Jesus.

Aqui estamos verdadeiramente diante da realização das palavras do Salmo 116: “A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular”! Rute é o símbolo da Igreja, de cada batizado que “era um estrangeiro” e Boaz é o símbolo de Cristo que nos acolhe e nos eleva à dignidade de sua esposa.

LIVRO DE SAMUEL E REIS

1 e 2 Samuel fala de Samuel até rei Davi e, 1 e 2 Reis fala da morte de Davi, a entronização de Salomão até Acab (1Rei) de Acab até Zedequias, até a deportação de Israel para Babilônia (586 a.C): (2 Reis).

E estes 4 livros constituem como uma só obra, tanto que a versão grega da Septuaginta e a versão latina de São Jerônimo, "Vulgata", preferiram chamar eles em sua totalidade dos Quatro Livros dos Reis (em grego Basilion).

REDAÇÃO

Tanto os livros de Samuel como os dos Reis remontam a um único projeto, o de delinear a história de Israel desde o fim da era dos Juízes até o fim da monarquia com a invasão babilônica de Nabucodonosor, um arco de tempo que abrange *seis séculos*.

O autor deste ciclo literário pertence ao mesmo contexto cultural e religioso em que floresceu o Deuteronomio, sendo por isso referido como um **autor “deuteronomista”**. Para reconstruir os acontecimentos dos dois reinos de Israel, ele recorre a materiais de arquivo que já não estão em nossa posse, a tradições orais e à memória histórica do seu povo.

Uma das características do autor deuteronomista é uma descrição muito apaixonada e ponderada, que não se preocupa em relatar apenas dados históricos frios, mas sobretudo *a sua interpretação religiosa de uma história*, a do povo eleito, intimamente ligada a um plano divino preciso.

CONTEXTO

Estes livros foram escritos para os judeus que estavam na escravidão de Babilônia. Eles tinham no fundo do coração uma pergunta: *“Porque aconteceu tudo isso conosco?”*. É para dar resposta a esta pergunta que escreveram o texto.

Diferente da narração crônica da história, aqui os profetas são apresentados como *peessoas*: ou *boas* ou *ruins*. Assim que narra o texto:

Por exemplo: Acab: ele fez mal diante dos olhos de Deus, ele fazia tudo para alegrar o rei (1Rei 21,25-26).

*E os reis que eram famosos nem sempre são mencionados no livro e outros que eram simples e insignificantes são apresentados com maior importância. Por exemplo, um rei chamado Omri (6º rei de Israel) era muito famoso e aqui na Bíblia tem apenas 8 versículos falando dele. Pois diante dos olhos de Deus ele não era bom.

Assim o tempo de Jeroboão II era 'era de ouro' e na Bíblia tem apenas sete versículos. Se a história normal escrevesse volumes e volumes, a Bíblia escreve pouco ou nada. Ou seja, a Bíblia narra segundo como Deus vê as coisas e não como o mundo vê.

Assim o rei Ezequias (13º Rei de Judá) reinou por 29 anos (726–697 a.C.) e diz o texto que 'nem antes e nem depois dele não houve um rei segundo o coração de Deus' (2Rei18, 5-6), que a Bíblia dá a importância para ele e dedica 2 capítulos para ele e a história nem menciona.

Deus vê o coração das pessoas e por isso a avaliação dos chefes não dá certo. Jeroboam II: durante o tempo dele, era um tempo desejado,

* Aconteceu a divisão do reino, após o tempo de Salomão, pois, o filho Roboão tomou a decisão sem consultar com pessoas de sabedoria (e sim apenas escutando os conselhos dos jovens amigos) e conseqüentemente, a terra foi dividida em duas: Israel (norte, com 10 tribos) inicia com Jeroboão (1Rs 12,20) e, Judá (sul, tribos de Benjamim e Judá) com Roboão (1Rs 12,21).

Construíram outros Templos (até então um só povo, um só templo): um em Betel e outro em Dã e colocou os bezerros para adoração (1Rs13)..

Depois de 80 anos acontece a guerra entre dois lados, e, depois Israel, com a ajuda dos reis estrangeiros da Síria e Damascos, tenta destruir Judá. E depois, mais de 80 anos têm um pouco de paz e são os tempos dos profetas de Elias e Eliseu.

No ano de **721**, a parte de norte foi destruída e deportada por Assíria e após disso nunca mais voltaram para terra e são chamados *as tribos perdidas de Israel*.

Após 140 anos, no ano de **587**, Judá vem sendo deportado para Babilônia por Nabucodonosor. Aqui de onde Abraão, há mil anos atrás, saiu (Ur de babilônia) para lá o povo vai voltar como escravo.

Os profetas Elias, Elisa, Amos e Osea (norte) Miqueia falaram ao povo de Judeia: Se vocês não são fiéis, vai acontecer a mesma coisa e assim, após 140 anos, aconteceu com Judá, com a invasão de Babilônia.

CONTEÚDO E DIVISÃO O que melhor se nota, ao determinar a estrutura dos livros de SAMUEL, é que os cap. 1-12 apresentam claras afinidades com o livro dos Juízes e que os cap. 1-2 de 1 Rs parecem o prolongamento lógico de 2 Sm 9-20. A atual divisão interna corta o relato da morte de Saul (1 Sm 31; 2 Sm 1)

e, sobretudo, a unidade mais ampla da "subida de David ao trono" (1 Sm 16; 2 Sm 5). Apesar disso, a obra apresenta-se como uma unidade literária, histórica e teológica, ligada por três protagonistas: Samuel, Saul e David.

ESTRUTURA GERAL

O seu conteúdo poderá ser dividido nas secções que apresentamos seguidamente:

- I. Infância de Samuel; a Arca e os filisteus: 1 Sm 1,1-7,17;
- II. Realeza - Samuel e Saul: 1 Sm 8,1-15,35;
- III. Subida de David ao trono: 1 Sm 16,1 a 2 Sm 5,25;
- IV. David e a Arca; êxitos de David: 2 Sm 6,1-8,18;
- V. Sucessão de David: 2 Sm 9,1-20,26; ver 1 Rs 1-2;
- VI. Vários apêndices: 2 Sm 21,1-24,25.

MENSAGEM TEOLÓGICA Os livros de SAMUEL fazem parte de um grande projeto teológico, conhecido como "História Deuteronomista". Designa-se assim o trabalho de reflexão histórico-teológico realizado cerca do ano 550 a.C. por um grupo de teólogos, guiados ideologicamente pelos princípios da teologia do Deuteronomio, a partir de fontes plurais e heterogêneas preexistentes, orais e escritas. O seu propósito não era apresentar uma "exposição neutral" da História, mas afirmar a sua "importância teológica" a partir da dolorosa experiência do desterro na Babilónia (586 a.C.).

Esta história está estruturada em quatro grandes etapas: conquista da terra (Josué), confederação tribal (Juízes), instituição da monarquia (SAMUEL), desenvolvimento e final dramático da monarquia (Reis).

Trata-se de uma "releitura histórica" destes acontecimentos. Os elementos redacionais, ainda que mais perceptíveis em Juízes e Reis, não estão ausentes nos livros de SAMUEL (1 Sm 2,22-36; 4,18; 7; 8; 10,17-27; 2 Sm 2,10-11; 5,4-5; 7). Dentro deste projeto teológico, os livros de SAMUEL sublinham três aspectos: a origem, a natureza e as exigências da monarquia em Israel, a importância do profeta, como intérprete e mediador de Deus, e a centralidade política e religiosa de Jerusalém.

1. Origem, natureza e exigências da monarquia israelita: a introdução da monarquia em Israel, como forma de governo, não esteve isenta de reticências e ambiguidades: podia supor um afastamento de Javé, o único e verdadeiro Senhor. Além disso, os modelos monárquicos existentes em redor de Israel implicavam certa divinização do rei, e adoptá-los supunha um risco acrescentado por causa das estruturas da religião javista. O equívoco desfaz-se porque o próprio Senhor dá a sua aprovação. No entanto, permanece claro que a monarquia israelita não é democrática nem autocrática, mas teocrática. Tanto Saul como David (e Salomão) são "ungidos" de Deus e "obrigados" a manter-se submissos à sua vontade, pois Deus é o verdadeiro rei do povo.

2. Importância do profeta: o profeta aparece como contraponto do poder monárquico; é a memória constante do senhorio de Deus. Face à tendência institucional (2 Sm 7), significa o elemento carismático; e, perante a pretensão absolutista do poder, assegura a consciência crítica (2 Sm 12). Samuel e Natan encarnam, de maneira especial, essas funções. A História, em todas as suas instâncias (políticas, sociais, religiosas), deve estar aberta ao juízo de Deus; e o profeta é o instrumento de que Deus se serve para isso.

3. Centralidade de Jerusalém: convertida por Deus em capital política e religiosa, Jerusalém passa a ser um dos sinais de identidade mais importantes do judaísmo. Embora a sua importância política tenha decaído, a sua estrutura religiosa adquiriu grande desenvolvimento. A teologia de Sião, expressa nos chamados "Cantos de Sião" (Sl 46; 48; 76; 87) e em grande parte da pregação de Isaías, é uma prova disso. Os livros de SAMUEL sublinham intencionalmente estes aspectos (2 Sm 5; 6; 24,18-25). Por isso, Jerusalém será também o centro de todas as instituições teológicas de Israel até ao Apocalipse (Ap 21-22).

1SAMUEL

ESTRUTURA GERAL

1-7: Samuel

8-15: Saul

16-31: Saul e Davi- Jonathan

O nome "Livros de Samuel" deriva do fato de uma opinião talmúdica tardia ter atribuído a sua compilação ao profeta Samuel, que no entanto ocupa um papel de liderança apenas nos primeiros 15 capítulos do primeiro livro.

CONTEÚDO E SUBDIVISÃO

O primeiro livro de Samuel descreve o abandono do sistema jurídico dos Juízes, com o qual as tribos muitas vezes se governavam independentemente umas das outras, e o nascimento do sistema monárquico. Abrange, portanto, um período de tempo que vai desde o século XII a.C. até aproximadamente 1010 a.C., o suposto ano da morte de Saul.

cap. 1,1-8: as duas mulheres de Elcana : Ana e Fenena

cap. 1,9-11: A oração de Ana e o nascimento e infância de Samuel

cap.2,12- A infidelidade dos dois filhos de Eli:: Hofni e Finéias. O pecado deles era grande e roubavam as oferendas feitas a Deus. Dietvama na Tenda da arca com as mulheres, e não ouviram o conselho do pai. Deus chama a atenção deles fazendo-os lembrar dos grandes feitos realizados com seu povo no passado e da sua aliança, mas não ouviram Deus e, foi tirado por isso a vida deles. E Samuel ficou cego diante dos erros dos seus filhos.

cap. 3 Deus chama Samuel no santuário da Arca enquanto estava dormindo.

cap. 4: Arca na mão dos filisteus e morte dos dois filhos de Eli e, em seguida Eli e a mulher de Finéias.

cap. 5-7: As desgraças que os filisteus sofreram por causa de ter levado a arca e o retorno da Arca para sua terra.

Fineias levou a arca da aliança, para a guerra contra os filisteus. Os filisteus tomaram a arca, levaram para **Ebnezer** e daí para **Azato** e lá deixaram num templo de **Dagon** junto com os ídolos.

De manhã, o ídolo Dagon estava caído no chão e levaram a arca então para **Gat** e por onde levavam a arca chegava doenças, pestes e todos ficaram com tumores e entenderam que a presença da Arca foi causa de todas as graças e decidiram de mandar de volta.

"... as coisas santas devem ser tratadas com santidade e tornarão santos" (Sb 6,10). No NT São Paulo dirá: "se comer pão sagrado indignamente come a própria condenação" 1 Cor 11,27. .

cap.6. A devolução da arca. A arca ficou por 7 meses no meio dos filisteus e sobrou só as desgraças e decidiram mandar de volta a arca.

A conversão de Filisteus: das desgraças aprenderam a tratar a Arca com maior santidade e procuraram os sacerdotes para levar a arca. E segundo os aconselhamentos dos sacerdotes "Fazei um carro novo, escolhei duas vacas que aleitam e que não tenham ainda levado o jugo. Atrelai-as no carro, depois de terdes preso os seus bezerros no curral. Colocareis no carro a arca do Senhor, juntamente com um cofre, no qual poreis todos os objetos de ouro que ofereceis como expiação. Depois deixai-a partir."(6,7-8).

(Aqui é bom a gente se lembrar da entrada de Jesus para Jerusalém e ele pede o jumento sobre o qual ainda ninguém tinha montado ""Ide à aldeia que está defronte de vós e, logo ao entrardes nela, achareis preso um jumentinho, em que não montou ainda homem algum; desprendei-o e trazei-mo."(Mc 11,2).

Falaram: vamos testar com os bois. Se os animais vão em direção à Bet-Sames, a fronteira com a terra de Israel, as desgraças acontecidas foram devido a causa da arca. Os animais acabaram chegando com o carro da Arca em Bet-Sames.

Os filisteus ofereceram *5 tumores de ouro* como oferenda em reparação dos pecados a Yahweh em nome de cada local por onde passou a arca pelas mãos dos filisteus: Azoto, Gaza, Ascalon, Gat Acaron. Quando viu a arca o povo se alegrou e fez festa. Mas quando viu as pessoas carregando a arca, 70 pessoas destes olharam para a arca sem dignidade e morreram (6,19), e eles falaram, levam daqui a arca embora.

E assim levaram para **Cariat-iarim** e colocou na casa de **Abinadab** e ele consagrou seu filho Eleazar como sacerdote para cuidar da arca. E a arca ficou aí para 20 anos e nestes 20 anos não pensaram nada sobre a arca.

Samuel falou: não porque vocês não levaram a arca por isso perdeu na guerra, porque vocês adoraram outros deuses.

Em todo o AT fala disso. Israel é um povo escolhido por Deus para adorar o Yahweh, não porque vocês não estão indo ao templo, mas no coração vocês

adoram e dão mais importância aos outros deuses e outros objetos, e voltam o vosso coração para Deus.

cap.7. Quando o povo ofereceu os sacrifícios, os filisteus foram derrotados e o povo conseguiu trazer de volta a Arca e nunca mais no tempo de Samuel faltou a paz em toda terra de Israel. Toda terra de **Acaron até Gat**, todas as terras por onde passou a arca da aliança agora foi entregue na mão de Israel (7,13-14). De fato, por onde passa Deus, embora sejam lugares estrangeiros, um dia será de Deus. “Ate aqui nos socorreu o Senhor” = “Eben Ezer”. (1 Sam 7,12)

cap. 8 Povo pede um rei, pois, os filhos de Samuel foram infiéis. Amavam mais dinheiro e posse e não Deus. O único erro de Samuel foi: investiu os filhos como juízes, embora eles não fossem fiéis. Ele sabia da infidelidade dos filhos de Eli e de suas consequências. (1Sam2,12ss). Os filhos não seguiram o pai. De fato, Samuel era muito ocupado com as coisas do templo e do povo e não tinha tempo para cuidar da própria família. Não ensinou nem educou os filhos no caminho do Senhor.

Paulo escreve a Timóteo (1 Tm5,8): "Quem se descuida dos seus, e principalmente dos de sua própria família, é um renegado, pior que um infiel."

O Espírito de Deus tinha ido embora deles. Algumas vezes pega tempo pra saber que o Espírito Santo já tinha ido embora. O carro continua correndo também quando o motor pára de funcionar, mas só depois vai saber que o motor já estava com problema. o que importante era o dinheiro, posse e aí aos poucos foi acabando a missão deles.

E o povo soube disso rápido: O povo compreende rápido quando tem graça e quando tem desgraças. O povo chega até a Samuel e fala: seus filhos não são como você e nos dê um rei.

Samuel consulta Deus: Deus fala: Faz por eles, eles rejeitam, não a você mas a mim. Até agora quem fez guerra foi Deus. Todas as necessidades Deus que lhe deu: o pão, a carne, a travessa do mar vermelho etc. Mas esqueceram tudo.

Cap.9. Saul vai em busca de um jumentinho e chega a casa de Samuel, o vidente. Quem é fiel nas poucas coisas Deus entregará grandes coisas. Ele saiu de casa procurando jumentas e voltou para casa com uma coroa na cabeça. Quem respeita o próprio pai sabe respeitar outras pessoas também. Anotar: a delicadeza deles de dar presente ao vidente; presença de um servo/ amigo fiel nos conduz às coisas do alto.

*O respeito e a reverência de Samuel para com Saul na refeição sabendo que ele será o futuro rei.

Cap. 10. Sagração de Saul: Samuel envia Saul para a montanha: Disse ele: você vai ver três pessoas, para providenciar suas necessidades (pão, vinho eles dão), até agora o que procurava era a jumenta, agora vai para a montanha a “Gabaá de Deus” lugar nativo de Saul com pessoas que rezam, louvam e profetizam (v11ss)” .

O Espírito Santo desce sobre Saul (v.6) e ele profetiza, quando tem a unção a pessoa recebe talentos e graças para determinada missão. Antes a jumenta era

importante para o pai e agora é seu filho. A partir da consagração o olhar dos outros a respeito de você muda. Deus faz transformar você em dignidade.

vv.13ss: Samuel não falou nada do que aconteceu com seu tio e ficou discreto sem se gloriar nada do que recebeu.

v.17ss. Saul designado por sorteio. Quando todo mundo foi procurar Saul ele estava escondido atrás dos sacos. Era homem humilde. 'Ele era dos ombros acima sobressaia a todo o povo, não há quem se lhe compare entre todo o povo' v. 23. Mas no meio tinha povo que não conseguia aceitar Saul nem lhe levaram presentes dizendo: "Como poderá esse salvar-nos? e o desprezaram, mas Saul guardou silêncio". (v.27).

CAP.11-15 : SAUL, REI: VITÓRIAS E DECLÍNIOS

cap.11. Saul e israelitas fazem uma aliança com os estrangeiros: com os amonitas: jabses falou: Não nos molestam, a gente obedece vocês e Saul falou, ok, podem permanecer". Samuel chama atenção de Saul.

Cap.12: Ruptura de Saul com Samuel

Cap.15,10: Saul é rejeitado por Yahweh

Saul era obediente, respeitoso, humilde, silencioso, pacífico mas ao final errou e foi rejeitado por Deus: "Arrependo-me de haver dado a realeza a Saul, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas ordens" . Então Samuel se contristou e clamou lahweh a noite toda. E Samuel disse a Saul: "Yahweh arrancou hoje de ti o reinado sobre Israel e o deu a um teu próximo, que é melhor do que tu" v. 28

O 1º pecado de Saul foi **13,8**: Samuel atrasou e Saul mesmo fez a oferenda ele não sendo sacerdote, usurpou seu estado do rei.

2º pecado de Saul 14,35: Saul edificou um altar e a oração foi pouco.

3º pecado (do povo) v. 21: Deus disse de não pegar nada do que foi saqueado dos inimigos na guerra: Trouxeram gado miúdo e graúdo, primícias do anátema, para sacrificá-lo a Yahweh.

16-31: SAUL E DAVI- JONATHAN

16. Unção de Davi: Samuel vai para casa de Jessé, o belemita, 'porque Deus viu entre seus filhos o rei que ele queria'. v. 6.

Após ter apresentado todos os filhos, "Não te deixes impressionar pelo seu belo aspecto, nem pela sua alta estatura, porque eu o rejeitei. O que o homem vê não é o que importa: o homem vê a face, mas o Senhor olha o coração". 16,1.

"E Jessé mandou buscá-lo. Ele era louro, de belos olhos e de formosa aparência. O Senhor disse: "Vamos, unge-o: é ele. Samuel tomou o corno de óleo e ungiu-

o no meio dos seus irmãos. E, a partir daquele momento, o Espírito do Senhor apoderou-se de Davi. 16,12-13.

17. DAVI E GOLIAS

Os três irmãos mais velhos já estavam com Saul para guerra e o pai manda Davi, o mais novo, para levar-lhes a comida e saber como estão. O irmão mais velho o reclama e Davi silencia (parece aqui como Davi revivendo a história de José do Egito!).

A resposta de Davi para Saulo: “Quando o teu servo apascentava as ovelhas do seu pai e vinha um leão ou um urso roubar uma ovelha do rebanho, eu o perseguia e o matava, tirando-lhe a ovelha da boca. E se ele se levantava contra mim, agarrava-o pela goela e estrangulava-o. Assim como o teu servo matou o leão e o urso, assim fará ele a esse filisteu incircunciso, que insultou os exércitos do Deus vivo”. vv.34-36

*Quem sabe lutar na vida privada sabe enfrentar os inimigos no público.

Cap.18-20: amor verdadeiro entre duas pessoas, Davi e Jônatas (filho de Saul) e o ódio entre duas pessoas (Saul e Davi).

Jonathas era um homem que se preocupava bastante, mais do que Saul, com o reino (cap.14); amava uma vida privada e não era para publicar as coisas boas que ele fazia. Não precisa falar tudo a todos.

"Jônatas amava Davi como a si mesmo" (18,1). e fizeram um pacto entre eles de ser fiel sempre e Jonathas dá a Davi seu manto, sua espada, seu arco e seu cinturão (v.4) Pelo direito, Jonathas deveria ser próximo ao rei, mas ele reconhece tal poder em Davi e lhe diz: “você seria o próximo rei”, e ele não tinha nada ciúme nem inveja com Davi.

cap.18 O ciúme de Saul: v.9. Saul olhou para Davi com maus olhos.

"Saul irritou-se em extremo e desagradou-lhe tal canção. “Dão dez mil a Davi – disse ele – e a mim apenas mil! Só lhe falta a coroa! E a partir daquele dia, Saul olhou Davi com maus olhos. No dia seguinte, apoderou-se dele o mau espírito de Deus e teve um acesso de delírio em sua casa. Como nos outros dias, Davi pôs-se a tocar a cítara. Saul, que tinha uma lança na mão, arremessou-a contra Davi, dizendo: “Vou cravá-lo na parede!”. Mas Davi se desviou do golpe por duas vezes.” (vv 9-11)

cap. 19. Saul quer matar Davi, Jônatas tenta de salvá-lo, **Davi foge** (e quando morre Jônatas, Davi chora pelo seu amigo (2Sam)

Davi, por **15 anos, foi perturbado por Saul. Vive nos esconderijos dos desertos** e compõe os salmos. No meio da fuga vai até Samuel.

cap 21: Nova fuga de Davi, o tempo de sofrimento e de desgraça se transforma em momentos de graça e de fé. Vá até **Aquimeleque**, sacerdote, e pede o pão

e ele lhe oferece **o pão consagrado** reservado apenas aos sacerdotes. A única condição que ele pede: se estão na abstinência virginal, mostra da santidade com que deve se apresentar a comer o pão consagrado. Aquimelec lhe dá a espada de Golias e Davi sai daí. Davi foge e chega a Gat, o rei Aquis, não consegue acreditar em Davi, o famoso como fugitivo e Davi finge ser maluco e se salva. Fugindo daí, chegando nas cavernas de Odolão escreveu os Salmos conhecidos como Salmos de Odolam. (vê: Sl 22-33).

Doeg, o edomita, chefe dos pastores de Saul viu isso e foi avisar a Saul e ele mandou matar Abimeleque e 85 sacerdotes vestidos de efod de linho (cap.22,6ss).

Cap.22. Davi chefe do bando.

cap.23. Davi, preocupado com o país, que estava sendo combatido pelos filisteus, consulta com Deus e vai combater contra eles. (23,1-3). Davi teve muitas oportunidades para matar Saul, mas ele não o fez, pois Saul era um homem ungido.

24. Davi poupa a vida de Saul em caverna e chama Saul “meu pai” v. 12. "Olha, meu pai, vê a ponta de teu manto em minha mão. Se eu cortei este pano do teu manto e não te matei, reconhece que não há perversidade nem revolta em mim. Jamais pequei contra ti e tu procuras matar-me. Que o Senhor julgue entre mim e ti! O Senhor me vingará de ti, mas eu não levantarei minha mão contra ti. O mal vem dos malvados, como diz o provérbio; por isso, não te tocará a minha mão."(vv 12-14)

Saul chama Davi: “meu filho”

"Saul disse-lhe: “É esta a tua voz, ó meu filho Davi?”. E pôs-se a chorar. “Tu és mais justo do que eu, fizeste-me bem pelo mal que te fiz. Provaste hoje a tua bondade para comigo, pois o Senhor tinha-me entregue a ti e não me mataste. Qual é o homem que, encontrando o seu inimigo, deixa-o ir embora tranquilamente? Que o Senhor te recompense o que hoje me deste!"(vv 18-20)

cap.25. Morre Samuel.

cap.27-29: Davi faz aliança com filisteus.

28. Saul não consegue escutar a voz de Deus.

cap. 30. Deus tinha falado de matar os Amalecitas. Eles vieram e levaram as mulheres e filhos de Davi e Davi vai atrás com 400 pessoas: 200 falaram "somos cansados" e ficaram e, Davi prosseguiu com outros 200 e, voltando da guerra os 200 que não queriam dar do que foi sacado da guerra para os demais e Davi disse não: eles merecem igual, pois guardaram os sacos.

cap.31. Morre Saul.

2 SAMUEL

CAP. 1-10: NARRA DO TEMPO DA VITÓRIA E DO SUCESSO DO REI DAVI.

cap.1. Davi chega a saber da notícia da morte de Saul avisado por um amalecita, (O amalecita pensou que assim conseguia receber os títulos no tempo de Davi) porém era mentira e Davi descobre a verdade e manda matar o anunciador. Davi chora por Saulo e por Jonathan. v.17. o canto da lamentação de Davi. deixa comer na mesa do rei o filho alejeado de Jonathan.

Sempre ele consultava com Deus antes de tomar uma decisão.

Davi, primeiro reina em **Judá por 7 anos** (neste tempo no norte **Abner**, soldado fiel de Saul corou o filho de Saul, **Isbaal** (2,8ss) e assim o povo teve dois reis no mesmo tempo quase como se dividindo o país em dois.

cap.2-4 As guerras entre norte e sul.

cap.3: Fala dos filhos e mulheres de Davi. Rompimento entre Abner e Isbaal e, Abner vem negociar com Davi e depois, Joab mata Abner e Davi fica triste com a notícia e em seguida matam Isbaal também..

cap.5. Davi é rei de Judá e de Israel.

Com 15/17 anos Davi foi consagrado como rei, mas a coroa vem na sua cabeça somente com 47 anos: passou pelos desertos, cavernas e montanhas, chorou muito e ele foi perseverante e esperou pelo tempo de Deus. Ele poderia matar Saul e pegar o reino. Mas não fez, aliás, ele o respeitou sempre.

A primeira vitória de Davi foi contra **os Jebuseus** de Jerusalém (o povo que Deus tinha falado de matar todos e Josué não fez e, deixou eles) e ele colocou o nome da cidade de Jerusalém na cidade de Davi. Quando soube disso, o rei vizinho, Hiram, rei de Tiro, enviou a Davi as madeiras, carpinteiros e pedreiros para construir o Templo de Jerusalém. Quando Davi obedeceu o mandamento de Deus veio chegando as graças até da parte dos inimigos.

cap.11: A PARTIR DO CAPÍTULO 11 A DECLINAÇÃO DE DAVI.

Davi lá do top da sua vida cai para cá em baixo: Tudo o que Israel conseguiu ao longo destes mil anos começa a perder a partir da infidelidade de Davi. Após quase mil anos - de Abraão até Davi (agora o povo tinha uma nação, tem um rei, todo pronto para um Templo e casas boas e as fronteiras eram bem largas) -, agora com os últimos reis (os dois livros de Reis vão mostrar isso) o povo perde tudo o que conseguiu até aqui.

A fidelidade do rei é o sucesso de um país e a infidelidade do rei é a perdição de uma nação inteira.

* Não é uma pessoa sozinha que cresce ou decresce. Caminhamos juntos e o bem de um é o bem de todos e o mal de um é o mau de muitos. Quando um pisa no mal muitos pisam junto com ele.

cap.11,1: Até agora o rei mesmo ia para combater na guerra, agora ele está relaxando e manda os junioristas para a guerra e, ele permanece em casa comendo e dormindo. Quando a gente vive relaxado, 'o pecado está na porta espreitando-te' (Gn 4). A nação está em guerra e ele está dormindo até a tarde e quando ele se levanta sem fazer nada está caminhando ... e o pecado chega. Assim a vida interior também. Se ele estivesse indo para a guerra, a história era outra. A partir desta tarde para frente começa uma grande recaída de um povo inteiro.

Eclesiástico 23, 23-29: "A alma que queima como um fogo ardente não se apagará antes de ter devorado alguma coisa. O homem que abusa de seu próprio corpo, não terá sossego enquanto não acender uma fogueira. Para o fornicador todo o alimento é doce; não se cansará de pecar até a morte. O homem que profana seu leito prejudica-se a si mesmo, e diz: "Quem me vê? As trevas me rodeiam, as paredes me escondem; ninguém me olha; a quem temerei? O Altíssimo não se recordará de meus pecados. E ele não compreende que o olhar de Deus tudo vê, que um semelhante temor humano exclui dele o temor a Deus, e que os olhos dos homens o temem. Ele não sabe que os olhos do Senhor são muito mais luminosos que o sol, que examinam por todos os lados o procedimento dos homens, as profundezas do abismo, e investigam o coração humano até em seus mais íntimos esconderijos. Pois o Senhor Deus conhecia todas as coisas antes de tê-las criado, e as vê todas, depois que as completou."

Após o pecado as consequências são muitas, o homem pode fazer tantas tentativas para resolver, mas nada vai resolver. Davi, até então sempre consultava com Deus, após este dia, tenta resolver sozinho e, não procura Deus. Só Deus consegue resolver após o pecado e o homem sozinho não pode fazer nada. Sem Deus não consegue resolver nada e nem vai acabar em bem.

Davi primeiro pensa: e agora o que faço? O primeiro obstáculo é Urias, o marido, e ele logo chama Urias para cobrir o seu pecado.

Urias, fiel a seu chamado e ao amor à pátria diz: "como vou pra casa comer e beber quando o país está em guerra?" (11,8-10). Ele tem mais amor e preocupação com a nação que o próprio rei.

De novo outra tentativa de resolver da parte de Davi: ele manda Urias para guerra com uma carta a Joab com a recomendação: coloque Urias no lugar de perigo e assim ele vai morrer pelas mãos dos inimigos. Segundo Davi, após a morte ele pode pegar sua esposa mostrando aos outros que Davi tem compaixão e caridade com Urias e esposa. Em vez de se arrepender, confiar no Senhor, ele foi resolver de outra forma com sua própria força. Pecou numa só tarde contra 5 mandamentos. O pecado tem muita gravidade, tem poder de destruir toda a nossa vida.

cap.12: Diante do intervindo do profeta Natã, Davi fala “aquele homem deve devolver quatro vezes a mais o valor da ovelha” v.6. Davi não morreu, mas os seus 4 filhos morreram: (1 Re1 1-3) **filho de Betseba: Amnon, Absalão, Adonia**). “sereis medidos, com a mesma medida com que medirdes” (Mc 4,24).

Depois de anos, Amnon toma a irmã de Absalão, Tamar (as mães eram diferentes) para violação sexual e Absalão mata Amnon e foge daí. Após 7 anos, ele volta a visitar o rei, o pai. Ele fez amizade com todos os inimigos do rei e assim aos poucos ele colocou fora da corte Davi e ele se encontra no deserto.

cap. 15-19: Os amigos íntimos de Davi se juntam com Absalão (15,13) e, ele se junta com um amigo íntimo Aquitofel (que dava conselho seja para Davi que para Absalão (v.23) e usa 7 concubinas do rei Davi sexualmente nos ambientes abertos (16,20ss).

De 12 a 20 anos seguintes podemos ver as consequências e as dores de Davi após o pecado.

* Neste período, vagando pelas montanhas e cavernas, Davi compõe os salmos de arrependimento pedindo o perdão e misericórdia de Deus.

No AT tinha 12 pecados que tem como merecimento a morte (Homossexualismo, desrespeito aos pais, sexo com os animais etc.) e por isso o salmista diz: “Os nossos pecados nos mereciam de ser assassinado”.

***Aqui devemos entender o valor de Jesus, em vez de eu morrer, Alguém se dou a vida por mim, Jesus cfr.Pd 2,24.

Aquitofel, homem sabido, entregou Davi a Absalão e Davi reza com coração ferido: ler salmos que foram escritos neste contexto: 39, 41,55,61,63.

Cap. 20. Uma pessoa da tribo de Benjamim, **Sebá**, (vem de norte) começa falando contra Davi: "Nada temos a ver com Davi. Nada temos de comum com o filho de Jessé! Volte cada qual para a sua tenda, Israel.

Todos os homens de Israel abandonaram Davi e seguiram Sebá, filho de Bocri, enquanto os filhos de Judá escoltaram o rei desde o Jordão até Jerusalém. Davi, chegando ao seu palácio em Jerusalém, tomou as dez concubinas que tinha deixado para guardar o palácio e enclausurou-as, ordenando que fossem alimentadas, mas não se uniu mais a elas; ficaram enclausuradas, vivendo como viúvas até o dia de sua morte."(v.1-3).

Cap. 21 e 24: Tem duas desgraças no país: 1ª. **Gabaonitas** (Js 9,15: os que vieram fingindo que eram pobres e Josué fez o pacto de não molestar eles) Saul tinha matado muitos Gabaonitas e veio uma carestia e, Davi resolve isso fazendo a paz de novo e, eles pediram 70 pessoas de israelitas para matarem em compensa e Davi lhes dá.

A 2ª desgraça: **Davi pensou de fazer o censo do povo** e como consequência chegou uma carestia no país, 7 mil pessoas morreram, Davi se arrepende e

pergunta ao profeta Areúna o aconselhamento e ele lhe sugere fazer três sacrifícios. Davi paga às oferendas recebidas para o sacrifício e diz a Areúna: “Não, quero comprá-la por preço, pois não quero oferecer a lahweh holocaustos que não me custam nada” 24,24. E Davi comprou a eira e os bois por cinquenta siclos de prata. A importância de pagar o que é devido a Deus e ao Templo.

** A eira de Araúna, aqui é o lugar que Abraão ofereceu o filho, aqui que Davi fez o sacrifício e parou o castigo, e, aqui que depois Salomão construiu o Templo.

LIVRO DOS REIS

Segundo o texto original e a antiga tradição hebraica, estes dois livros constituiriam uma só obra, que descreve a história da monarquia hebraica **desde a subida de Salomão ao trono até à conquista e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, em 586 a.C.** É à antiga tradução grega dos Setenta que se fica a dever esta divisão em dois livros, a qual acabou por ser transposta igualmente para a divisão e numeração do próprio texto original hebraico.

Aliás, a consciência da unidade dos conteúdos levou os Setenta a ligarem estes dois LIVROS DOS REIS com outros dois que em hebraico se chamam os Livros de Samuel e que também tratam dos inícios da monarquia. E assim, tanto nos Setenta como nas traduções latinas e modernas, inspiradas em certos aspectos por aquelas antigas traduções, o 1º e 2º Livros de Samuel eram designados 1º e 2º livros dos Reis. Por isso, os livros 1º e 2º dos REIS do original hebraico ficavam a chamar-se 3.º e 4.º dos Reis. Atualmente voltou a estar mais em uso a denominação que vem da tradição hebraica.

ESTRUTURA GERAL

- I. Fim do reinado de David e reino de Salomão: 1 Rs 1,1-11,43;
- II. Divisão do Reino. Reis de Israel: 1 Rs 12,1-22,54;
- III. Fim da História Sincrónica de Israel e Judá: 2 Rs 1,1-17,41;
- IV. Fim do reino de Judá: 2 Rs 18,1-25,30.

HISTÓRIA LITERÁRIA são parte nuclear de uma das unidades literárias mais influentes na Bíblia, além do Pentateuco: a História Deuteronomista, empreendimento de grande vulto e enorme repercussão em Israel. Por isso, a questão histórica da sua redação fica envolvida na complexidade das hipóteses levantadas e muito discutidas sobre autores, lugares e datas daquela História. Entre as muitas hipóteses propostas, é consensual considerar-se que os principais momentos de redação dos LIVROS DOS REIS se devem situar entre a parte final da monarquia, sobretudo depois do reinado de Josias, e algumas dezenas de anos depois de terminado o Exílio. Em suma, o choque do Exílio e os tempos de cativeiro na Babilónia foram muito marcantes no processo da redação destes livros.

Para essa redação foram utilizadas fontes escritas relativas à História dos reis das monarquias hebraicas, nomeadamente a História de Salomão (1 Rs 11,41), a Crónica da Sucessão de David (1Rs 1-2), o livro dos Anais dos Reis de Israel e de Judá, frequentemente citados no texto atual, além de outras fontes documentais neles referidas, mas hoje desconhecidas (1 Rs 5,7-8). Outras narrativas, como as de Elias e Eliseu, provavelmente, já existiam também antes de serem integradas na redação deuteronomista.

CONTEÚDO E DIVISÃO Versando sobre a história dinástica de Israel, o conteúdo dos LIVROS DOS REIS divide-se em três fases principais:

Em 1 Rs 1-11 descreve-se o reinado de Salomão: com alguma pompa e pormenor, narram-se as vicissitudes e os jogos de corte, por ocasião da sua designação para a sucessão, na dinastia de David, a grandeza do seu reinado, a sua sabedoria e riquezas.

No final, e quase em ar de transição, como quem abandona um recinto de festa, são-lhe feitas algumas críticas, apresentadas como causas do desmoronamento da realeza única, levando à separação dos dois reinos antes unificados.

De 1 Rs 12-2 Rs 17 decorre a parte mais longa deste conjunto, que apresenta a **História paralela dos dois reinos separados:** o do Norte, também chamado de Israel ou da Samaria, e o do Sul, também referido como de Judá ou de Jerusalém. O fio condutor desta História é a exposição paralela das duas séries de reis que personificavam, a cada momento, as dinastias dos Hebreus. O esquema de apresentação é uniforme para quase todos, traduzindo o essencial da sua biografia política e, muito particularmente, a qualificação de bom ou mau rei, segundo os critérios religiosos de valor sistematicamente aplicados.

Algumas das mais significativas interrupções deste esquema rígido acontecem com o aparecimento de personagens especiais, sobretudo Elias e Eliseu (1 Rs 17-2 Rs 13). As suas histórias tratam não apenas dos dois profetas mais prestigiados desta primeira parte da monarquia, mas de duas personagens cuja actividade profética influenciou as opções tomadas por alguns reis, condicionando o destino da própria monarquia hebraica.

A parte final (2 Rs 18-25) constitui quase um epílogo sobre a ameaçada sobrevivência da dinastia davídica de Jerusalém e a sua dramática destruição. É intensa e dramática, tanto pelos efeitos imediatos do cataclismo da Samaria, como pelas necessidades de reforma que constituíram uma reacção a médio prazo às mesmas preocupações, e pelos sinais cada vez mais claros da próxima destruição de Jerusalém, cujos sinais se tornavam cada vez mais evidentes. Assim, teríamos nestes dois livros as partes seguintes:

1 REIS

O primeiro livro dos Reis representa a continuação ideal dos dois Livros de Samuel, descrevendo a história do povo judeu **desde o século X até ao século VI a.C.**, ou seja, desde o final do reinado de Davi (cerca de 970 a.C.) até ao século VI a.C. final do reinado de Acab em 852 a.C.

No total, inclui 22 capítulos que podem ser divididos em diferentes partes:

- 1-2: **Os últimos dias do rei Davi e sua sucessão**
- 3-10: O reinado de **Salomão** com a construção e dedicação do Templo
- 11: Os pecados de Salomão e sua morte
- 12-13: **O cisma** e o nascimento dos dois estados de Judá e Israel
- 14-16: A história dos dois reinos até o ciclo do profeta Elias
- 17-22: **O ciclo do profeta Elias** (continua em 2 Reis).

Cap.1. Narra o que aconteceu perto da morte de Davi, procuram uma mulher bonita, estrangeira para esquentar o corpo dele, mas o rei não a conheceu, não teve relacionamento com ela. Agora, na velhice, perto da morte, ele conseguiu uma vitória sobre sua fragilidade. (Ela era bonita e um filho de Davi até queria casar-se com ela).

* A bíblia anota em modo especial este episódio para mostrar como é o intervindo de Deus na história de uma pessoa. A parte frágil de Davi agora vem vencida.

Davi não foi um bom pai, ele não sabia corrigir o filho.

Um exemplo: um seu **filho, Adonias**, falou: *eu vou ser o rei*, Adonias falou com todo mundo isso e fez festa e, o rei soube disso, mas o rei não o corrigiu nem interveio (1Re 4-10).

O profeta Natã intervém e avisa a Betsabéia, a mãe de Salomão, sobre Adonias, que se autoproclamou rei e ela, a sua vez foi falar com Davi e em seguida o profeta Natã vai até Rei e repete a mesma coisa e então, Davi proclama Salomão como sucessor do seu trono e manda ele fazer as oferendas a Deus e acontecer a coroação.

"O sacerdote Sadoc desceu com o profeta Natã, e fizeram montar Salomão na mula de Davi e conduziram-no a Gion (prediz a entrada de Jesus como rei).

Últimas palavras de Davi, antes de morrer, chama Salomão e lhe diz para matar logo Joab e Semei que são seus próprios filhos (2,36-46). Davi falou que tinha perdoado, mas aqui dá pra ver que não perdoou.

* Aqui está a diferença do perdão entre NT e AT. Somente com Cristo que acontece o verdadeiro perdão. Salomão assim começa seu reinado derramando o sangue dos outros irmãos, e, Jesus, filho de Davi, começou com o próprio sangue.

Cap. 2 Testamento e morte de Davi. Adonias, seu filho (não conseguiu o reino) deseja casar com Abisag (vv 17-25) (a mulher bonita de última hora de Davi) e falou com ela: você vai falar com Salomão e quero Adonias como esposo. Salomão pega raiva e mata Adonias. (2,19): o rei se levantou e preparou ao lado dele a mãe Betsabeia (*gabira* – hebraico-rainha mãe).

** Em Israel a segunda posição no reinado não é a esposa, mas a mãe do rei como rainha. Por isso que nós falamos: Maria, rainha do céu.

Cap.3 e 4 fala da sabedoria do rei Salomão. Salomão oferece sacrifícios nas montanhas (ainda não tem templo) até mil ofertas. "O Senhor apareceu-lhe em sonhos em Gabaon durante a noite e disse-lhe: **"Pede-me o que queres que eu te dê"**. Salomão disse: "Dai, pois, ao vosso servo um coração sábio, capaz de julgar o vosso povo e discernir entre o bem e o mal. Pois sem isso quem poderia julgar o vosso povo tão numeroso?".

E aqui fala também que ele fez 1005 poemas, ele tinha mil mulheres

CAP. 5-8: CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

cap. 6,7: "Na construção do templo só se empregaram pedras lavradas na pedreira, de sorte que não se ouvia, durante os trabalhos da construção, barulho algum de martelo, de cinzel ou de qualquer outro instrumento de ferro."

Quando constrói o Templo não houve barulho no templo.

** Quando trabalhamos para Cristo não precisa fazer barulho. O bem que faz deve ser feito sem barulho e sem publicidade.

Salomão pegou 7 anos para construir o Templo e 13 anos para construir sua casa.

Cap. 10. A rainha de Sabá vem visitar ouvindo a sabedoria de Salomão.

Cap.11. A recaída de Salomão: Ele tinha 700 esposas e 300 sub mulheres e isso não pelo seu desejo carnal, mas pela soberba: A intenção dele é desejo de tornar-se rei. Ele se casava com as mulheres dos reis estrangeiros (que Deus tinha falado de não ter contato com eles). E aos poucos o coração dele foi atrás dos deuses delas e não mais com Deus de Israel. Assim, de novo, o coração dos israelitas vai para outros deuses. Ele casou-se com a filha de rei do Egito e construiu a casa para ela.

Jeroboão, o servo de Salomão, cria uma revolta contra Salomão e tenta matá-lo. Ele foge e vai morar no Egito até a morte de Salomão.

Cap. 11. Filho de Salomão, Roboão assume o governo.

Cap.12. cisma entre norte e sul

Jeroboão chega e junto com povo de norte pede para diminuir as taxas altas que Salomão tinha aplicado no país quando estava construindo o Templo e o palácio.

(De fato, sempre teve um abandono com norte e o dinheiro das taxas de 10 tribos de norte aplicava para desenvolvimento do sul).

Reboão não consultou com Deus nem com os sábios, foi consultar com os jovens e aumentou as taxas e assim, as 10 tribos de norte se separaram na liderança de Jeroboão.

"Que temos nós a ver com Davi? Que temos nós de comum com o filho de Jessé? Vai, pois, para as tuas tendas, ó Israel! Cabe a ti tratar de tua casa, ó Davi!". E os israelitas retiraram-se para as suas tendas."(12,16).

Jeroboam volta do Egito e as 10 tribos fazem ele como rei.

Jeroboam, para o povo não ir para Jerusalém e não mudar o coração, constrói um templo a Betel no norte e faz sacerdotes com pessoas que não pertenciam à tribo de Levi. E contra as festas de Israel fez outras festas.

cap.13: Neste tempo vem um profeta de Judá a Betel e profetiza contra o templo dizendo que vai acabar. Jeroboão estende a mão para matá-lo, mas a mão permanece estendida e seca e o profeta depois reza e consegue recolher e Jeroboão o convida para a refeição e o profeta não aceita conforme o pedido de Yahweh e volta por outro caminho.

Na volta este profeta encontra com outro profeta e ele convida para sua casa e comeu lá. Voltando um leão vem e mata este profeta por desobediência.

*Os profetas velhos estão desviando os novos profetas.

Cap.14,33-34. "Depois dessas coisas, Jeroboão não se converteu da sua péssima vida, mas continuou a tomar homens do meio do povo e constituí-los sacerdotes dos lugares altos. A todo aquele que desejasse, investia no cargo sacerdotal e o estabelecia nos lugares altos. Esse procedimento tornou-se para a casa de Jeroboão uma ocasião de pecado, que causou a sua perda e o seu extermínio da face da terra".

Todas as 10 tribos foram dispersas pelo mundo. São chamadas como “as tribos perdidas de Israel”.

O filho de Jeroboão ficou doente. Ele falou com sua esposa. Vai para judeia e muda roupa, sem perceber que você é rainha, vai perguntar ao profeta do que vai acontecer com filho. O profeta diz: porque deve fingir que você é outra pessoa? Quando você voltar, vai ouvir que ele será sepultado já.

14,19: "O resto das ações de Jeroboão, a história de suas campanhas e de seu governo, tudo isso está consignado no Livro das Crônicas dos reis de Israel".

Em judá, Roboão com 41 anos assumiu o reino. 17 anos predominou pecado e desgraças na vida dele.

DE 1RE 12 - 2 RE 25

Recapitulando até aqui:

Israel está dividido em Norte e Sul e tem vários reis. No 2 Reis, uma vez fala dos reis de Israel e outra vez fala do rei de Judá. E por isso precisamos de maior

concentração enquanto vai lendo o texto. Cada rei é apresentado numa forma diferente:

Estrutura:

1º fala em qual período assumiu o governo e quantos anos governou.

2º fala se o rei era bom ou ruim.

3º de onde recebeu as notícias,

4º de como morreu, onde morreu e o que aconteceu e quem o sucedeu.

Ex. 1Rs 15 1-8

Os Reis de Israel todos são apresentados como homens que fizeram mal e, entre os reis de Judá fala do bem de alguns e mal dos outros. (Ex. Jeroboam 15,34). O autor tem uma consideração particular com os reis Judeus, pois, deles que vem o Messias. Quando fala dos reis judeus, fala também da idade deles e fala de quem era a mãe (e não o pai) por ex. 15,2. E no entanto, quando fala dos reis do norte fala do pai.

- A mãe era a rainha e o último rei dos judeus era o esperado Messias (Jesus e sua Mãe Maria). Por isso, na Igreja o papel de Maria como Mãe é ainda antes dos Apóstolos.

No II Reis fala mais ou menos de 20 réis ao total e, em Judá tinha uma só família, a família de Davi e desta família que nasce o Messias. Tinham 6 reis mais ou menos bons, 2 muito bons e um ruim; E entre estes tem uma rainha (que estava reinando).

Os 6 bons são: Asa (15,9), Yehoshabat, Joás(12,1), Amasias (14,ss), Ozias (15ss), Jorão (8,16ss) Joatão (15,32ss)

Os 2 bons: Esequias (18) e Josias (c.22 - muito bom)

Manassés (c.21) (ruim) reinou por 55 anos e foi ele a causa de exílio babilônico.

Atália (11,1ss) (rainha), filha de Jezebel, esposa de Acab que matou, escondeu e salvou da mão de Atália Joash, Amon 21,19.

Em Israel tinha 9 famílias diferentes dos reis e todos foram ruins, e destes 6 reis foram assassinados

IRS 17 - 22: CICLO DE ELIAS

II RS 2-8: CICLO DE ELIZEU

O RENO, PORQUE SE DIVIDIU?

(RESUMINDO) O tempo dos reis podemos dividir em três fases:

1. **Um reino unido** (3 reis: Saul, Davi e Salomão) e eram ungidos e cada um governou por 40 anos. Em total tem 120 anos.

1. **Um reino dividido** (causa principal: Jerusalém era o Centro e outros pensavam que as taxas todas são usadas para o progresso do sul e norte está abandonado. Para a construção do Templo, o rei Salomão pediu muitas taxas e o povo do norte começa a se revoltar. No tempo do filho do Salomão, Roboão, o povo do Norte veio perguntar se poderia diminuir a taxa e, ele após se consultar com os jovens em vez de diminuir, aumentou. Neste tempo aparece Jeroboão, o inimigo de Roboão e eles se reúnem contra Judá. Ele fez dois Templos, em Dã e Samaria, foi a capital de Israel e Jerusalém é a capital dos judeus.

São quase 210 anos. Os primeiros 80 anos era tempo de guerra entre dois povos. O resto dos 80 anos acontece uma reconciliação e depois disso, de novo por 50 anos acontece a guerra e revoltas e no 726 são deportados para a Assíria. E este povo vem disperso pelo mundo e o reino de Israel a partir de agora é chamado só Judeia.

3. Um reino singular: Após a deportação de Israel Judá permanece como um só povo, os judeus de Judá (Benjamim e Judá, um só povo. Judá não aprendeu das falhas de Israel. Os profetas como Isaías, Jeremias, Jonas falavam para os judeus que, se não obedecerem a Deus, vai acontecer a mesma coisa. Mas esqueceram de Deus e aconteceu a queda por dois motivos principais:

1. No reinado de Davi, deveria reinar sempre um homem, mas chega uma mulher, Atália, filha de Jezabel, esposa de Acab);
2. No tempo de Manassés, ele ofereceu seus próprios dois filhos ao deus baal.

Assim termina a história de Judá. Quando voltam da deportação, volta com Esdra e Neemia etc. Tudo isso repetimos apenas para nos localizar do contexto onde Elias e Eliseu estão.

1 Re 17- 22 CICLO DE ELIAS (NORTE DE ISRAEL)

cap.17. A entrada de Elias na história, o anúncio da grande seca contra Acab, o milagre da farinha e do óleo em Sarepta, na casa da viúva e a ressurreição do filho da viúva.

Contexto:

Não temos nada no livro sobre a infância ou juventude de Elias, de repente ele aparece. Elias, o tesbita, um dos habitantes de Galaad (17,1) Diz o Eclesiástico 48,1 “Então o Profeta surgiu como fogo, sua palavra queimava como tocha...”

Elias está no norte quando o país está dividido em primeiros 80 anos, no tempo de Acab (cap.16,29ss) que era o rei de Samaria.

Acab, rei de Judá começa reinar Israel também. Os delitos dele: Era pior do que todos os outros reis (16,29ss). Acab fez muitos males e entre estes além de adorar o deus baal, construiu templo em Samaria para baal, fez as oferendas para este baal, reconstruiu a cidade de Jericó que Josué já tinha falado de não reconstruir as fronteiras da cidade de Jericó (Js 6,26) e se reconstruir vão morrer. Acaab fez contra o primeiro mandamento: adorar outros deuses que é o pior e maior pecado comparando dos outros dez mandamentos. Acab não escutou e mandou construir a cidade de Jericó, enquanto isso, morreu o filho de Acab, Abiram e aconteceu outros desastres.

Elias primeiro vai lutar contra as crenças de Israel em outros deuses. Por isso que Elias vai falar da chuva: 17,1: O profeta fala que “não vai chover até quando eu não ordenar”, pois o rei acredita que baal vai fazer a chuva. E isso “pela vida de lahweh, o Deus de Israel, a quem eu sirvo”.

É a fé de Elias, é o fruto da oração e intimidade que Elias tem com Deus. É a confiança que um fiel, uma pessoa consagrada, um sacerdote deve ter na sua vida e não tem medo de contrariedade.

Vocês podem ir atrás de outros deuses para ganhar dinheiro, chuva, bênçãos, prosperidade (como acontece ainda hoje...se frequentar tal seta a pessoa fica rica, tem dinheiro aí etc...) mas o Deus que eu creio é além dos poderes de outros vossos deuses. Eu posso ser um profeta simples, pobre e insignificante. De tantas consequências negativas que vai acontecer....

Queriam matar e perseguir Elias. Então Deus o escondeu. Elias obedeceu a Deus e foi morar na beira de um rio, na torrente de Carit, e Deus mesmo providenciou tudo o que ele necessita, a comida e a água (17,3). Os corvos lhe traziam pão e carne e bebia da torrente. Depois de um tempo faltou estas providências também.

O que significa isso? Seguir Deus, não significa que não vamos ter dificuldades. Devemos saber confiar em Deus também nas tribulações e Deus providenciará outra pessoa, uma viúva num outro lugar, em Sarepta. 17,9.

** Diante de uma dificuldade devemos ouvir Deus? Onde é o próximo passo e lugar! Rute passou fome, mas Deus estava preparando outro local para eles levarem para a frente a história. José foi vendido, quando estava no cárcere, Deus estava preparando uma coroa para ele. Deus acompanha assim a nossa história.

Elias pede para a viúva a água, depois o pão (v.10). Ela expressou a situação da casa. Elias lhe responde: *“A vasilha de farinha não se esvaziará e a jarra de azeite não acabará...”*.

** Quando damos ajudas à evangelização Deus nunca vai faltar nas nossas mesas. Deus vai cobrir as graças às pessoas generosas.

Mas não terminou o problema aqui. De novo surge outro problema: o filho morre. A viúva fala da sua tristeza ao profeta, Elias reza e o filho ressuscita. v.17

cap.18. Encontro de Elias com Abdias e depois com Acab, sacrifício no Carmelo

Elias sozinho num lado e no outro lado 450 sacerdotes de baal. “O Deus que vai responder é o verdadeiro Deus” (v. 24).

** “Todas as promessas de Deus encontram nele o seu sim...” 2Cor 1,20.
Jesus é o único que pode dar resposta a todos.

Invocaram o nome de baal de manhã até a noite dizendo: “Baal, responde-nos”. Mas não houve resposta. Elias zombando deles diz: “ gritai mais alto, sendo deus, ele deve estar conversando com outros deuses, ou fazendo negócio ou viajando ou dormindo...”Mas não houve nenhuma resposta.

Para Deus responder não basta só gritar, ou ter horas e horas de invocação....

Elias disse: “aproximai-vos de mim”.

Primeiro corrigiu a mesa das oferendas com 12 pedras, segundo o número de tribus. O país estava dividido, mas Elias vai unir colocando os 12 pedras.

*** Jesus disse “antes de ir para oferendas estejam em comunhão”.(v.30 ss)

Depois fez encher 4 talhas de água e jogou três vezes sobre as oferendas. Os homens não devem ter dúvidas, embora as oferendas estejam na água vai pegar o fogo.

Em seguida, Elias reza: “O Deus de Abraão, de Isaac e Jacó ... (v. 36-37). Desceu o fogo de Yahweh e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, a terra secando a água que estava no rego (v.38).

** Quando a pessoa tem a verdadeira fé desce o fogo, não pelas quantidades das palavras. Mt 10,30-31; É ‘o combate espiritual’, como diz São Paulo: “Revesti a armadura de Deus para poderdes resistir às insídias do diabo... cinge os rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça e calçai os pés com zelo...”Ef 6,10ss

Elias matou todos os profetas (= para eliminar o mal da terra (AT), (não vale hoje este jeito)). Quando desce o fogo muda tudo, assim como aconteceu no dia de Pentecostes.

v. 39 Todo o povo se prostrou com o rosto em terra, exclamando: É yahweh que é Deus”.....

O fim da seca: Após isso, Elias subiu ao cume do Carmelo e se prostrou com o rosto da terra e reza sete vezes e mandou o servo para ver se estava chovendo.

* Não se cansar nunca de rezar prostrando-se... e não desistir.

O servo viu uma nuvem pequena como uma mão de uma pessoa. *Os primeiros sinais de Deus são tão pequenos como a mão de uma pessoa. Mas acredite que será o início de uma chuva forte. “Num instante o céu se escureceu...dá aviso para Acab e ele corre no seu carro e, Elias corre e chega antes de Acab até ao Templo de Jerusalém.

cap.19. Elias no Horeb.

O encontro com Deus na gruta, no sussurro do vento; vocação de Eliseu 19,19ss.

**** Salmo 84:** “Quão amáveis são tuas moradas, Yahweh dos Exércitos! Minh'alma suspira e desfalece pelos átrios de lahweh, meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo” É o salmo dos filhos de Coré (Coré é um dos filhos de Arão) que cantavam desejando a fazer serviço no altar...

******* O Templo de Jerusalém tinha 3 passos: o *quintal*, o *presbitério* e o *Santo dos Santos* respetivamente *carne*, *mente* e *alma*.

Isaías 6 mostra como Deus é glorioso e os serafins cobrem o rosto.

2 Eclesiastes 26, Is 51,1: Quem procura a Deus...

19,19: A vocação de Elias:

Deus enviou Elias para Damasco, para ficar longe do povo, não precisa reconhecimento, aplauso daquele povo, no caminho Deus pede para escolher algumas pessoas e entre estes Eliseu. Estavam aí 12 pessoas que estavam arando e entre estes o último era Eliseu, e Elias jogou o manto sobre ele e ele o seguiu.

E agora vamos passar para II Rei 2.

cap.21. A vinha de Nabot. Nabot recusa-se a ceder sua vinha a Acab e o rei Acab junto com sua esposa Jezebel matam Nabot. E Elias fulmina a condenação divina contra estes e o arrependimento de Acab (21,27ss)

cap.22. conclusão do reinado de Acab e início de reinado do filho Ocozias.

cap. 22,41 (Reinado de Josafá em sul)

II REIS**CAP. 2-8 O CICLO DE ELISEU**

cap. 2-3: Elias é arrebatado para o céu e Eliseu lhe sucede.

E os dois, Elias e Eliseu andando foram para 4 direções diferentes: Guilgal, Jericó, Jordão: segue o mesmo ritmo: Elias queria deixar Eliseu e ir adiante sozinho, mas Eliseu quer seguí-lo: *"fica aqui, pois Yahweh me enviou até Betél"* mas Eliseu respondeu: Tão certo como lahweh vive e tu vives, não te deixarei! E desceram a **Betél**." São 4 direções opostos, ou seja, parece doideira, mas Eliseu vai atrás. Elias percorre todo caminho que seus antepassados percorreram no caminho do Egito para Terra Prometida.

Em **Guilgal** o povo de Israel fez a circuncisão e celebraram a primeira Páscoa antes de entrar na Terra prometida (Js 5) e,

em **Jericó e Jordão** foram lugares de intervindos particulares de Deus. Elias está levando o discípulo a fazer o mesmo caminho dos seus antepassados.

cap. 4. Alguns milagres de Eliseu: o óleo de viúva, a sunamita e filho, a panela envenenada, a multiplicação dos pães

cap.5. A cura de Naamã

cap.6. O machado perdido

cap. 9 História de Jeú, discípulo de Eliseu

cap.10. Massacre da família real de Israel e de Judá

cap.11. História de Atália

cap.18-25 Últimos tempo do reino de Judá:

A parte final (2 Rs 18-25) constitui quase um epílogo sobre a ameaçada sobrevivência da dinastia davídica de Jerusalém e a sua dramática destruição. É intensa e dramática, tanto pelos efeitos imediatos do cataclismo da Samaria, como pelas necessidades de reforma que constituíram uma reação a médio prazo às mesmas preocupações, e pelos sinais cada vez mais claros da próxima destruição de Jerusalém, cujos sinais se tornavam cada vez mais evidentes.

cap.18. Ezequias, o profeta Isaías

cap. 22- Josias e reforma religiosa (sul): Descoberta do livro da Lei 22,3ss;

cap.23: Leitura solene da Lei

cap. 23-24: as ruínas de Jerusalém: A primeira deportação no tempo de Joaquim e a segunda no tempo do último rei Sedecias.

cap.25. Saque de Jerusalém e último rei de Judá: Godolias. Termina dizendo da graça alcançada a rei joaquim na terra do exílio.

LIVROS DE CRÔNICAS

Os dois livros de Crônicas, aparecem depois dos dois Livros de Reis e antes do Livro de Esdras, concluindo a seção conhecida como "livros históricos do Antigo Testamento", também conhecida como "história deuteronomica". Os judeus chamam este livro com o nome: "dibrê hayyamim, ou Anais, crônicas, "coisas dos dias". E os gregos chamam: *Paraleipomenōn*, que equivale a Restos, livro de omissões" (em latim 1-2 Paralipomenon).

Para muito tempo estes dois livros eram considerados como parte dos livros de Esdra e Neemias e os 4 livros como se um só livro, contando de Adão até o retorno de Babilônia. Hoje, embora as opiniões são diversas, sabemos que todos estes 4 livros são do tempo pós-exílio babilônico.

OS LIVROS HISTÓRICOS DA TRADIÇÃO SACERDOTAL:

Os dois Livros das Crônicas (literalmente em hebraico "Palavras dos Dias") repetem muitos dos eventos já narrados nos dois Livros de Samuel e nos dois Livros dos Reis. Mas não é uma simples reedição, como poderia parecer à primeira vista.

Esses livros (I e II Sm e I e II Rs) pertencem de fato à **Tradição Deuteronomista**, enquanto o autor desses dois livros, definido como o "Cronista", pertence à chamada **"Tradição Sacerdotal"**, a mesma do primeiro capítulo do Gênesis. Essa tradição surgiu na Babilônia durante o exílio; Ao contrário do Deuteronomista, ela tem uma ideia clara de um projeto preciso que não é apenas histórico, mas também e sobretudo religioso.

Na verdade, o Cronista não se limita a relatar fatos, como faz o Deuteronomista na famosa "Sucessão ao Trono de Davi". Ele seleciona e retrabalha os dados com o objetivo de exaltar principalmente **o Templo e o Culto em Jerusalém**, entendidos como o próprio coração da fé e da identidade de Israel como povo. Não é por acaso que, dos 19 capítulos dedicados no **Primeiro Livro** ao Reino de Davi, 10 são dedicados ao transporte da Arca da Aliança para Jerusalém e às disposições do rei quanto à construção do Templo, como se seu filho Salomão não tinha sido o único que restava a colocar as instruções de seu pai em ação. Outros 8 capítulos do **Segundo Livro** são dedicados à construção real do que foi definido como a oitava maravilha do mundo antigo. A história contada pelo Cronista é, portanto, na realidade uma História Sagrada, uma história que gira em torno do Templo.

A DATA

Em 1 Crônicas 29,7 é dito que os chefes das famílias das tribos de Israel ofereceram, entre outras coisas, "dez mil dáricos" (moeda de Dário) para a construção do Templo de Salomão. Mas isso é um anacronismo evidente: como o nome sugere, essas moedas foram cunhadas pelo imperador persa Dario I (522-486 a.C.), cuja efígie elas carregam. Na época de Davi e Salomão, as moedas nem sequer eram usadas. Evidentemente o Cronista transporta para o tempo dos Reis um costume corrente em sua época.

Este é um dos argumentos mais válidos usados por aqueles que datam os Livros das Crônicas no século V a.C.

O segundo argumento está ligado ao que foi dito no parágrafo anterior: o Templo de Jerusalém é central no livro precisamente porque é indicado pelo Cronista como um símbolo de esperança e confiança para os judeus que retornaram à Palestina após o exílio, e foram forçados a viver entre mil dificuldades materiais e morais.

Mas a diferença mais marcante entre o Cronista e o Deuteronomista também nos ajuda, a saber, o fato de que o primeiro é totalmente ignorante dos eventos do Reino do Norte, como se não valesse a pena gastar palavras com "hereges"

que abandonaram a pureza da adoração no Santo dos Santos em Jerusalém. É provável que houvesse uma intenção polêmica muito específica por trás dessa escolha: no século IV a.C. Os judeus de Jerusalém contrastavam fortemente com os samaritanos, estabelecidos pelos assírios nos territórios que pertenciam ao Reino do Norte.

FONTES

O Cronista frequentemente extrai dos Livros de Samuel e Reis (o que mostra que eles precedem sua obra), às vezes repetindo algumas passagens quase que literalmente, mas em **1 Crônicas 29,29** são citadas outras fontes que ele usou para escrever sua primeira obra. livro:

os "Atos de Samuel, o Vidente",
os "Atos do Profeta Natã" e
os "Atos de Gade, o Vidente".

Deve-se notar que os Profetas de Israel são divididos em dois grupos: os "profetas escritores" e os "profetas não escritores".

Dos primeiros, chegaram até nós textos longos: é o caso de **Isaías, Jeremias e Ezequiel**.

Do segundo grupo, porém, nada chegou até nós: **Samuel, Natã, Elias e Eliseu** estão entre eles.

Claro que nada impede que Samuel e Natã escrevam seus próprios livros de visões, que não chegaram até nós, mas é preciso lembrar que Samuel morreu antes de Davi ascender ao trono e, portanto, é altamente improvável que ele pudesse ter escrito os feitos do "rei Davi". Naquela época, a escrita era muito menos difundida do que teria sido na era dos profetas escritores; considerando também a absoluta ausência de outras referências a esses escritos, é mais provável que se trate de um expediente literário do Cronista, que queria dar aos seus escritos uma autoridade igual à de outros escritos bíblicos.

Da mesma forma, os Provérbios ou Qohelet são colocados sob a égide do Rei Salomão para aumentar seu valor e sacralidade.

E isto não significa que o Cronista tenha inventado completamente tudo o que diz; ele certamente poderia consultar excelentes fontes documentais que se perderam para nós, em parte diferentes daquelas dos Livros dos Reis.

ESTRUTURA E CONTEÚDO

As CRÔNICAS visam apresentar a grande História do povo de Israel. Por isso, no seguimento do Pentateuco, estão na linha dos livros de Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis (História Deuteronomista) e de Esdras e Neemias. Constituem, com Esdras e Neemias, um conjunto chamado "Obra do Cronista". Além de terem o mesmo estilo e pensamento, os últimos versículos de 2 Cr (36,22-23) repetem-se no início de Esdras (Esd 1,1-3).

Como dissemos, no centro destes livros está David e o seu reinado, para o qual converge toda a História precedente, e radicam, não só a organização do povo como, sobretudo, as estruturas culturais do templo. O seu conteúdo pode resumir-se deste modo:

I. História do povo desde Adão até Davi (1 Cr 1,1-10,14). É como que a pré-história de Davi, com início em Adão, constituída quase totalmente por listas genealógicas, algumas das quais vão até ao pós-exílio (cap. 1-9).

Termina com a morte de Saul (cap. 10).

A genealogia, ou sucessão de gerações, era um género literário frequente na Bíblia e nas culturas antigas, como forma de exprimir a fé na presença da divindade nos meandros da História dos homens. Mas não se lhe exija o rigor da árvore genealógica dos tempos modernos: os nomes que a integram podem exprimir apenas vagas relações de parentesco ou de simples vizinhança, afinidades de ordem política e económica; por vezes, nomes de povos e de regiões passam a ser nomes de pessoas.

Para os hebreus, era através da genealogia que alguém podia tornar-se participante das bênçãos prometidas por Deus a Abraão. As listas das CRÔNICAS veiculam a promessa messiânica, de que David é sinal privilegiado. Estas genealogias afirmam, ainda, a importância do princípio da continuidade do povo de Deus através de um período de ruptura nacional, causada pelo exílio na Babilónia, e fundamentam a esperança da restauração.

II. História de Davi (1 Cr 11,1-29,30). Faz-se a História do reinado de David desde a sagração e a entronização até à sua morte, Preparativos para a construção do Templo (1 Cr 22-28);

III. História de Salomão (1Cr29. 2 Cr 1,1-9,31). Destaca-se a sua sabedoria, a construção e dedicação do templo de Jerusalém e outros acontecimentos já narrados em 1 Rs. Termina com a morte de Salomão.

IV. História dos reis de Judá (2 Cr 10,1-36,23). Começa com a divisão do reino davídico, depois da morte de Salomão, incluindo em particular os reinados de Josafá (2 Crônicas 17-20);

Joás (2 Crônicas 23-24),

Joás (2 Crônicas 23-24),

Ezequias (2 Crônicas 29-32) e

Josias (2 Crônicas 35-36), aos quais o Cronista dedica amplo espaço porque eram reformadores do culto e inimigos da idolatria e, termina com o édito de Ciro, após um relato resumido da atividade dos reis de Judá.

DIFERENÇAS ENTRE OS LIVROS DE CRÔNICAS E OS LIVROS DOS REIS

Não vale a pena repassar a história capítulo por capítulo, porque os fatos narrados são substancialmente os mesmos dos dois Livros dos Reis.

No entanto, acho que é correto apontar algumas diferenças substanciais.

Em primeiro lugar, Davi é apresentado como o verdadeiro construtor do Templo, tendo já preparado todos os planos, móveis e equipamentos da grande construção; Sua descrição é realizada com ênfase no capítulo 22 do Primeiro Livro das Crônicas, revelando todo o amor que os antigos judeus tinham por todas as manifestações rituais do culto a YHWH.

De fato, os Livros dos Reis nos informam que Natã profetizou a Davi que seu filho sozinho construiria um Templo ao Senhor. Evidentemente, estamos diante do procedimento bíblico clássico de rastrear eventos até a origem da história.

Assim, a história de Caim e Abel (Gn 4,1-16) pressupõe um mundo já povoado ("Quem me encontrar, me matará", grita Caim desconsolado), mas é reconduzida pelo autor bíblico à origem do mundo, para demonstrar como o assassinato entrou na história humana desde o início, como consequência do Pecado Original.

Os Livros de Números e Deuteronômio também dedicam amplo espaço à organização ritual do culto, que será praticado no Templo, mas essa organização remonta ao próprio Moisés, para sublinhar sua importância e antiguidade.

E finalmente o próprio Sabbath, uma prática eminentemente judaica, é rastreado (Gn 2, 2-3) até o resto de JHWH no último dia do Heptameron da Criação¹¹, dando-lhe um significado ainda mais cósmico.

É lógico que o Cronista, muito mais interessado que o Deuteronomista nas **práticas culturais** (ao contrário dos Livros dos Reis, os das Crônicas mencionam repetidamente a celebração da Páscoa pelos verdadeiros soberanos), **relata a organização do clero e do culto ao Rei Davi, o fundador da grande dinastia do Reino do Sul, bem como o autor dos Salmos, muitos dos quais têm valor litúrgico.**

O fato de Davi não ter conseguido construir fisicamente o Templo (22,9) é justificado pela declaração de que ele era um homem de guerra que tinha sangue nas mãos e, portanto, era incapaz de realizar um empreendimento tão elevado. Encontramos assim a confirmação de que esta não é uma história verdadeira, mas uma história repensada.

O mesmo pode ser dito de todos os sucessores de Davi (como mencionado, o reino do norte nem sequer é levado em consideração).

O segundo livro das Crônicas dedica quatro capítulos ao **rei Josafá** ("YHWH governa"), em comparação com apenas 11 versículos no Primeiro Livro dos Reis, por causa de sua grande e frequentemente elogiada reforma religiosa: aqui também a intenção litúrgica é mais que manifesta, como é manifesto o uso de fontes diferentes daquelas do ciclo Deuteronomista, que neste caso poderiam fornecer muito poucas ideias.

¹¹ Narração da criação em sete dias.

Quanto ao rei Josias, de acordo com 2 Crônicas 34,6, ele tentou estender sua reforma religiosa aos territórios do norte até Naftali, o que levou à crença de que ele tentou reunificar politicamente os dois reinos. Isso foi possível devido à situação histórica de sua época: o império assírio havia chegado ao fim de sua parábola e estava ameaçado por todos os lados pelos babilônios, medos e persas. É lógico, portanto, que ele não conseguiu mais controlar suas províncias mais distantes, como Samaria. Aqui também o Cronista se mostra mais bem informado e rico em fontes do que o Deuteronomista.

Finalmente, em 2 Crônicas 36,21, o profeta Jeremias e o decreto de Ciro também são expressamente mencionados, embora fossem desconhecidos do autor deuteronomista. Mas falaremos sobre isso novamente.

AS GENEALOGIAS

Como mencionado, diferentemente dos Livros de Samuel e Reis, que são eminentemente narrativos, os Livros de Crônicas abrem com 9 capítulos de genealogias simples e puras.

O primeiro versículo do Primeiro Livro começa abruptamente com uma lista de treze nomes: Adão, Sete, Enos, Cainã, Malaleel, Jared, Enoque, Matusalém, Lameque, Noé, Sem, Cão e Jafé.

Estes são os nomes dos patriarcas antediluvianos retirados do capítulo 5 do Gênesis, como que para indicar que o Cronista quer retornar às origens mais remotas da história, partindo do próprio primeiro homem (até mesmo o Evangelho de Lucas, capítulo 3, o fará). relatar a genealogia de Jesus até Adão). Na prática, com nove capítulos de genealogias, entre os quais se encontram praticamente todos os protagonistas do Pentateuco, o Cronista pretende resumir toda a história histórico-religiosa de Israel anterior à era monárquica.

Um procedimento semelhante também será adotado no Novo Testamento por Mateus e Lucas, que apresentarão genealogias de Jesus para conectá-lo a toda a História da Salvação que o precedeu.

Os dois evangelistas também se basearam amplamente nas listas do Cronista para compilar suas genealogias.

A genealogia era um verdadeiro gênero literário entre vários povos do Antigo Oriente. As genealogias servem para redescobrir a própria identidade de um povo como nação, mas também para legitimar o acesso a certas posições sociais. Por exemplo, qualquer pessoa que quisesse ser sacerdote em Israel tinha que ser capaz de demonstrar, com listas genealógicas em mãos, que era descendente de Levi, filho de Jacó e fundador da tribo sacerdotal.

Este aspecto tornou-se particularmente importante na era pós-exílica, à qual dissemos que remonta a obra do Cronista, quando os judeus tentavam redescobrir a sua própria identidade cultural e religiosa após o choque de terem vivido setenta anos no meio de um sincretismo e cosmopolitismo Babilônico.

DE DÃ A BERSEBA

Esta expressão é usada em 1 Crônicas 21,2 para indicar a totalidade do território de Israel, segundo um procedimento típico das culturas semíticas e chamado de “inclusão”: indicar as duas extremidades de uma realidade significa indicá-la em sua totalidade. Dã (hoje Tel Dan), em hebraico "julgamento", está localizada na extremidade norte da Terra de Canaã, perto da nascente do Rio Jordão, enquanto Berseba (hoje Tell es Saba), em hebraico "poço do juramento", está localizada no extremo sul da Judeia. É um lugar famoso no Antigo Testamento, tendo sido palco de vários eventos na época dos patriarcas (ver Gn 21).

Vale destacar que, mesmo no Apocalipse, Cristo se define como “o Alfa e o Ômega”: um claro exemplo de inclusão, já que essa expressão passa a indicar todo o alfabeto grego e, portanto, a totalidade da Criação.

EXÍLIO COMO UM “ANO SABÁTICO”

O II Crônicas, 36,21 fala, assim como o II Rs,25 da queda de Jerusalém nas mãos dos babilônios; mas, a ótica do cronista é totalmente diferente:

« O rei deportou para a Babilônia aqueles que escaparam da espada, e eles se tornaram seus escravos e os de seus filhos até a vinda do reino persa, cumprindo assim a palavra do Senhor, predita pela boca de Jeremias: "Até que a terra "serviu os seus sábados , ficará em desolação todo o tempo, até que setenta anos se completem." » (36, 20-21).

Quase certamente a duração de setenta anos não tem valor cronológico, já que de fato a deportação durou 49 anos (de 587 a 539 a.C.). Em vez disso, tem um valor simbólico, tipicamente representando um tempo completo e perfeito, sendo o resultado do produto de dois números perfeitos: 7 x 10. Mas por que perfeito, se Israel estava no exílio e sem o Templo? Acredita-se geralmente que esse período de sofrimento e distância da pátria foi desejado por Deus para fortalecer Israel e trazê-lo de volta à fidelidade a Ele. Isso é apoiado pela interpretação de uma passagem de Levítico (26, 34-35), evidentemente após a deportação para a Babilônia:

« Então a terra desfrutará os seus sábados todos os dias em que estiver desolada, enquanto vocês estiverem na terra dos seus inimigos; então a terra descansará e será recompensada com seus sábados. Enquanto ela permanecer desolada, ela terá o descanso que vocês não lhe deram nos sábados, quando vocês a habitavam. »

O ano sabático era o ano durante o qual a terra era deixada para descansar antes de prosseguir com uma nova semeadura. Da mesma forma, o exílio do Povo Escolhido permite que a Terra de Israel desfrute do descanso sabático que seus habitantes lhe negaram, contrariando a vontade de Deus. Uma verdadeira interpretação teológica da história, a mil milhas de distância do conceito que

temos hoje da historiografia. Mas é precisamente isso que torna os chamados "Livros Históricos" da Bíblia tão peculiares e, à sua maneira.

LIVRO DE ESDRAS E NEEMIAS

Os livros de ESDRAS e de NEEMIAS formavam um só "Livro de Esdras", na Bíblia Hebraica e na versão grega dos Setenta. Como esta versão recolhia também o livro apócrifo grego de Esdras e lhe dava o primeiro lugar (1 Esdras), o livro de ESDRAS-NEEMIAS era denominado 2 ESDRAS. Na época cristã foi dividido em dois. A Vulgata latina adoptou essa divisão em 1 Esdras (=ESDRAS) e 2 Esdras (=NEEMIAS), reservando ao apócrifo grego a designação de 3 Esdras. A designação dos dois livros a partir das respectivas personagens principais, Esdras e Neemias, é mais recente, mas foi assimilada mesmo nas edições impressas da Bíblia massorética.

AUTORIA E DATAÇÃO Não é dada qualquer indicação sobre o autor destes livros, mas admite-se ser um só: o mesmo chamado Cronista, que redigiu e compôs a vasta síntese histórica dos dois livros das Crônicas, seguidos de ESDRAS E NEEMIAS. Um dos indícios mais significativos é a identidade entre os últimos versículos de 2 Crônicas (36,22-23) e os primeiros versículos de ESDRAS (1,1-3), o que sugere a continuidade da narrativa. Pode, assim, situar-se esta obra nos finais do séc. IV ou início do séc. III a.C.

QUESTÃO CRONOLÓGICA Discute-se qual dos dois deverá ser colocado em primeiro lugar. Muitos preferem a sucessão NEEMIAS-ESDRAS; mas ainda não se encontrou uma solução satisfatória para estabelecer a cronologia dos acontecimentos em questão.

O texto fala da chegada de Esdras a Jerusalém, no sétimo ano do rei Artaxerxes (Esd 7,7) e indica a sua atividade reformadora (Esd 8-10); depois, vem Neemias, no vigésimo ano de Artaxerxes (Ne 2,1) e a sua preocupação pela reconstrução das muralhas (Ne 1-7); surge outra vez Esdras, para a leitura solene da Lei (Ne 8-9); e, finalmente, Neemias, por ocasião de uma segunda estadia em Jerusalém, no ano 32.º de Artaxerxes (Ne 13,6-7).

Teriam estado estes dois homens ao mesmo tempo em Jerusalém, a trabalhar independentemente? A resposta mais aceitável é a seguinte: a atividade de Neemias seria toda ela anterior a Esdras (Ne 1-7 e 10-13, onde aparece como construtor e reformador); mais tarde, talvez no ano 7º de Artaxerxes II (e não Artaxerxes I), por volta de 398-397 a.C., veio Esdras a Jerusalém: empreendeu reformas (Esd 7-10), restaurou o culto e fez a solene leitura pública da Lei (Ne 8-9). Ao aplicar a sua perspectiva teológica a este emaranhado de dados, o redator final é que terá desorganizado a cronologia real dos acontecimentos.

No entanto, não se pode negar ou diminuir o valor histórico das informações veiculadas por estes livros. Concordam perfeitamente com os dados das fontes bíblicas e profanas, como, por exemplo, os papiros das ilhas Elefantinas (Egipto).

INFORMAÇÕES GERAIS

O livro de Esdras é frequentemente considerado a continuação ideal dos Livros de Crônicas e, portanto, remonta ao mesmo ambiente sacerdotal. Como muitos outros livros bíblicos, leva o nome de seu protagonista, que também é um dos principais arquitetos do renascimento de Israel após o exílio.

Esdras entrará tanto na consciência histórica de Israel que muitos livros apócrifos serão atribuídos a ele, incluindo o famoso Quarto Livro de Esdras, contendo revelações escatológicas particulares feitas a ele pelo próprio JHWH, embora ele viva em um contexto histórico e seja portanto não é uma figura cercada de lendas como Adão, Enoque e Moisés.

Esdras aparece em cena somente a partir do capítulo 7, mas também será protagonista do livro seguinte de Neemias. Isso explica por que a antiga versão grega da Septuaginta fundiu Esdras e Neemias em um único livro de 23 capítulos.

DOCUMENTAÇÃO UTILIZADA

Na composição destes dois livros, o Cronista utilizou como fontes diversos documentos antigos (entre eles, as memórias pessoais das duas personagens em questão), que ele reproduziu e organizou, relacionando-os uns com os outros, segundo a sua visão teológica, de forma a obter um conjunto harmonioso. Assim, podem encontrar-se:

- a) documentos oficiais em hebraico (listas, estatísticas, como as de Esd 2 e Ne 7,6-68; 10,3-30; 11,3-36; 12,1-26) e em aramaico (correspondência diplomática, decretos oficiais: Esd 4,6-6,18; 7,12-26;
- b) memórias de Esdras (Esd 7-10), com partes redigidas na primeira pessoa (Esd 7,27-9,15) e outras na terceira: Esd 7,1-10; 10; Ne 8-9;
- c) memórias de Neemias: Ne 1-7; 10; 12,27-13,31.

ESTRUTURA GERAL

O livro de ESDRAS divide-se em duas grandes partes:

- I. Regresso do Exílio e reconstrução do templo: 1,1-6,22;
- II. Organização da comunidade: 7,1-10,44.

O livro de NEEMIAS consta também de duas partes:

- I. Reconstrução das muralhas de Jerusalém: 1,1-7,72;
- II. Proclamação da Lei e Reformas: 8,1-13,31.

Estas duas partes andam à volta de certos temas dominantes, que se apresentam por esta ordem:

- 1. Neemias passa da corte persa para governador de Jerusalém: 1-2;
- 2. Construção das muralhas, apesar de inúmeras dificuldades: 3-6;
- 3. Recenseamento do povo, celebração da Lei e renovação da aliança: 7-10;
- 4. Repovoamento de Jerusalém e das terras da Judeia: 11;
- 5. Medidas para garantir o culto e a pureza dos costumes: 12-13.

PERSPECTIVA TEOLÓGICA ESDRAS e NEEMIAS narram acontecimentos ocorridos logo após o édito de Ciro (538 a.C.), que permitia o regresso do cativeiro da Babilónia. Mostrando a situação difícil dos repatriados, fazem sobressair o esforço pela restauração do povo, no aspecto material e religioso.

Contêm uma admirável mensagem doutrinal, centrada em três preocupações fundamentais: o templo, a cidade de Jerusalém e a comunidade do povo de Deus.

Após as provas do Exílio, com as suas más consequências no aspecto religioso, o povo organiza-se numa grande unidade nacional e religiosa.

Meditando na Lei, compreende como o castigo lhe foi mandado por Deus, devido à sua infidelidade, e como, apesar de tudo, a misericórdia divina se mantém para com o resto de Israel, detentor das grandes promessas em relação ao Messias. A Palavra de Deus é, assim, a base da reconstrução do povo que volta do Exílio.

ESDRAS

ESTRUTURA E CONTEÚDO DO LIVRO DE ESDRAS

Cap. 1: No capítulo 1 vemos a entrada em cena uma das maiores figuras da história da humanidade: **Ciro II, o Grande, rei dos persas** e fundador de um grande império que se estendia do Mar Egeu ao Oceano Índico. No início do livro, Ciro, cujo nome significa "pastor", publica um decreto (cuja versão também estava presente no final do II Crônicas) que permite o retorno de Israel a Canaã: era 539 a.C.

« No primeiro ano do reinado de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, que ele falara pela boca de Jeremias, o Senhor despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que ele publicou este decreto por toda a terra. seu reino, mesmo com uma carta: "Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, o Deus do céu, me deu todos os reinos da terra; ele me comissionou para construir um templo para ele em Jerusalém, que está na Judeia. Qual de vocês é do seu povo? Que o seu Deus seja com ele; que ele volte para Jerusalém, que está em Judá, e reconstrua a casa do Senhor, o Deus de Israel; porque ele é o Deus que habita em Jerusalém. E todo sobrevivente, onde quer que tenha emigrado, Ele receberá do povo daquele lugar prata e ouro, bens e gado, com generosas ofertas para o templo de Deus que está em Jerusalém » (Esdras 1, 1-4).

Cap.2: Então os sobreviventes, aqueles a quem os Profetas haviam chamado de "*Remanescente de Israel*", partiram novamente liderados por Sasabassar, príncipe de Judá, a quem Ciro havia devolvido os móveis roubados por Nabucodonosor do templo em Jerusalém.

A lista dos clãs dos repatriados e seu número está contida no capítulo 2: a narrativa sacerdotal, de fato, amava listas longas, listas genealógicas, distinções precisas. Vale a pena notar que algumas famílias levitas não conseguem provar sua identidade israelita, tendo perdido seu registro genealógico, e são, portanto, excluídas do sacerdócio: este é um testemunho direto dos eventos complexos do retorno, descrito como um verdadeiro Segundo Êxodo.

No **cap 3**, sete meses após seu retorno, todo o povo se reúne sob a presidência do Sumo Sacerdote **Josué e Zorobabel**, e começa a trabalhar para reconstruir o Templo de Jerusalém: observe como Sasabassar, desaparece completamente da narrativa, substituído pela nota de **Zorobabel**, seu sucessor, citado no Evangelho de Mateus entre os ancestrais de Jesus. Inicialmente, apenas o altar de sacrifício foi erguido, depois o Templo propriamente dito foi reconstruído, em meio aos cânticos jubilosos do povo.

cap. 4: A oposição dos samaritanos: Mas logo a celebração é perturbada pelos "inimigos de Judá e Benjamim", isto é, pelas populações que por sua vez tinham sido deportadas para Canaã após o desenraizamento dos judeus; Entre estes estão os samaritanos. Eles olham de soslaio para o retorno dos judeus, mas inicialmente fingem oferecer sua colaboração na construção do Templo. Zorobabel e Josué percebem o engano e reagem negativamente; então eles fizeram tudo o que podiam para colocar um raio em suas rodas, retardando a reconstrução durante toda a duração dos reinados de Ciro e Xerxes (reis que encontraremos novamente no livro de Ester), também graças à cumplicidade de autoridades antissemitas.

O capítulo relata uma carta enviada ao próprio Artaxerxes para denunciar a reconstrução de Jerusalém, definida como uma "cidade rebelde e perversa"; o

rei então concorda em ordenar a interrupção das obras. Desde que Artaxerxes I reinou de 464 a 424 a.C., quase um século já se passou desde seu retorno à Terra Santa.

No capítulo 5, porém, voltamos ao tempo de Zorobabel: **os profetas Ageu** (“nascido para celebrar”) e **Zacarias** (“YHWH se lembrou”) incitam os judeus a retomar o trabalho. Mas Tatanai, o governadore da região além do Rio (que era a Pérsia) informa o Rei Dario I, sugerindo que seria apropriado realizar uma pesquisa nos arquivos imperiais na Babilônia, para verificar se Ciro realmente havia autorizado a reconstrução do Templo, ou se os judeus a haviam inventado.

No capítulo 6, Dario ordena uma investigação no arquivo acima mencionado, e em Ecbátana aparece um memorial diferente daquele apresentado no capítulo 1, que no entanto o confirma essencialmente e não só autoriza a reconstrução, mas também estabelece os métodos de construção e ordena a restituição dos móveis do primeiro Templo. Neste ponto, Dario confirma o decreto de Ciro e, de fato, adverte o sátrapa antisemita contra obstruir ainda mais as obras, que podem assim ser retomadas. O texto conclui da seguinte forma:

« Este Templo foi concluído no terceiro dia do mês de Adar, no sexto ano do reinado do rei Dario » (6, 15)

Esta data deve corresponder a **13 de março de 515 a.C.** Durante cinco séculos, este novo Templo constituiria o ponto de referência para todo o Israel, até 20 a.C.

Herodes, o Grande, não decidirá reestruturar radicalmente a reconstrução agora dilapidada de Zorobabel, dando vida ao Templo descrito nos Evangelhos.

A REFORMA DE ESDRAS

O capítulo 7 vê outro salto grande no tempo do reinado de **Artaxerxes**, quando **Esdras**, um escriba e membro de alto escalão da classe sacerdotal, obtém permissão para retornar à Palestina.

Ele provavelmente era um oficial da corte persa, encarregado de cuidar dos assuntos do povo judeu; e de fato, com um escrito do rei, relatado na íntegra no livro, ele partiu novamente com outros judeus ainda residentes na Babilônia. O escrito contém os poderes atribuídos pelo imperador a Esdras, mas na realidade trata dos pontos principais da grande reforma realizada por este sacerdote.

A lista dos repatriados está contida **no capítulo 8**, no qual Esdras fala na primeira pessoa, enquanto todos os capítulos anteriores foram escritos na terceira pessoa, descrevendo as árduas etapas da jornada, em meio a ataques de inimigos e saqueadores. Mas a narrativa aventureira tem pouco espaço, pois **no capítulo 9** retoma a descrição da reforma de Esdras, tão cara à classe sacerdotal:

Ao saber que o povo havia se entregado à idolatria, Esdras rasgou suas vestes e, na hora do sacrifício da tarde, elevou uma súplica solene ao Senhor. Este é um gênero que foi muito difundido no Israel pós-exílico (Neemias 1,9; Daniel 3,9; Baruc 1-2), para implorar o perdão divino depois que o Povo Eleito foi forçado a viver com povos idólatras, cujos costumes o fascinavam. A oração incita o povo à conversão para que sobreviva um “pequeno rebanho”, tema que também será caro a Jesus.

O capítulo 10 mostra-nos uma multidão impressionante que se reúne em torno de Esdras. Sequecias, filho de Jaiel, se apresenta e admite sua própria culpa e a do povo:

“Pecamos contra Deus ao casar com mulheres estrangeiras” (10, 2)

Estamos aqui no coração do Livro, porque a causa primária do pecado de Israel, e portanto de todos os seus infortúnios (decadência, exílio, lentidão na reconstrução do Templo), é identificada pelo autor no casamento com as mulheres pagãs que causaram a corrupção da moral e o fim da pureza do monoteísmo judaico. Recorde-se que Salomão, no II Reis e no I Crônicas, também foi induzido à idolatria pelas suas esposas estrangeiras:

não é impossível que o Autor desses livros aplique o mesmo motivo a um rei que viveu cinco séculos antes. de corrupção que ele acha que viu em seus contemporâneos. O cerne da reforma do culto, portanto, só pode ser a proibição de casamentos mistos.

E assim, depois de jejuar uma noite em sinal de penitência, o escriba reúne todo o povo em Jerusalém, num dia frio de inverno, sob chuva torrencial. Esdras imediatamente aponta a pecaminosidade dos casamentos mistos e ordena que todos se divorciem de suas esposas estrangeiras. A maioria concorda, mas alguns se rebelam, provavelmente exigindo decisões ainda mais radicais e extremas contra os corruptores pagãos de Israel. No entanto, ultrapassando a linha de Esdras, o livro termina com uma lista tediosa de todos aqueles que se divorciam de suas esposas estrangeiras, expulsando-as junto com seus filhos.

HISTORICIDADE

Apesar de sua conexão óbvia não apenas com a história da terra natal de Israel, mas também com os eventos do Império Persa, a historicidade do Livro de Esdras também é bastante controversa.

Na verdade, muitas vezes se refere a documentos de arquivo do império persa, escritos em aramaico, uma língua que o imperador nem sequer entende (ele tem que traduzi-los), mas é razoável pensar que se trata de reconstruções muito posteriores, ou pelo menos que foram manipulados para fazer os bandidos parecerem piores e os mocinhos parecerem melhores. Os documentos acima são pelo menos seis:

o Édito de Ciro permitindo que os judeus retornassem a Jerusalém e empreendessem a reconstrução do Templo (1, 2-4);

a carta do governador do Trans-Eufrates, **Reum** e do secretário **Samsai** a Artaxerxes pedindo-lhes que parassem com o trabalho de reconstrução do Templo (4, 9-16)

a resposta do rei (4, 17-22)

a carta do governador Tatanai ao rei Dario, com as mesmas intenções de Recum (5, 7-17)

o memorial de Ciro encontrado em Ecbátana e o aviso de Dario à Tatenai (6, 3-12)

a carta entregue por Artaxerxes a Esdras (7, 12-26)

SESBAZAR E ZOROBABEL

A identidade dos dois primeiros governadores persas da Palestina também é controversa. Sesbazar significa "adorador do fogo", e por isso é provavelmente apenas o nome dado pelos babilônios a este "príncipe de Judá", representante da linhagem davídica, em imitação de Beltessazar, Mesaque, Sidraque e Abednego, os nomes dados por Nabucodonosor para os judeus Daniel, Misael, Ananias e Azarias segundo Dan 1, 7.

Segundo alguns exegetas o verdadeiro nome hebraico de Sesbazar seria Seneazar, citado em 1 Crônicas 3, 18 nas listas geracionais de Salomão como o quarto filho de Jeconias (Jeoaquim), o penúltimo rei de Judas.

O exílio na verdade não durou os 70 anos previstos por Jeremias, mas menos de 50, de 587 a 538 a.C. (porém, chegamos a 70 ao chegar à data da reconsagração do Templo); Dada a pouca idade de Jeoaquim quando foi deportado, é possível que Sesbassar fosse o mesmo Seneazar mencionado pelo Cronista.

Sasabassar, no entanto, logo sai de cena, substituído por Zorobabel já em 2,2. E assim, outros pensaram que Sasabassar era na realidade o nome babilônico de Zorobabel, que de acordo com Mt 1:12 era filho de Sealtiel, irmão de Seneazar e filho de Jeoaquim. No entanto, é cada vez mais fácil acreditar que os dois são figuras distintas, ligadas em qualquer caso à linhagem real davídica: talvez, quando Sesbazar morreu pouco depois do retorno, o título de chefe da casa de Davi tenha passado para seu sobrinho Zorobabel, que liderou uma segunda grande onda de repatriados. A lista no capítulo 2 do livro de Esdras se refere a esta segunda parcela, que provavelmente representa os resultados de um censo solicitado pelas autoridades persas e realizado quando o povo já havia retornado para se estabelecer na Palestina. Por exemplo, a população judaica

de Belém (da qual, como sabemos, teria se originado a linhagem de José, o carpinteiro) contava com 123 habitantes.

Zorobabel é também mencionado pelos profetas Ageu (2, 21-23) e Zacarias (4, 6-10) como o novo líder enviado por Deus ao seu povo, um novo Moisés e precursor do Messias, do qual segundo São Mateus ele também é o ancestral.

OS REIS PERSAS

Em Esdras 4, 5-7, quatro governantes persas são brevemente mencionados, abrangendo um período de mais de um século: **Ciro, o Grande** (559-529 a.C.), fundador do império; **Dario I** (522-486 a.C.), que a organizou em Satrapias (províncias com governadores) ; **Xerxes** (486-465 a.C.), que também aparece no Livro de Ester, aquele que sofreu a pesada derrota em Salamina nas mãos dos gregos; e finalmente **Artaxerxes I Longimanus** (465-424 a.C.), sob cujo reinado o sacerdote Esdras e o governador Neemias provavelmente operaram. Outros identificam Artaxerxes de Esdras 7, 1 com Artaxerxes II Mnemon (404-358 a.C.), mas essa cronologia parece ser decididamente tardia demais.

ALÉM DO RIO

Este termo, que aparece diversas vezes no livro de Esdras, indica o nome de uma satrapia persa, especificamente a quinta, segundo a lista de Heródoto. Incluía a Síria, a Fenícia, a Palestina e a ilha de Chipre; portanto, todos os territórios além do Rio Eufrates.

Não é a primeira vez que essa expressão aparece na Bíblia. De acordo com Gênesis 11, 16-17, um dos ancestrais de Abraão foi chamado Éber, um nome que é evidentemente o epônimo de todo o povo judeu. Mas "Eber" significa precisamente "além": para os povos mesopotâmicos (e a Torá foi codificada precisamente durante o exílio babilônico), os cananeus e os judeus eram aqueles que viviam além do rio Eufrates.

O DISCURSO EM PRIMEIRA PESSOA

Um dos aspectos mais estranhos do livro de Esdras é a mudança repentina para a narração em primeira pessoa de 7,27 para 9,15, enquanto todas as partes anteriores e subsequentes são narradas na terceira pessoa.

Isso levou os exegetas a pensar que o livro de Esdras não é uma obra unitária, mas que teve uma gênese particularmente complexa, absorvendo textos já existentes.

Parte do livro de Neemias também é escrita na primeira pessoa; Isso levou à crença de que uma coleção de escritos autobiográficos de Esdras e Neemias, talvez apócrifos e talvez baseados em tradições transmitidas de pai para filho, estavam circulando entre os judeus pós-exílicos.

A narrativa da viagem de Esdras da Babilônia a Jerusalém tem o sabor de algo "visto", e não de uma narrativa construída a priori. Compare-se este relato com o da viagem de Tobias, o Jovem, de Nínive a Ecbátana: ali os nomes de cidades muito conhecidas são empilhados sem qualquer precisão, ignorando as distâncias reais entre elas e até mesmo se estavam na planície ou em as montanhas, enquanto aqui são anotados com grande cuidado os lugares, distâncias e intervalos de tempo, como se quisessem ter certeza de passar cada detalhe para a posteridade.

Considerando, por exemplo, o lugar onde os judeus se reuniram no início da sua viagem de regresso sob a orientação de Esdras, "o rio que corre para Aava" (8, 15), este nome é uma garantia absoluta de historicidade, porque está absolutamente presente hoje. desconhecido: era provavelmente um dos numerosos canais que derivavam água do Eufrates para irrigar os campos circundantes, bem conhecido na época, mas hoje não apenas esquecido: talvez nem existindo mais.

Se, porém, a história fosse apócrifa e inventada do zero, além de prosseguir na terceira pessoa, citaria algum lugar famoso, mas improvável, como o "canal de Kebar", bem conhecido pela tradição judaica, porque Ezequiel teve seu famoso e majestoso visões ali (Ez 1, 3; 3, 15; 3, 23; 10, 22).

SIGNIFICADO

Os casamentos mistos já haviam sido proibidos pelo Livro do Deuteronômio (7, 1-4), justamente para impedir a infiltração idólatra entre o povo de Deus; mas, depois do regresso do exílio, durante o qual o povo se viu obrigado a viver com outros pagãos e parecia natural misturar-se com eles, este problema tornou-se o mais candente para os judeus e para os sacerdotes, guardiões da Lei de Sinai. O livro de Esdras provavelmente foi composto inteiramente em torno desse núcleo central, para afirmar a importância da decisão tomada por Esdras em acordo com os líderes de todo o povo.

Certamente, hoje, a reforma radical de Esdras, que expulsou todas as mulheres estrangeiras de Israel para recriar uma "linhagem sagrada" pura e incontaminada, não pode nos parecer outra coisa senão uma manifestação de fundamentalismo. A única maneira de entender isso é levar em conta a necessidade sentida pelos judeus de preservar sua identidade nacional, que obviamente coincidia com sua identidade religiosa, em um dos momentos mais difíceis de sua história, quando já haviam perdido sua independência política, e recuperá-lo parecia impossível.

Essa escolha tem o efeito de restaurar o monoteísmo absoluto de JHWH, mas também de isolar Israel em uma espécie de povoado, governado apenas pela Torá e por um sacerdote, Esdras, intérprete do povo, da Lei Mosaica. Isso impedirá que Israel se misture com os povos vizinhos e permitirá que preserve sua identidade como povo até hoje. Se todos os povos antigos desapareceram

(egípcios, assírios, babilônios e até mesmo romanos), enquanto apenas Israel sobreviveu, isso certamente também se deve a Esdras e ao que hoje nos parece seu fundamentalismo religioso.

O LIVRO DE NEEMIAS

O Livro de Neemias, como já mencionamos, fala do retorno do exílio babilônico e da reconstrução dos muros de Jerusalém. Em estreita relação com o Livro de Esdras, o texto destaca o papel central de Neemias, um judeu de posição que se torna governador de Jerusalém e lidera o povo na restauração não apenas das muralhas físicas da cidade, mas também da vida espiritual e social de Israel. O livro é um testemunho da fidelidade de Deus e da determinação humana de permanecer fiel à Sua lei.

CONTEXTO HISTÓRICO E AUTOR

O Livro de Neemias se passa no período pós-exílico, durante o domínio persa. Neemias era copeiro do rei Artaxerxes I da Pérsia, uma posição de confiança que lhe permitiu obter permissão para retornar à Judéia para reconstruir os muros de Jerusalém.

O livro se encaixa na narrativa da restauração que começou com Esdras, dando ênfase especial à reforma espiritual e à proteção física do povo.

Acredita-se que o livro tenha sido escrito ou compilado pelo próprio Neemias ou por um editor posterior que complementou seus escritos pessoais (como suas notas e diários) com outras fontes históricas.

ESTRUTURA E CONTEÚDO

O Livro de Neemias é dividido em duas partes principais:

1. A reconstrução dos muros de Jerusalém (capítulos 1-7)

O Chamado de Neemias: O livro começa com a oração de Neemias, que intercede por seu povo depois de ouvir a notícia do estado de abandono de Jerusalém.

O retorno e a autorização real: Neemias obtém permissão do rei Artaxerxes para retornar a Jerusalém, levando cartas com ele para obter recursos e proteção.

Reconstrução sob oposição: Apesar da resistência de inimigos externos, como Sambalate e Tobias, Neemias lidera o povo na conclusão das muralhas em apenas 52 dias, um feito extraordinário que demonstra a orientação divina.

2. Reforma espiritual e social (capítulos 8-13)

Lendo a Lei: Esdras, contemporâneo de Neemias, lê publicamente a Torá para o povo, levando a uma renovada consciência espiritual e à confissão coletiva dos pecados.

Reformas sociais: Neemias lida com questões sociais, como usura e maus-tratos aos pobres, restaurando a justiça entre o povo.

Consagração e renovação da aliança: Depois que as paredes são reconstruídas, o povo renova sua aliança com Deus, comprometendo-se a seguir a lei mosaica e manter a santidade do templo e do sábado.

Reformas Finais: Neemias retorna a Jerusalém após um período de ausência e enfrenta outros problemas, como casamentos mistos e profanação do templo.

TÓPICOS PRINCIPAIS

Fidelidade a Deus: Neemias enfatiza a importância de uma vida espiritual ancorada na lei divina, mostrando como o retorno à Palavra de Deus traz renovação e bênção.

Liderança e serviço: Neemias é um modelo de liderança útil, caracterizado pela oração, planejamento e coragem diante da oposição.

Unidade e colaboração: A reconstrução dos muros é um exemplo de como o povo de Deus pode alcançar grandes resultados trabalhando juntos.

Restauração e reforma: Além da reconstrução física das muralhas, o livro destaca a necessidade de uma reconstrução espiritual do povo.

MENSAGENS-CHAVE

O poder da oração: Neemias é um homem de oração, buscando constantemente a orientação e o favor de Deus em cada passo.

Deus é fiel às suas promessas: A restauração de Jerusalém mostra que Deus não abandona seu povo e realiza seu plano.

A obediência traz bênçãos: O retorno à lei e a santificação da comunidade são sinais de uma vida abençoada por Deus.

IMPORTÂNCIA TEOLÓGICA

O Livro de Neemias enfatiza a ligação entre renovação espiritual e progresso social e político. Mostra que a verdadeira restauração não é apenas física, mas também moral e religiosa, exigindo o compromisso conjunto do povo e de seus líderes. É um testemunho da providência divina e da importância de permanecer fiel à missão confiada por Deus.

OS LIVROS DE TOBIAS, DE JUDITE E DE ESTER

Os livros de Tobias, Judite e Ester aparecem após dos livros de Esdras e Neemias e em outros aparecem após os livros sapienciais.

Embora estejam entre os livros históricos do Antigo Testamento, não têm nada a ver com a história como a entendemos hoje, isto é, como historiografia. Mas, são livros escritos no contexto histórico imediatamente posterior ao exílio (587-538) babilônico e assírio e até à época de Macabeus, época da perseguição ao povo judeu, por isso, a intenção do hagiógrafo é animar o povo judaico para ser íntegro e fiel na observância da Lei apresentando personagens, modelos em forma de *conto popular*, uma "história com final feliz" cujo propósito é exaltar a conduta boa e respeitosa destas personagens para com os outros e a Lei. E por isso pertence a um gênero literário próprio, chamado: o midrax ou a hagadá, que falamos nas primeiras aulas da introdução da Bíblia.

O LIVRO DE TOBIAS

O livro de Tobias chegou até nós apenas na versão grega e, portanto, não é considerado inspirado nem pelos judeus nem pelos reformados, mas está incluído no cânon católico.

Como falamos anteriormente, o principal objetivo do autor é exaltar a fidelidade à Lei de um judeu da diáspora, forçado a viver entre povos pagãos que o ridicularizam e o insultam, porém, Deus cuida e toma conta dele apesar das dificuldades e perseguições cotidianas, através de intervenções sobrenaturais e misteriosas.

O próprio protagonista do livro começa na primeira pessoa:

“Eu, Tobi, passei os dias da minha vida seguindo os caminhos da verdade e da justiça. Dei generosamente a esmola aos meus irmãos e aos meus compatriotas que foram levados cativos comigo para Nínive, na terra da Assíria” 1,3.

AMBIENTE E CRONOLOGIA Não há unanimidade acerca da data de composição do livro. Para uns, teria sido escrito provavelmente entre os anos 200 e 180 a.C. e para outros numa data muito posterior. Como quer que seja, todo o texto deixa perceber um ambiente ligado à diáspora, em torno à época do exílio persa. Contudo, e independentemente das considerações cronológicas, é um texto com uma intencionalidade didática e edificante evidente, visível não só a partir da sua forma narrativa, em jeito de saga, mas também a partir da constatação do pouco cuidado que o autor colocou nas referências cronológicas, históricas e geográficas, que resultam, na sua maioria, incoerentes.

ESTRUTURA GERAL

I. História de Tobite: 1,1-3,6;

II. História de Sara: 3,7-4,21;

III. Preparação da viagem: 5,1-23;

IV. Viagem à Média: 6,1-19;

V. Casamento de Tobias e Sara: 7,1-14,15

CONTEÚDO O esquema geral da obra é a sequência da sua história:

Origens de Tobite e a sua piedade (cap. 1).

Tobite no cativeiro (2,1-9).

A sua resignação nas provas (2,10-3,6).

Sara, no meio da sua aflição, ora ao Senhor (3,7-17).

Discurso de Tobite a seu filho (cap. 4).

O filho de Tobite empreende a viagem, acompanhado por um anjo (5,1-6,9).

Bodas do filho de Tobite com Sara (6,10-8,9).

Gabael assiste às bodas (cap. 9).

Regresso de Tobias para junto de seus pais (10-11).

Revelação do anjo (cap. 12).

Cântico de Tobite (cap. 13).

Mortes de Tobite e de Tobias (cap. 14).

No primeiro (capítulos 1-3) Um judeu exemplar mas infeliz! Aqui temos a introdução geral e o pano de fundo da história, em que Tobias, o pai, fala na primeira pessoa de 1, 3 a 3, 6.

Tobias é um israelita piedoso deportado de sua terra natal na Alta Galileia, para Nínive, que graças à sua piedade religiosa, mesmo em tempos de perseguição, fez carreira e economizou uma boa quantia e fez em forma de depósito junto com um seu parente, Gabael, que vivia em Raga, uma cidade na Média.

Mas o favor divino parece virar as costas ao piedoso israelita: no momento em que vai enterrar o corpo de um compatriota assassinado na rua e ali abandonado (crime considerado muito grave pelos povos do Médio Oriente), ele fica cego porque o excremento quente de alguns pardais o tocou, caiu sobre os olhos (capítulo 2).

A cegueira durará quatro anos, e sua esposa Anna terá que sustentar a família com trabalhos forçados. Mas um dia ela não aguenta mais e desabafa: « Onde estão suas esmolas? Onde estão suas boas obras? Olha, você pode ver claramente pelo estado em que você está! » 2,14.

Tobias sofre muito e clama ao Senhor que o deixe morrer, pois tal provação parece excessiva para alguém como ele, que sempre observou a lei com grandes escrúpulos.

Ao mesmo tempo, desenrola-se a triste história de Sara, a jovem filha de Raguel, parente de Tobias que vive em Ecbátana, capital da Média (capítulo 3). Ela já teve sete maridos, mas todos foram mortos pelo demônio Asmodeus na noite de núpcias, e as criadas a insultam. Então ela também, em desespero, eleva sua prece ao Altíssimo.

As duas orações chegam aos ouvidos de JHWH ao mesmo tempo, que decide ouvi-las, enviando o arcanjo Rafael, o curador, em seu auxílio. E a partir daqui a história realmente começa a andar.

Azaria/Raffael chega

A parte central do texto (**capítulos 4-10**) é dedicada às aventuras de Tobias Júnior (frequentemente nas versões o filho é chamado Tobias e o pai Tobit, mas em essência os dois nomes são os mesmos).

Ele é enviado por seu pai a Gabael para coletar seu dinheiro, para que ele possa dispor dele antes que seu pai morra e Gabael continue sendo o senhor de tudo. O **capítulo 4** contém muitos conselhos sábios que o pai dá ao filho. Este é um gênero literário muito difundido nos tempos antigos, chamado "Ensino de Ptahhotep", são os conselhos de um oficial egípcio da V dinastia a seu filho sobre como progredir em sua carreira e, remonta a até o terceiro milênio a.C.! Essas passagens se aproximam, por isso, mais aos livros sapienciais que aos livros históricos.

De qualquer forma, assim que Tobias Jr. parte em sua jornada (**capítulo 5**), ele é abordado por um viajante misterioso que diz estar familiarizado com a Média e está disposto a acompanhá-lo. Ele se apresenta como Azarias, filho de Ananias: dois nomes muito significativos, pois significam respectivamente "YHWH ajuda" e "YHWH é benevolente".

O jovem certamente não imagina que caráter celestial se esconde sob o disfarce do viajante, embora este demonstre imediatamente uma sabedoria sobre-humana, aconselhando (**capítulo 6**) seu protegido a guardar o fel, o coração e o fígado de um peixe que ele pescou no grande rio Tigre, pelas virtudes terapêuticas que possuem. É sempre o mesmo Azarias que informa Tobias Jr. sobre a triste história de Sara, assim que chegam a Ecbátana.

Ao ver a infeliz moça (**capítulo 7**), o jovem Tobias se apaixona por ela e pede que o casamento seja celebrado, já que ele é parente dela. Raguel, o pai de Sarah, concorda, mas de qualquer forma manda cavar uma cova para enterrar secretamente o corpo do infeliz homem, caso Asmodeus decida voltar à ativa, para que o enésimo fracasso conjugal de sua filha permaneça em segredo.

Durante a noite de núpcias, Tobias e Sara cantam uma canção famosa (**capítulo 8**) que é frequentemente lida durante cerimônias de casamento católicas.

Asmodeus fica à espreita, mas Azarias/Rafael está pronto com um exorcismo: ele queima o coração e o fígado do peixe, provavelmente seguindo um antigo ritual judaico para afastar o Maligno, e Asmodeus foge para sempre. Tobias Júnior passa a noite ileso, em meio à alegria de Sarah e Raguel, e Azarias vai até Rages para cobrar a quantia depositada lá por Tobias muitos anos antes (**capítulo 9**). Finalmente Tobias, Sara e Azarias retornam a Nínive (**capítulo 10**).

Epílogo da sabedoria

Isso nos leva à parte final do livro (**capítulos 11-14**). Tobias pai é curado da cegueira assim que seu filho aplica o fel do peixe providencial em seus olhos (**capítulo 11**). Neste ponto, o pai gostaria de dar a Azarias sua recompensa (**capítulo 12**), mas ele os leva para um canto, os entretém com outro sábio discurso e finalmente se revela a eles, retornando ao Céu em meio ao medo de nossos protagonistas.

O **capítulo 13** contém uma peça de alta poesia, o chamado Cântico de Tobias, um verdadeiro salmo no qual vários temas são desenvolvidos:

- o exílio dos judeus não é um abandono de Deus, mas um castigo que visa a redenção, tal como a cegueira de Tobias, o velho (13, 1-6);
- a diáspora de Israel entre os povos pode ser uma oportunidade para dar testemunho missionário do único Deus (13, 7-8);
- a parte final (13, 9-18) é um grande hino a Sião, que testemunha a nostalgia apaixonada do judeu da diáspora pela Cidade Santa, através de imagens de bem-aventurança, glória e beleza representadas, como no Apocalipse de João, de uma profusão de pedras preciosas.

Por fim, o **capítulo 14** contém outros sábios discursos dirigidos pelo velho Tobias ao seu filho antes de morrer e o epílogo, que tem o tom de vingança contra a pérfida Nínive (14, 15):

“Antes de morrer [Tobias, o Jovem], ouviu falar da ruína de Nínive e viu os prisioneiros que estavam sendo deportados para a Média por Aquiacar, rei da Média. Então ele abençoou a Deus pelo que Ele havia feito pelo povo de Nínive e da Assíria. Antes de morrer, ele pôde se alegrar com o destino de Nínive e bendizer ao Senhor Deus para todo o sempre. »

ALGUNS PERSONAGENS

O Arcanjo Rafael

O nome Rafael significa "O Senhor cura". No livro de Tobias, o tema da angelologia judaica é amplamente desenvolvido, também abordado no livro de Daniel e em muitos apócrifos. Isto é evidência da composição muito tardia do

livro, porque a angelologia e a demonologia se desenvolveram principalmente sob influência helenística. No livro do **Êxodo**, de fato, diz (3, 2):

« O anjo do Senhor apareceu a Moisés numa chama de fogo vinda de dentro de uma sarça. Ele olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, mas a sarça não se consumia. »

Imediatamente depois, porém (3, 4-6), o interlocutor muda completamente:

« Quando o Senhor viu que ele se havia virado para olhar, Deus o chamou do meio da sarça: "Moisés, Moisés!" Ele respondeu: "Aqui estou!" Ele continuou: "Não se aproxime! Tire as sandálias dos pés, pois o lugar onde você está é terra santa!" E ele disse: "Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó..." »

Assim, o anjo ainda é indistinguível do Senhor, de quem ele aparece apenas como a manifestação no mundo dos homens.

Além disso, em **Gênesis 18,1-5** o Senhor aparece a Abraão no bosque de carvalhos de Manre na forma de três homens, mas em 18,22 dois deles vão para Sodoma enquanto o terceiro permanece com Abraão. Ele se dirige ao último como o Senhor, enquanto em 19,1 os outros dois são chamados de "os dois anjos". Mais uma vez, perfeita indistinguibilidade entre Deus e seus anjos, e já estamos no tempo da deportação babilônica.

Quando o livro de Tobias foi composto, o quadro havia mudado radicalmente. Em Tobias 12,15 Rafael, que sempre se comportou como uma entidade pessoal com vontade própria e não como um alter ego de YHWH, diz de si mesmo:

"Eu sou Rafael, um dos sete anjos que estão sempre prontos para entrar na presença da majestade do Senhor."

O número sete é simbólico, uma indicação de plenitude absoluta, mas também pode se referir ao fato de que a corte persa estava organizada de forma a colocar sete altos funcionários ao lado do soberano: o autor provavelmente se inspirou nessa memória para criar esta imagem da corte celestial.

Da Bíblia temos os nomes de Gabriel (Evangelho de Lucas), Miguel (Livro de Daniel, Apocalipse de João), Rafael (Livro de Tobias);

Os apócrifos (Livros de Enoque, IV Livro de Esdras) também dão nomes aos outros quatro: Raguel, Remeiele, Saraquiel e Uriel.

Quanto à palavra "anjo", ela vem do grego "mensageiro". Os demônios são contrastados com os anjos, vistos pelo judaísmo e depois pelo cristianismo como anjos caídos, inimigos de Deus e dos homens; a palavra grega "daimones" indicava os "gênios", seres intermediários entre deuses e homens. Somente na era helenística demônio se tornou sinônimo de espírito maligno; Anteriormente, essa palavra não tinha conotação negativa.

Asmodeus

Em Tobias 3, 8 aparece um dos poucos demônios chamados pelo seu nome na Bíblia: Asmodeus. Seu nome deriva do persa "Aeshma Deva", que significa "aquele que mata", que faz perecer, "o assassino", certamente em relação ao fato de que ele matou todos os sete maridos da pobre Sara, mas também em contraste com **Rafael**, que como dissemos significa "**Deus cura**".

Na religião da antiga Pérsia, a zoroastriana, a **Aeshma Daeva** indicava o **demônio da raiva**, o equivalente ao Satanás hebraico.

"Deva" também são deuses na religião hindu (religião indiana), mas eles têm conotações positivas, enquanto na Pérsia eles indicavam divindades malignas.

Sara, por quem o demônio se apaixonou e mata todos os seus rivais, se passa em Ecbátana, nas montanhas do Irã, a identificação parece espontânea.

Afinal, Asmodeus era um personagem bem conhecido nas lendas judaicas. Ela aparece, por exemplo, no apócrifo "Testamento de Salomão", onde, por acaso, é apresentada justamente como inimiga da união conjugal:

« Meu trabalho é conspirar contra os recém-casados, para impedi-los de se casarem. Eu destruo a beleza das virgens e mudo seus corações, e levo os homens à loucura e aos desejos desonestos."

O livro de Tobias, portanto, não faz nada além de arrombar uma porta já aberta.

A descrição da expulsão de Asmodeu por Rafael em Tobias 6,17-18 está ligada precisamente a antigas práticas exorcísticas:

No antigo Oriente acreditava-se que a fumaça nauseante era indigesta para os espíritos e demônios e, portanto, os fazia fugir. Note-se, porém, que este rito um tanto ingênuo e quase xamânico, mágica, não bastaria por si só para salvar Tobias Júnior, se o próprio Rafael não interviesse para acorrentar o demônio "do Alto Egito", sinal claro da intervenção de Deus que salva seus projetos. Por que o Alto Egito? Antigamente, acreditava-se que os demônios viviam em regiões distantes e desertas; de fato, assim que Jesus se retira para o deserto da Judeia para rezar, é assaltado por tentações diabólicas (Mt 4,1); e em Mt 12, 43 diz assim: "Quando um espírito imundo sai de um homem, anda por lugares áridos buscando repouso, mas não encontra."

O Egito era considerado o *extremo sul* do mundo conhecido, assim como a **Média** ficava no *extremo nordeste*: como se dissesse que Rafael acorrenta o diabo nos antípodas, nos dois lados extremos, nos dois lugares extremos, onde estão Tobias e Sara, para torná-lo definitivamente inofensivo.

- Vale a pena notar que, nas histórias de Sherlock Holmes¹², um dos maiores inimigos do lendário detetive se chama Asmodeus Moriarty.

Aicar

Aicar, mencionado várias vezes no livro de Tobias (1, 21-22; 2, 10; 11, 19; 14, 10), é na realidade o personagem de um antigo e muito popular romance oriental, "A Sabedoria de Aicar¹³". Este texto extra bíblico conta como o protagonista, tendo se tornado ministro de um grande soberano, adota Nadabe, um jovem parente a quem ele dá muitos conselhos sábios de natureza sapiencial. Mas ele calunia seu benfeitor diante do rei. Entretanto, pouco antes de Aicar ser condenado à morte, a verdade vem à tona e o caluniador é condenado em seu lugar.

Esta história é explicitamente mencionada em Tobias 14,10 e, o provérbio citado em Tobias 12, 7 pela boca de Rafael "É bom manter o segredo do rei escondido", encontram-se na "Sabedoria de Aicar". Provavelmente se refere ao fato de que, durante a diáspora, muitos judeus se tornaram conselheiros de governantes orientais (um por todos: Mordecai no livro de Ester), e o sigilo era uma das principais qualidades exigidas de um conselheiro.

O Oráculo de Naum

Uma das provas de que o Livro de Tobias é muito posterior à maioria dos outros livros bíblicos é a inclusão, em 14, 4, do "oráculo do profeta Naum", uma referência evidente aos capítulos 1-3 do livro do profeta do mesmo nome, onde a destruição de Nínive é profetizada.

No estilo típico do gênero apocalíptico, que contém "revelações" sobre o futuro (tal é o significado da palavra Apocalipsis), como acontece por exemplo em No livro de Daniel, o livro de Tobias apresenta como futuros eventos que já ocorreram, neste caso a queda de Nínive em 612 a.C.

O profeta Naum escreveu no século VII a.C. quando Nínive ainda estava de pé e a Assíria era uma grande potência. Sua descrição da ruína da capital mais soberba do mundo, no entanto, tem a eficácia de um cronista de guerra: « A rainha é levada ao exílio, suas criadas gemem como pombas, batendo no peito. Nínive é como um lago turbulento do qual as águas escapam. "Pare! Pare!" mas ninguém se vira. Saqueie a prata, saqueie o ouro, há tesouros sem fim, montes de objetos preciosos. Devastação, despojamento, desolação; corações desanimados, joelhos vacilantes, em todos os corações há dores, em todos os rostos a palidez... » (Naum 2, 8-11)

¹² Sherlock Holmes é uma personagem nas obras de ficção histórica de Doyle, onde ele é um detetive atraído por criminologia, detalhista, com grande capacidade de observação e dedução ao seguir pistas e resolver mistérios abandonados pela polícia como "sem solução".

¹³ é uma história antiga que foi escrita em aramaico imperial (.V a.C.).

HISTORICIDADE

Os Reis da Assíria

O contexto histórico do livro de Tobias, como revelam as primeiras linhas do primeiro capítulo, é o da diáspora israelita. Os eventos de Tobias pai e Tobias filho devem ser colocados entre os séculos VIII e VII a.C., dado que: « Nos dias de Salmaneser, rei da Assíria, ele foi levado cativo de Tisbe, que fica ao sul de Cades-Naftali, na Alta Galileia, acima de Aser, em direção ao oeste, ao norte de Sefet... »

Tisbe é uma cidade no norte da Galileia, não deve ser confundida com Tisbe da Transjordânia, lar do profeta Elias (na verdade chamado de "o tisbita"). Não é por acaso que a tribo de Naftali (veja o livro de Josué) estava estabelecida no norte da Galileia.

O Salmaneser mencionado aqui deve ser o quinto de seu nome, que reinou de 727 a 722 a.C. e, depois de sitiar Tiro, voltou-se contra Oséias, rei de Israel (ver o Segundo Livro dos Reis);

Seu sucessor Sargão II (722-705 a.C.) capturaria Samaria, acabando com o reino do norte de Israel. Como pode ser visto, Salmaneser V não conseguiu completar a conquista das tribos do norte; e ainda em 1, 13 o próprio Tobias, o Velho, afirma na primeira pessoa que ele havia se tornado o provedor do rei, como se este tivesse reinado por muito tempo após a conquista.

Logo depois, Salmaneser ascendeu ao trono: Senaqueribe (705-681 a.C.), o rei que atacou Jerusalém, mas teve que recuar porque a praga estava devastando suas tropas (2 Reis 19). Talvez lembrando desse ataque fracassado, o autor anônimo do livro fala de uma dura repressão desencadeada pelo imperador contra os judeus. Senaqueribe foi logo assassinado dentro do templo de Nisroque por seus dois filhos, Adram-Meleque e Sarezer, e foi sucedido por seu terceiro filho Assaddon (681-669 a.C.). Dante recorda assim esse episódio (Purgatório XII, 52-54):

« Ele mostrou como as crianças se atiravam
sobre Senaqueribe dentro do templo,
e como, quando ele morreu, o deixaram lá »

Estamos mais de quarenta anos depois do cerco de Tisbe da Galileia, e Tobias, o pai, já era casado com Ana e já tinha tido Tobias, o filho, antes da deportação; e ainda assim a narração dos eventos nem sequer começou.

Uma imagem anacrônica

Em Tob 4, 1 é mencionada a Rages, na Média, uma cidade no atual Irã, que na época do apogeu assírio certamente não era uma grande potência na qual bancos e instituições de crédito pudessem ser localizados.

Em Tob 5, 6, em vez disso, fala-se de Ecbátana, a grande capital da Média, correspondente à atual Hamadã.

O Império Medo, no entanto, foi fundado e levado ao seu máximo esplendor nos anos de 700 a 584 a.C., muito depois dos eventos narrados no livro de Tobias. Em vez disso, os judeus (neste caso, na pessoa de Gabael) parecem já estar estabelecidos há algum tempo nas principais cidades da Assíria e da Média, o que torna imediatamente claro que o autor é muito posterior aos fatos que ele relata, e descreve não a situação histórico-geográfica da época dos assírios, mas de sua época, quando talvez até o império persa já tivesse caído, substituído pelos reinos helenísticos, e os judeus tivessem feito fortuna em praticamente todas as cidades do Oriente Médio Leste. Caso contrário, como poderia Gabael, parente de Tobias, estar na Média antes mesmo de fazer carreira, se ele pertence à primeira onda de deportação de judeus para o leste?

De fato, há uma referência no livro de Tobias à ruína de Nínive, que sabemos ter ocorrido em 612 a.C. pelo babilônico Nabopolassar e pelo medo Ciaxares, mas este último é chamado de Achiacar (talvez uma corrupção popular devido ao longo período de transmissão oral). Além disso, para viver desde a deportação dos israelitas até o momento da destruição de Nínive, cidade simbólica dos inimigos de Israel, Tobias Júnior teria realmente que atingir os 117 anos que o livro hiperbolicamente lhe atribui (14, 14). Talvez em sua saída de Nínive e mudança para Ecbátana haja uma lembrança do império dos medos e persas, que substituiu o assírio após a ruína da soberba capital.

Nas montanhas ou nas planícies?

Além disso, a imprecisão da narrativa histórica se estende à dos dados geográficos. Na verdade, Rages e Ecbátana ficam a pelo menos 300 km de distância, uma distância difícil de ser percorrida "em dois dias inteiros de viagem" (Tb 5,6). Como se isso não bastasse, o texto da Vulgata diz:

« A Rages está nas montanhas e Ecbátana está na planície. »

Esta é uma inconsistência óbvia, porque ambas as cidades estão localizadas em grandes altitudes: Rages a 1132 metros e Ecbatana a 2010. De fato, muitas versões modernas corrigem a tradução traduzindo "Ambas as cidades estão localizadas nas montanhas".

Finalmente, em Tob 11, 1 é mencionada a cidade de «Caserin, em frente de Nínive»: um lugar absolutamente desconhecido, talvez confundido com Harã, a atual Urfa na Turquia, a cidade da Alta Mesopotâmia de onde Abraão iniciou sua jornada para Canaã. Mas Harã está localizada a 400 km de Nínive, e certamente não em frente a ela.

Conclusão: assim como o quadro histórico do livro de Tobias é incerto e aproximado, também as indicações geográficas, que aparentemente parecem descrever com precisão as etapas de uma longa e aventureira viagem, são na

realidade apresentadas à luz do simples conhecimento popular, reminiscências de eventos distantes da história de Israel. Parece que o autor quer limitar-se a despertar a curiosidade dos leitores por terras distantes e de sabor exótico, sem escrúpulos de rigor histórico ou geográfico.

MENSAGEM TEOLÓGICA

Depois do Exílio, enquanto uma parte do povo judeu se reuniu à volta de Jerusalém, um grande número permaneceu na Babilónia e nos outros territórios em redor de Israel: no Egito, na Assíria e nos territórios que atualmente constituem a zona norte do Irão. Muito provavelmente, o livro de TOBITE nasce dentro deste ambiente linguístico e geográfico.

Ao ser um texto narrativo de carácter "romanceado", a atenção do leitor é levada a centrar-se nas personagens, nas suas genealogias escrupulosamente israelitas e na forma fiel e piedosa segundo a qual orientam as suas vidas. Estas características, típicas dos intervenientes, são ainda postas em relevo graças ao recurso sistemático a comparações, quer com os outros membros do povo de Israel, quer com as personagens reais com as quais cada um deles se vai relacionando.

Assim, o texto avança claramente em dois níveis paralelos e concêntricos de desenvolvimento: por um lado, o nível da fidelidade e piedade de Tobite e dos seus familiares diretos; por outro, a infidelidade do povo e a impiedade dos governantes. Todo o enredo, na sua forma simplista, está impregnado de um inconfundível sabor sapiencial e de referências indisfarçáveis, por exemplo, à História de José e à personagem de Job.

Nesta simplicidade linear, o texto não é capaz de criar qualquer tensão dramática. Desde o início, o leitor tem a sensação de já saber o que vem a seguir. Seguindo as regras típicas deste género, o texto avança num crescendo de complicação com sucessivos momentos de resolução, atingindo o climax ou ponto de viragem quando ficam resolvidas as duas dificuldades principais ligadas à questão da herança: o aspecto financeiro e a descendência, que se supõe venha a seguir-se à conclusão feliz do casamento de Sara e Tobias.

Apesar disto, e na sua ingenuidade, o livro de TOBITE respira um ambiente de fé incondicional em Deus. Para além das tribulações e dificuldades sofridas, as personagens centrais vivem com a certeza inabalável da presença de Deus, como condutor da História, e da recompensa que hão de ter pela sua fidelidade.

O próprio nome de Tobite (abreviatura hebraica de "Tôbiyyâh", que quer dizer "Deus é bom", ou "o meu bem está em Deus") confirma a ação da divina Providência, que vela por aqueles cuja fé é inabalável e os ajuda a vencer as provações, acabando por lhes dar uma recompensa muito acima de toda a expectativa, como no caso do próprio Tobite.

O que podemos dizer, em conclusão, sobre um livro como o de Tobias? As palavras mais apropriadas para descrevê-lo parecem ser aquelas usadas por Martinho Lutero:

« Se é história, é história sagrada; se é poesia, é um poema verdadeiramente belo, saudável e proveitoso, obra de um poeta brilhante, uma comédia fina e adorável »

Note que o livro de Tobias exalta desde o início as obras dos justos que lhe garantem a salvação, como:

- enterrar os mortos para Tobias, o pai;
- A fidelidade à Lei mesmo em meio às dificuldades e perseguições: o justo que obedece aos preceitos é abençoado por Deus segundo a conhecida “teoria da retribuição”.
- Mas o livro de Tobias vai além, mostrando - através da história do justo Tobias que ficou cego - que Deus também pode testar os inocentes, mas nunca os abandona, sempre zela por eles e os recompensa no devido tempo.

LIVRO DE JUDITH

Este livro, cujo nome é o da sua figura principal, mostra-nos como Israel domina todas as dificuldades quando obedece ao Senhor. As pessoas e os lugares nele descritos fazem crer que o autor pretendeu dar-lhes nomes fictícios, embora não se saiba exatamente porquê. O significado de alguns deles quadra bem com o próprio conteúdo do livro. O nome da heroína, Judite, que lhe serve de título, simboliza "a judia", expressão frágil e desamparada do próprio Israel, sob a ameaça dos inimigos. O importante, contudo, é a lição que nos é dada pelo seu cântico: só os que temem o Senhor podem ser grandes em todas as coisas.

PERÍODO DE COMPOSIÇÃO

TEXTO Aquele que terá sido o texto original hebraico ou aramaico do Livro de JUDITE há muito que desapareceu. O testemunho escrito que chegou até nós era constituído por três recensões gregas, uma versão siríaca, a antiga versão latina e a tradução latina feita por São Jerónimo. As poucas recensões hebraicas que se conhecem são consideradas pouco fidedignas para nos darem a conhecer o texto original, uma vez que se apresentam como elaborações livres feitas sobre o mesmo texto.

Segundo Orígenes e São Jerónimo, este livro não era considerado canónico pelos judeus da Palestina. Entretanto, foi traduzido pelo Targum, e o Talmude atribuiu-lhe um grau inferior de inspiração. Contudo, no séc. I d.C. o livro fazia parte do cânone dos judeus de Alexandria.

CONTEXTO HISTÓRICO Estamos, muito provavelmente, diante de um texto parenético e didático, composto a partir de um núcleo original. Com efeito, o texto que chegou até nós apresenta dados históricos e geográficos que põem muitos problemas, quer de situação, quer de identificação. Por exemplo: Embora narre eventos que remontam à época do rei Nabucodonosor, acredita-se que tenha sido escrito na era dos Macabeus, portanto, no século II a.C., durante a dura repressão dos governantes helenísticos da Síria.

Nabucodonosor é posto a lutar contra um Medo, de nome Arfaxad, que não se sabe exatamente quem é. Diz-se, igualmente, que conquistou Ecbátana, quando se sabe que ele nunca conquistou esta cidade nem combateu os Medos. A cidade de Betúlia, o Sumo Sacerdote Joaquim e a própria Judite, excetuando a filha de Jacob e Lia, não aparecem referidos em nenhum outro texto do Antigo Testamento.

Também aqui, como nos livros de Ester e Tobias, a definição de “livro histórico” é, portanto, imprecisa, pois deveríamos falar de “narrativa edificante”, como diremos a seguir.

DIVISÃO E CONTEÚDO DO LIVRO

A obra está dividida em pelo menos **três partes**.

Os capítulos 1 a 7 representam o contexto e a introdução;

nos capítulos **8 a 14** a história vem à tona e conta a história da concepção e implementação do plano de Judite para salvar seu povo;

Os capítulos 15 e 16 representam o epílogo, com o triunfo de Judite e de todo o povo de Israel.

DIVISÃO E CONTEÚDO O livro de JUDITE divide-se em duas partes:

1. Antecedentes do cerco a Betúlia (1,1-6,21):

- o poder de Nabucodonosor (1);
- expedição de Holofernes (2);
- procedimento das nações gentias (3);
- os Judeus preparam-se para a guerra (4);
- discurso de Aquior a Holofernes (5);
- resposta de Holofernes (6).

2. Vitória dos Judeus (7,1-16,25):

- a situação torna-se difícil em Betúlia (7);
- Judite diante dos chefes do povo (8);

a oração de Judite (9);
 a caminho do acampamento assírio (10);
 na presença de Holofernes (11);
 Judite na ceia de Holofernes (12);
 regresso triunfante à cidade (13);
 ataque contra os assírios (14);
 vitória completa dos Judeus (15);
 cântico de Judite (16,1-17);
 conclusão da história de Judite (16,18-25).

A Guerra Mundial de Nabucodonosor

O capítulo 1 descreve a guerra épica travada pelo rei Nabucodonosor contra o rei medo Arfaxade, que se rebelou contra sua vassalagem.

O lendário governante do Oriente pede ajuda aos povos da Anatólia, Síria, Palestina e Egito, mas ninguém responde ao seu convite: “eles não o seguiram na guerra, porque não tinham medo dele, que em “aos olhos deles ele era como qualquer outro homem” (1,11).

Nabucodonosor fica inflamado de indignação e, tendo acertado contas com Arfaxade, decide punir o povo que o rejeitou, ignorando seu poder.

No décimo oitavo ano de seu reinado, que coincide com 587 a.C., o mesmo ano da destruição de Jerusalém, o senhor convoca o conselho da coroa e até planeja uma espécie de "guerra mundial", com o objetivo de exterminar todos os povos rebeldes.

No capítulo 2, 1-20: A tarefa de executar esse massacre de proporções planetárias é confiada ao General Holofernes. Nabucodonosor se dirige a ele com um tom ameaçador e deliberadamente maligno, para representar vividamente a arrogância do poder real que se acredita invencível e superior a tudo e a todos, incluindo os deuses. O poder do exército assírio é expresso em 2, 15-16 com números absolutamente hiperbólicos, nos quais o simbolismo do número 12 tem um peso determinante (120.000 homens, 12.000 arqueiros a cavalo...) ¹⁴.

¹⁴ Como também acontece no Apocalipse de João, quando combinado com múltiplos de dez, esse número se torna sinônimo de uma quantidade transbordante e incalculável.

A expressão “preparai terra e água” (2, 7) é talvez retirada dos historiadores gregos Heródoto e Políbio, para indicar a passagem e a parada do conquistador na terra conquistada.

O Cerco de Betúlia

Posteriormente (**capítulos 2, 21-28 e capítulo 3**) são descritas as campanhas vitoriosas do general Holofernes, que coloca praticamente o mundo inteiro de joelhos, forçando-o a reconhecer a supremacia de Nabucodonosor.

No **capítulo 4** vemos como o terror da violência e da pilhagem dos soldados assírios também afeta a Judeia; o sumo sacerdote Joaquim, que também aparece no livro de Neemias, convoca os habitantes da fortaleza de Betúlia a resistir, para que bloqueiem o caminho do exército de Holofernes e o impeçam de chegar e devastar Jerusalém, enquanto todo o Israel faz penitência pelos próprios pecados (é a usual "teoria da retribuição": se infortúnios acontecem, é um castigo do Céu pelos nossos pecados).

Enquanto isso, Holofernes fica surpreso que os judeus queiram resistir a ele bloqueando as passagens nas montanhas, enquanto todos os outros povos baixam a cabeça em terror diante de seu avanço vitorioso, e ele obtém informações sobre eles de Aquior, rei dos amonitas. Esses eram inimigos tradicionais de Israel, mas Aquior canta louvores ao Povo da Aliança, narrando a Holofernes toda a sua história sagrada desde a época de Abraão (**capítulo 5**). Aquior até aconselha o general a passar sem perturbar os judeus, se não quiser incorrer no castigo do seu Deus.

A reação de Holofernes (**capítulo 6**) é muito dura: ele proclama que ninguém é deus exceto Nabucodonosor, que nenhum outro deus será capaz de salvar os judeus de sua punição, e que ele pretende exterminá-los a todos, até o último homem. Quanto ao pobre Aquior, ele é amarrado em frente a Betúlia para testemunhar a ruína da cidade que ele esperava salvar. Aquior, no entanto, é salvo pelos defensores de Betúlia que, depois de ouvir o que ele fez por eles, agradecem a Deus e o acolhem em seu povo.

Mas as coisas parecem estar indo muito mal para Betúlia: no **capítulo 7**, Holofernes decide matá-la de fome; o cerco durará 34 dias, e os habitantes desesperados pedem a Uzias, o líder da comunidade, que se renda a Holofernes. Uzias, porém, os exorta a resistir pelo menos mais cinco dias, porque "não é possível que Deus nos abandone até o fim".

O plano de Judith

Neste ponto, a estrela brilhante de Judith surge. No início do **capítulo 8** ela é apresentada com uma genealogia mais longa contida na Bíblia, na qual são encontrados alguns nomes já conhecidos de outros livros bíblicos.

A autora pinta um retrato exemplar de Judite, a jovem viúva de um proprietário de terras que morreu repentinamente de insolação, que combina riqueza material e sensual e uma fé inabalável no Deus de seus pais.

Parece que a Judite descrita aqui é quase a tipificação da mulher judia ideal. Ela imediatamente revela uma natureza viril, convocando os líderes da comunidade para sua casa e pedindo que resistam. Seu discurso é construído com grande sabedoria retórica, porque na verdade é dirigido a todos os leitores do livro, que provavelmente estavam tentados a ceder à helenização desejada pelos selêucidas. A mulher acusa os líderes em particular de terem querido "tentar o Senhor" ao prometer resistir por apenas mais cinco dias, tentando forçar Sua mão a acelerar Sua intervenção na história.

Em vez disso, Judite lembra que todos os grandes homens de Israel foram tentados por provações e propõe tomar medidas para reverter o destino do cerco. Uzias responde que a situação deles é desesperadora e pede que ela ore para que Deus pelo menos envie chuva para encher as cisternas e saciar a sede deles. E é assim que a heroína responde (8, 32-34):

« Ouça, eu quero realizar um empreendimento que será passado de geração em geração para os filhos do nosso povo. Você ficará de guarda no portão da cidade esta noite, e eu sairei com minha serva. Depois desses dias, quando você tiver decidido entregar a cidade aos nossos inimigos, o Senhor, por minha mão, proverá o sustento de Israel. Mas não pergunte sobre meu plano: não lhe contarei nada até que o que quero fazer seja realizado. »

O capítulo 9 contém uma intensa oração a Deus: como outros personagens bíblicos, como Ester e Tobias Júnior, antes de empreender a empreitada ela invoca sobre si a proteção do Altíssimo, para que Ele lhe conceda uma vitória que cubra de glória il Suo Santo Nome.

No capítulo 10, porém, ela toma uma atitude: tira as roupas de viúva, lava-se, cobre-se de unguentos, maquia-se, veste as roupas mais bonitas que tem e depois sai da cidade com sua criada e se apresenta ao acampamento Assírio, pedindo para ser admitido na presença de Holofernes.

Os sentinelas são conquistados pelo charme da mulher e cedem ao seu pedido. Assim, no **capítulo 11** a vemos diante do terrível Holofernes: o discurso que ela lhe dirige é uma obra-prima da diplomacia, porque aparentemente a Judeia parece exaltar Nabucodonosor, mas na realidade ela está pensando no verdadeiro Senhor da história; e o grande empreendimento que Deus a enviou para realizar certamente não é aquele que Holofernes imagina.

O vaidoso Holofernes é subjugado pelas palavras do que parece ser apenas uma pequena mulher indefesa, e prepara para ela um grande banquete, descrito no **capítulo 12**.

Imediatamente depois, e estamos agora no coração da história, no **capítulo 13**, Holofernes se ilude achando que pode desfrutar das graças da esplêndida judia e se retira para sua tenda, entorpecido pelo grande vinho que bebeu. Mas Judite de repente agarra a cimitarra que Holofernes segura na cabeceira da cama, murmura uma prece e com um único golpe separa a cabeça do tronco. Uma cena macabra narrada com forte realismo e retratada muitas vezes pelos grandes artistas de todos os tempos.

Epílogo

Dessa forma, Judite se tornou *uma segunda Jael* (a judia que no livro dos Juízes esmagou a cabeça do general inimigo Sísera) e *um segundo Davi*, pois até o famoso rei de Belém cortou a cabeça de Golias do seu tronco com sua própria espada (veja o Primeiro Livro dos Reis).

Nesse ponto, ela não tem escolha a não ser esconder a cabeça do orgulhoso general na bolsa de comida de sua serva, deixar o acampamento assírio sob o pretexto da oração ritual e retornar para Betúlia.

Todo o povo fica maravilhado com o incrível feito realizado e se prostra no chão para agradecer a Deus e cobrir a heroína de bênçãos.

No capítulo 14, a cabeça de Holofernes é exibida nas muralhas de Betúlia (embora tal gesto tenha sido abertamente condenado), e os assírios descobrem a morte de seu general;

O capítulo 15 abre com o exército fugindo apressadamente, perseguido pelos israelitas: quase parece que o punhado de defensores de Betúlia poderia sobrepujar o exército gigantesco posto em movimento por Nabucodonosor no capítulo 2.

No capítulo 16, o cântico de vitória que ela elevou ao céu. Esta é uma das muitas composições poéticas evocativas encontradas na Bíblia, mesmo fora dos livros da Sabedoria. Vale lembrar que, antes de Judite, eles também haviam erguido hinos de triunfo a Deus:

Miriã, irmã de Moisés, após a travessia do Mar Vermelho (Êxodo 15);

Débora, a profetisa, após a vitória sobre Sísera (Juízes 5)

Ana, mãe de Samuel (1 Samuel 2)

Depois dela, seu exemplo será seguido no **NT** por:

Maria, a mãe de Jesus, depois da saudação de Isabel (Magnificat: Lucas 1, 46-55);

Zacarias, pai de João Batista (Lucas 1, 68-79);

Simeão, depois de ter conseguido segurar o pequeno Jesus nos braços (Lucas 2, 29-32)

É, portanto, um gênero literário muito difundido, mas sempre cheio de encanto. Este texto poético evoca alguns salmos, certamente não desconhecidos de quem compôs o livro, e insiste na antítese entre o Forte e o Fraco, completamente anulada pela obra prodigiosa do Senhor.

Refere-se também (16, 17) ao Dia do Juízo, demonstrando que se trata de um texto tardio, contemporâneo do livro de Daniel: o gênero do Apocalipse já havia entrado em seu pleno florescimento.

Assim como o livro de Ester e o livro de Tobias, o livro de Judite também termina com um final feliz previsível. A heroína vive até os cento e cinco anos, assim como Tobias Júnior chegou aos 117, segundo o conhecido raciocínio segundo o qual a vida longa é um sinal seguro da bênção de JHWH. Mas o verdadeiro “final feliz” é representado pelo encerramento do livro (16, 25):

« Não houve ninguém que inspirasse medo entre os israelitas enquanto Judite viveu e por muito tempo depois de sua morte. »

HISTORICIDADE

Um "minestrone" histórico

Se para outros supostos livros "históricos" da Bíblia dissemos que sua historicidade é bastante duvidosa, neste caso ela é completamente inconsistente. Basta ler o começo do livro:

« No décimo segundo ano do reinado de Nabucodonosor, que reinou sobre os assírios na grande cidade de Nínive, Arfaxade reinou sobre os medos em Ecbátana... »

Na verdade, sabemos muito bem que **Nabucodonosor II** ("que o deus Nabu proteja meu herdeiro"), **que reinou de 605 a 562 a.C., não foi rei dos assírios, mas sim dos caldeus** (para ser mais preciso, seu império é chamado de Império Neobabilônico), e sua capital não era Nínive, já destruída por seu pai Nabopolassar em 612 a.C., mas Babilônia.

Evidentemente, o autor do livro de Judite, que certamente não tem preocupações históricas, sabia em geral que os assírios haviam atacado repetidamente os reinos de Judá e Israel (a ponto de destruir este último), que Nínive era a sede de uma grande dinastia pagã, e que, Nabucodonosor havia destruído o templo em Jerusalém; e agora, querendo construir uma narrativa exemplar que exalte a força de alma dos judeus e a proteção divina de que gozam, limita-se a unificar todos esses dados num único personagem.

Arfaxad

Quanto a Arfaxad, um rei dos medos com este nome é desconhecido na história, enquanto um patriarca bíblico, filho de Sem e ancestral de Abraão, tinha este nome (Gn 10,22); nada a ver, portanto, com os medos indo-europeus. Ele deve

ser um dos muitos pretendentes eliminados por Ciro, o Grande, no início de seu reinado.

O Hidaspes e o Elam

O expediente utilizado pelo autor anônimo para justificar a expedição do suposto Nabucodonosor contra a Judéia é o de uma guerra travada por ele contra Arfaxade, para vencê-la ele envia mensageiros a todos os povos conhecidos para que o apoiem com suas tropas; Como as nações do Ocidente (ou seja, aquelas ao longo da costa do Mediterrâneo Oriental) se recusam a se juntar à coalizão, depois de se livrar de Arfaxade, Nabucodonosor tem o pretexto para sua expedição punitiva. Entre os povos que se aliaram aos medos estão listados:

«Mas todos os habitantes da região montanhosa, e os da região do Eufrates, do Tigre e do Hidaspes, e os habitantes da planície de Arioque, rei dos elamitas, se reuniram em torno dele. »

O Hidaspes é um rio conhecido pelos antigos, sendo um dos cinco tributários do Rio Indo que abastecem a região da Índia conhecida pelos gregos como Pentapotâmia ("cinco rios"), e por nós como Punjab ("cinco").: observe a semelhança com a raiz grega "penta").

Se assim for, o anacronismo parece evidente, porque essa região foi subjugada aos persas (e não aos medos) apenas por Dario I (521-485 a.C.), e depois tornou-se famosa no Ocidente após as façanhas de Alexandre, o Grande, que em 326 a.C. ali ele derrotou Porus, um dos rajás daquela região. Isto é uma confirmação de que o autor bíblico, quando escreveu o livro de Judite, tinha em mente um cenário histórico e político completamente diferente daquele da época de Nabucodonosor.

Quanto a **Elão**, é a região sudoeste da Pérsia, a leste do Tigre, sede de um reino florescente no 2º milênio a.C., que mais tarde caiu em poder dos assírios e depois dos persas; Foi nessa região que Susa estava localizada. Mas o nome de Arioque, seu rei mencionado em 1, 6, é completamente desconhecido na história; na Bíblia ele aparece apenas em Gênesis 14, 1, mas como rei de Elasar (provavelmente a cidade suméria de Larsa) e não de Elão.

Observe que em Judite 1,7-12 todos os povos que ignoraram a ordem de Nabucodonosor são listados, e a lista termina com as palavras "até as fronteiras dos dois mares". Já Sargão da Acádia (2400 a.C.) afirmava reinar "de mar a mar": esses dois mares só podem ser o mar oriental, ou seja, o *Golfo Pérsico*, e o mar ocidental, ou seja, o *Mar Mediterrâneo*. Aqui estamos falando de países ocidentais, mas não podemos esquecer que o Mar Vermelho era considerado um desdobramento do Mar Oriental, pois de fato o é, por estar em comunicação com o Oceano Índico.

Holofernes

O nome do suposto comandante do exército de Nabucodonosor não é assírio, mas **persa**, como outros similares atestados por fontes gregas (Artafernes, Tissafernes, etc.). Fora da Bíblia, os historiadores gregos falam que, "Orofernes", é entre os generais que lideraram a campanha do rei persa Artaxerxes III.

Betúlia

A cidade de Judite, sitiada com ferocidade por Holofernes, é quase certo que seja um lugar fictício, como demonstra seu nome, que significa "casa de JHWH". Alguns apontam a assonância entre esse nome e a palavra hebraica que significa "virgem", uma designação metafórica frequente do Povo Eleito. Embora o livro de Judite (4, 6) tente localizar a lendária fortaleza precisamente nas montanhas que cercam o vale fértil de Jezreel, uma posição estratégica de onde as estradas para Jerusalém eram controladas, Betúlia é provavelmente uma figura de toda a Terra de Israel, assim como Judite, é quase certamente uma figura de todo o povo judeu, já que seu nome significa simplesmente "Judeia".

Joaquim

Outra confirmação do fato de que o contexto histórico do livro é helenístico e certamente não assírio-babilônico vem do capítulo 4,6, onde o Sumo Sacerdote de Israel é dito ser Joaquim, um personagem que aparece no livro de Neemias (12, 12); pouco antes do resto foi dito (4, 3):

« Além disso, eles tinham retornado recentemente do cativeiro, e todo o povo tinha se reunido recentemente na Judeia; os móveis sagrados, o altar e o templo foram consagrados após a profanação »

De fato, como dito acima, Nabucodonosor destruiu Jerusalém no décimo oitavo ano de seu reinado, mas morreu em 562 a.C., enquanto os judeus retornaram à sua terra natal após o decreto de Ciro de 538 a.C., e o Templo foi rededicado por volta de 515 a.C. Aqui o Templo nem sequer teria sido destruído ainda...

Mas isso não é suficiente. Israel é desdenhosamente definido por Holofernes como "uma raça que vem do Egito" (6, 5). Uma referência ao Êxodo? Não, mas sim uma polêmica provocação do oriental Holofernes contra o Egito que, na época em que o autor escreve, era governado pelos Ptolomeus, ferozes inimigos dos selêucidas da Síria que tentavam helenizar a Palestina!

SIGNIFICADO TEOLOGICO

Quando Holofernes e os assírios sitiaram Betúlia, esgotou-se a água na cidade, e os seus habitantes estavam na iminência de perecer. Foi então que uma viúva, chamada Judite, traçou e pôs em prática um plano, que levou os sitiantes à debandada e deu a vitória final aos israelitas. E proclama-se a providência de Deus para com o seu povo,

O Livro de Judite é uma obra do judaísmo tardio, de um povo perseguido pelos governantes helenísticos da Síria, mas certamente orgulhoso de sua liberdade, independência e identidade nacional. Para fortalecer a fé dos seus irmãos numa época de feroz perseguição (até a circuncisão dos filhos era considerada um crime), o autor do livro de Judite propõe-lhes uma figura exemplar de mulher guerreira que, apesar da fraqueza habitualmente associada à feminilidade, consegue derrotar o exército mais poderoso do mundo e o general mais habilidoso e astuto que existe.

Judite quer, portanto, ser uma figura de todos os judeus, que, com a poderosa ajuda do seu Deus, podem reverter qualquer situação desfavorável e vencer qualquer batalha, como de fato aconteceu na época dos Macabeus.

A conduta de Judite, no entanto, não deve ser julgada à luz dos cânones modernos ou cristãos, mas à luz do momento muito difícil vivido pelo Povo Eleito na era helenística.

O autor quer exortar todos os judeus à resistência nacional, com a força das armas se necessário, contra os inimigos do Deus único, assegurando-lhes que a proteção de JHWH é eficaz o suficiente para permitir que uma pobre viúva derrote a arrogância dos judeus daqueles que pensavam que poderiam conquistar o mundo inteiro com armas de violência e destruição.

ESTER

O livro de ESTER é uma apaixonada descrição das experiências dramáticas por que passou a comunidade hebraica de Susa, quando esta cidade era capital do império persa. O texto sugere que esses acontecimentos afetariam a vida de todos os judeus residentes dentro das fronteiras daquele imenso império, que se estendia desde a Índia até à Etiópia. Quer dizer que os episódios narrados atingiam todos os judeus do mundo e as consequências diziam respeito à sua sobrevivência.

As figuras centrais são um judeu de nome babilônico Mardoqueu e uma sua parente e protegida, chamada Ester, nome de ressonâncias simultaneamente babilônicas e persas. Mardoqueu surge como chefe da comunidade judaica; Ester é a personagem decisiva no desenrolar dos acontecimentos.

O livro descreve uma ameaça de morte que se transformou numa afirmação de triunfo. Semelhante sucesso merece ser celebrado e recordado. E, de fato, o livro de ESTER culmina numa festa anual, ainda hoje celebrada entre os judeus: a festa de "Purim", ou das "sortes" lançadas e transformadas.

Significado do nome

Apesar de sua importância na Bíblia, Ester é um nome pagão. Em vez de se referir à deusa babilônica Ishtar, provavelmente se refere a uma palavra persa que significa "estrela".

PERÍODO DE COMPOSIÇÃO

O livro de Ester chegou até nós em uma versão hebraica e em uma versão grega, que é mais extensa porque contém longos acréscimos. Essas adições (por exemplo, os primeiros 16 versículos do livro) são consideradas inspiradas pela nossa Igreja Católica. Isso explica a numeração incomum de alguns capítulos, para distinguir a versão grega da hebraica.

São Jerónimo, ao preparar a edição da Bíblia em latim, chamada Vulgata, para que estas interrupções não cortassem a sequência do texto hebraico, decidiu colocar em primeiro lugar a tradução contínua do hebraico e acrescenta-lhe os suplementos em grego, numerados nos capítulos 11 a 16. E assim se apresentava o livro de ESTER, nas traduções que dependiam diretamente da Vulgata.

No entanto, esta solução tornava mais difícil a leitura dos suplementos, que não representavam uma sequência completa. Por isso, é hoje mais habitual manter as interpolações do texto grego no seu lugar correspondente na narrativa, distinguindo-as do texto hebraico por um tipo de letra e por uma numeração diferentes.

Embora narre acontecimentos que remontam à primeira metade do século V a.C., acredita-se que tenha sido escrito pelos judeus da Diáspora no século II a.C. É uma obra muito querida aos judeus, que juntamente com *Rute*, o *Cântico dos Cânticos* e *Qoheleth* eles o incluíram entre os "**Megillot**", isto é, entre os cinco "pergaminhos" bíblicos lidos por ocasião de feriados litúrgicos específicos. Em particular, Ester é proclamada durante a festa de Purim, pelas razões explicadas abaixo.

O ESQUEMA GERAL do livro é aquele que se nos apresenta através da narrativa em hebraico:

- I. Ester torna-se rainha: A,1-2,23;
- II. Conspiração contra os judeus: 3,1-5,14;
- III. Amã é condenado à morte: 6,1-7,10;
- IV. Os hebreus vingam-se dos inimigos: 8,1-F,11.

CONTEÚDO DO LIVRO

Prólogo

A obra abre "no segundo ano do reinado de Assuero, o Grande Rei", portanto em 485 a.C. O prólogo, preservado apenas no texto grego e portanto talvez posterior, introduz a figura de Mardoqueu, um judeu da tribo de Benjamim que vive em Susa, a capital do Império Persa e a residência de inverno dos Reis dos Reis desde o reinado de Dario I. Seu sonho premonitório dos dois dragões sugere que um grave desastre está prestes a acontecer em Israel.

A Trama de Amã

No capítulo 1, o rei Assuero manda chamar sua esposa, a rainha Vasti, uma personagem sobre a qual não há notícias fora da Bíblia, mas ela está ocupada comemorando no clube das mulheres e não obedece. Então Assuero se divorcia dela e procura uma nova noiva.

No capítulo 2, a escolha recai sobre a judia Hadassa, de quem Mardoqueu é guardião, sendo filha de seu tio. Mas Assuero não sabe que ela pertence ao povo judeu e a chama de Ester.

Infelizmente para os judeus, um dos piores momentos de sua história se aproxima, pois **Amã**, o perverso conselheiro do rei, de linhagem amalequita (os amalequitas eram rivais tradicionais dos judeus), odeia Mardoqueu porque não quer se curvar diante dele ou prestar-lhe homenagem.

E no **capítulo 3** do livro ele concebe um plano monstruoso: usando o selo imperial que o soberano lhe confiou, ele assina um decreto ordenando o extermínio total do povo judeu. Realmente parece uma profecia trágica do Holocausto moderno desejada por Hitler.

A teoria da retribuição

Chegamos ao **capítulo 4**. Mardoqueu descobre a trama, rasga suas roupas e chora em alta voz. Passado o momento de desespero, porém, ele pede a Ester, a judia de mais alta patente em todo o império, que interceda junto ao soberano para que ele retire o decreto. Mas ninguém, sob pena de morte, pode comparecer perante o rei sem primeiro ser convocado (o costume registrado em Ester 4,11 não é uma invenção bíblica, embora seja improvável que também fosse aplicado à esposa real).

Então Ester, depois de pedir a Mardoqueu que todos os judeus jejuassem por ela durante três dias, veste-se de luto e ora ao seu Deus para que venha em seu auxílio; a longuíssima oração é relatada no texto grego, e insiste no pecado cometido por Israel, que teria desencadeado o justo castigo divino. Esta é a chamada "teoria da retribuição" contra a qual o Livro de Jó se rebela, e contra a qual Jesus também se rebelará no Novo Testamento (João 9,1-5):

"Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus."

Por fim, e estamos no **capítulo 5**, Ester se apresenta a Assuero em toda a magnificência de suas vestes reais e no esplendor de sua beleza. O rei, deslumbrado, toca-a com o cetro de ouro e salva-lhe a vida; Ela pode então apresentar seu pedido, que consiste em um convite para jantar em seus aposentos com o Ministro Amã.

Punição de Amã

No **capítulo 6**, as coisas começam a dar errado para Amã, pois ele é forçado a homenagear publicamente o odiado Mardoqueu, depois de acreditar que ele era o destinado ao triunfo público. Mas os acontecimentos se precipitam no **capítulo 7**, onde Ester, durante o banquete, acusa Amã de ter condenado todo o povo

judeu à morte, inclusive ela. O rei fica furioso e ordena que Amã seja enforcado na mesma forca que ele havia erguido para Mardoqueu.

No capítulo 8, chega ao clímax das honras concedidas ao guardião de Ester, quando ele é feito ministro no lugar de Amã e recebe o selo real. Então Mardoqueu emite um novo decreto que autoriza os judeus a se defenderem daqueles que os atacam. Mais uma vez, o texto exato do decreto é preservado em grego.

A festa de Purim

No capítulo 9 ocorre o massacre dos perseguidores dos judeus, perpetrado no mesmo dia que havia sido decretado para sua ruína: o "13 de Adar". Desde então, este dia tem sido lembrado pelos judeus como a festa de "'Purim'", de uma palavra não hebraica, mas acadiana (falada pelos antigos babilônios): "Pur", que significa "sorte". Na verdade, a data havia sido escolhida por sorteio por Amã.

O extermínio é apresentado com números hiperbólicos, deliberadamente exagerados; Os dez filhos de Amã também são vítimas. Tudo termina com um grande banquete. Segundo as instruções de Ester, a validade do decreto é estendida por um dia para concluir o trabalho; Isso serve para justificar por que nas cidades a festa de Purim era celebrada do dia 13 ao dia 15 de Adar, no campo apenas do dia 13 ao dia 14 (portanto, é um "conto etiológico"). A comemoração acontece com banquetes, troca de presentes e doações aos pobres. E hoje, a festa de Purim é celebrado com bailes de máscaras e corresponde ao carnaval cristão.

O **capítulo 10** contém o epílogo da história.

SIGNIFICADO TEOLÓGICO

Vale a pena notar que, se o nome de Ester pode lembrar o da deusa babilônica Ishtar, o de Mardoqueu lembra o do deus Marduk. Isso levou alguns a pensar que se trata de uma adaptação de um mito babilônico, que não chegou até nós, ouvido pelos judeus durante a deportação para a Babilônia. Mas, mesmo que isso fosse verdade, apesar de suas raízes pagãs, os dois estão destinados a se tornarem instrumentos de salvação para os judeus, que correm até o risco de desaparecer como povo.

O livro exalta a tese, muito cara à Bíblia, da inversão do destino decidida pelos homens maus: o injusto, que parecia destinado ao sucesso, é derrubado e sofre o mesmo castigo que havia preparado para o justo; o último é glorificado.

Note que a mesma coisa aconteceu em Êxodo: os egípcios mataram os primogênitos dos hebreus, e YHWH mata os primogênitos dos egípcios. Tudo isto revela a ação decisiva do Senhor na história humana e transforma-se num apelo à esperança, precisamente quando a morte parece ser o único destino possível, como aconteceu durante a perseguição de Antíoco IV Epifânio, época em que talvez o texto tenha sido composto.

HISTORICIDADE

Literariamente, esta narrativa apresenta-se como descrição histórica. Aliás, em 9,32 e 10,2 existem alusões explícitas ao facto de ter sido escrito aquilo que acontecera com Ester e com Mardoqueu. Esta fisionomia literária condiz bem com o carácter mais ou menos histórico do seu conteúdo. A descrição dos ambientes e dos costumes tem alguma exatidão.

No entanto, numerosos indícios levam-nos a pensar que os muitos elementos de figuras e experiências históricas podem ter sido elaborados nesta obra, que é construída segundo o modelo literário de **um romance histórico**.

Os nomes de Mardoqueu e de Ester dão aos seus heróis certa verossimilhança histórica. O nome de Assuero, dado ao rei, é a versão bíblica normal para o bem conhecido nome de Xerxes. E isto constitui mais uma razão de verossimilhança histórica. A vida da corte, aqui descrita, corresponde igualmente bem à imagem histórica; pelo contrário, o facto de Mardoqueu ter sido exilado de Jerusalém no tempo de Nabucodonosor e estar ainda, mais de cem anos depois, a dirigir estes acontecimentos levanta fortes dúvidas. Além disso, os conflitos religiosos e culturais descritos, e mesmo os nomes da rainha rejeitada e da nova rainha escolhida por Assuero, ou Xerxes, são inteiramente desconhecidos na corte persa.

É possível, por conseguinte, que tenham sido acumuladas aqui, numa única história, muitas experiências dramáticas de comunidades judaicas em contextos sociais adversos; e também muitas esperanças que, entretanto, as foram reanimando, garantindo-lhes a sobrevivência. De tudo isso poderá ter resultado este livro, como memória exultante e como razão de esperança.

De fato, em ESTER condensam-se experiências de rejeição e de ameaça, que punham em causa a sobrevivência do judaísmo e, por antítese, descreve-se a forma como todos os perigos se transformaram em retumbante afirmação dos seus ideais. Tão entusiasta quiseram os judeus tornar a sua vitória, que não conseguiram evitar excessos: da pura autodefesa, passaram a gestos exagerados de vingança.

Assuero

Todos os comentaristas, tanto antigos quanto modernos, reconhecem Assuero como o rei persa Xerxes, filho de Dario I, que reinou de 486 a 465 a.C., ano em que foi eliminado por uma conspiração.

Os historiadores lembram-se dele sobretudo pelas severas derrotas que sofreu em Salamina e Plateia pelos gregos durante as Guerras Persas.

O império sobre o qual ele reina se estende, de acordo com Ester 1,18-19, da Índia à Etiópia, e é dividido em cento e vinte e sete províncias.

Observe que Heródoto lista vinte satrapias (províncias com governadores), mas é possível que as províncias fossem subdivisões territoriais mais limitadas do que as satrapias. Em Ester 8,13, é feita referência ao sistema eficiente que os persas tinham para transmitir despachos, isto é, um sistema rodoviário altamente

eficiente, atravessado por mensageiros a cavalo com velocidade proverbial. “Meus dias passam mais rápido que um carteiro”, diz Jó 9,25.

110 anos?

A maior inconsistência histórica no livro é encontrada logo no início, quando diz que Mardoqueu "veio do grupo de exilados que Nabucodonosor, rei da Babilônia, havia deportado de Jerusalém com Jeconias, rei da Judeia" (Ester 1,3). Mas essa deportação ocorreu em 597 a.C.; Como é possível que, 110 anos depois, Mardoqueu esteja a serviço de Xerxes? Isso demonstraria que o livro tem propósitos didáticos e teológicos, mas certamente não históricos.

Um Mardoqueu também é mencionado no livro de Neemias (7,7), entre aqueles que retornaram com Zorobabel para Jerusalém na época de Ciro, o Grande (539 a.C.). Portanto, é possível que o autor bíblico esteja reutilizando o nome de um personagem já conhecido na sua época como protagonista do seu livro.

Pérsia e Macedônia

No entanto, mesmo neste texto é possível traçar sementes evidentes de historicidade. Na verdade, Ester 8, 22 apresenta Amã como um amalequita (Agague era o rei de Amaleque capturado por Saul, um benjamita como Mardoqueu e morto por Samuel), mas como um macedônio, talvez brincando com a assonância entre amalequitas e macedônios. Em suma, o plano maligno de Amã não remonta a um ódio pessoal ou tribal (Amaleque contra Israel), mas sim a um ódio político.

As relações entre a Pérsia e a Macedônia sempre foram muito difíceis, até a conquista do Império Persa por Alexandre, o Grande. Portanto, é lógico retratar Amã não como um homem perverso (o que implicaria que o rei não conseguiu escolher seus conselheiros mais confiáveis), mas como um traidor a soldo de uma potência estrangeira.

O epílogo

O último versículo do livro (Ester 10,14) representa o fim da versão grega, e diz entre outras coisas: “No quarto ano de Ptolomeu e Cleópatra...”

A partir dele é possível, segundo alguns, datar a versão grega de Ester no ano 114 a.C., sendo este o quarto ano do reinado de Ptolomeu VIII e sua esposa Cleópatra. Alguns, no entanto, contestam essa datação, pois ela só pode ser deduzida de um capítulo deuterocanônico.

O LIVRO DE MACABEUS

Com o título de MACABEUS são designados dois livros que fazem parte da Sagrada Escritura.

Nos primeiros séculos da Igreja, houve algumas dúvidas em considerá-los parte do Cânone. De fato, não constam no Cânone da Bíblia Hebraica dos judeus palestinos; mas fazem parte da Bíblia do judaísmo de Alexandria.

Este fato veio a criar, por parte das igrejas protestantes, uma atitude de reserva para com eles; quanto aos outros dois, cedo lhes foi recusada a classificação de livros bíblicos, tanto pelos judeus como pelos cristãos.

NOME: Chamam-se MACABEUS, não porque tal fosse o nome do seu autor, mas porque **Judas** - o protagonista dos principais acontecimentos narrados nos dois livros - foi denominado "Macabeu". Porém, foi **São Clemente de Alexandria** (séc. III d.C.) quem, pela primeira vez, lhes atribuiu esse título, que se tornou corrente na tradição cristã.

O termo "macabeu" aparece em Is 62,2 com o significado de "designado de Deus", que corresponde perfeitamente à qualidade de chefe com que Judas é descrito em 2 Mac 8,1-7. Também é muito semelhante ao que se diz dos chefes carismáticos do período dos Juízes e ao papel dos que têm a missão de libertar o povo de um poder político ou de uma cultura que não respeita a fé de Israel.

O cenário histórico é muito posterior ao de todos os outros livros históricos do Antigo Testamento: de fato, ele narra os acontecimentos do povo de Israel sob **o domínio dos selêucidas**, e isso após a morte do imperador **Alexandre, o Grande (356- 323 a.C.)**, o protagonista da rápida conquista grega do império persa e da subsequente marcha até as fronteiras da Índia.

Quando Alexandre morreu sem herdeiros, com apenas 33 anos, seus generais, chamados em grego de **Diádocos** ("sucessores") não conseguiram manter a unidade e assim foi dividido em reinos dominados por uma cultura sincrética, resultante da fusão das antigas tradições orientais com a nova cultura grega predominante: esta era recebe o nome de Helenismo.

O koinonè, a língua grega, tornou-se o vetor de intercâmbio cultural em uma vasta bacia que ia da Espanha ao Indo, e os novos governantes tentaram por todos os meios impor sua superioridade cultural e militar.

Infelizmente, no século II a.C. Esse esforço levou os selêucidas, governantes da região siro-mesopotâmica, a tentar helenizar também a região palestina, como haviam feito com o resto do Oriente Médio, apagando as tradições mosaicas.

Os judeus ortodoxos naturalmente não aceitaram esta helenização forçada, que incluía entre outras coisas a proibição da circuncisão e do repouso sabático, e deu vida a uma verdadeira Resistência armada.

I MACABEUS

AUTOR E MENSAGEM O 1.º livro dos MACABEUS é obra de autor desconhecido, mas bom conhecedor da Palestina e imbuído da fé que caracteriza o povo eleito. É precisamente esta fé que o leva a narrar a História

recente do seu povo, para impedir os seus irmãos de raça de serem infiéis à aliança.

No horizonte, está o confronto entre a fé de Israel e os novos modos de viver da cultura helenística, em que o judaísmo da diáspora se encontra. Para responder a essa situação concreta e precaver da traição à fé, o autor vai buscar este período histórico e os modelos de fé nele encontrados.

Tocado pela dura experiência do tempo do domínio selêucida, com Antíoco IV Epifânio à cabeça, volta-se para a raiz da fé, que é a aliança do Sinai, e diz ao povo: "Deus está sempre atento e vai fazer surgir homens corajosos e determinados, para resistirmos à imposição dos valores culturais que ameaçam as atitudes de vida exigidas pela aliança".

Por isso, mais que descrever objectivamente o que fizeram esses homens, o autor preocupa-se em mostrar como, por atitudes idênticas às deles, o povo fiel pode continuar a viver a sua fé no Deus único e a manter a sua identidade nacional.

GÉNERO LITERÁRIO Os dois livros dos MACABEUS são históricos, segundo os critérios historiográficos da época, e com uma acentuada preocupação religiosa e edificante.

Mais que uma narração objetiva dos acontecimentos do mesmo período, nem sempre concordantes, porque entre si distintos e independentes, assemelham-se a dois evangelhos sinóticos:

o 1.º livro abrange o período que vai de 175 a.C. a 134 a.C. (subida ao trono de João Hircano);

o 2.º livro cobre o período de 175 a.C. a 160 a.C. (morte de Nicanor).

DIVISÃO E CONTEÚDO A narração dos acontecimentos está distribuída em quatro blocos:

no primeiro traça-se o ambiente político e cultural criado por Alexandre Magno, que origina a revolta dos Macabeus (1,1-2,70);

no segundo narram-se os feitos gloriosos de Judas Macabeu (3,1-9,22);

no terceiro descrevem-se os feitos de Jónatas (9,23-12,54) e,

no quarto, os feitos do Sumo Sacerdote Simão, fundador da dinastia dos Hasmoneus (13,1-16,24).

O seu conteúdo poderá ser dividido nas quatro partes que apresentamos a seguir:

I. Ambiente político e revolta de Matatias (1,1-2,70): Alexandre Magno (1,1-9); Antíoco Epifânio (1, 10-40); perseguição religiosa (1,41-64); feitos de Matatias (2,1-70).

II. Judas Macabeu (3,1-9,22): primeiras vitórias de Judas (3,1-4,35); purificação do templo (4,36-61); guerra contra os povos vizinhos (5); morte de Antíoco na Pérsia (6,1-17); Antíoco Eupátor ataca a Judeia e faz a paz com os judeus (6,18-

63); Demétrio, sucessor de Eupátor, declara guerra a Judas Macabeu (7); Judas Macabeu alia-se aos romanos (8); morte de Judas Macabeu (9,1-22).

III. Feitos de Jónatas, sucessor de Judas Macabeu (9,23-12,54): modificação da situação dos judeus (9,23-73); Jónatas aproveita-se da guerra civil dos sírios (10); confirmação da situação de Jónatas (11); aliança com os romanos e com os espartanos (12,1-23); Jónatas em poder de Trifon (12,24-54).

IV. Simão, príncipe do povo judeu (13,1-16,24): Simão procura resgatar seu irmão (13,1-32); Simão assegura a liberdade do seu povo (13,33-53); Simão é aclamado príncipe do povo judeu (14); Antíoco Sidetes volta-se contra os judeus (15); morte de Simão (16).

II MACABEUS

O 2º LIVRO DOS MACABEUS não é, como facilmente se poderia supor, a continuação do primeiro, nem tem o mesmo autor. De comum entre os dois existe apenas o clima de perseguição à fé, orquestrada igualmente pelos Selêucidas, embora narrada de um modo menos histórico e mais edificante. Mas convém ter em conta o que se disse no início da Introdução a 1 Macabeus, quanto ao seu nome e à sua classificação como livro bíblico.

AUTOR: O autor, que terá escrito no Egito, pretende edificar a fé dos judeus deste país, também perseguidos por Ptolomeu. Com um estilo vivo e uma tendência para exagerar a caracterização das personagens - pois quer apresentá-las como heróis na fé a um povo que está a sofrer por causa dela - pretende mostrar que a perseguição é apenas um castigo justo e medicinal, merecido pelos pecados cometidos, para convidar à conversão de vida e à fidelidade à aliança.

CONTEÚDO E DIVISÃO

Na sua forma atual, o livro poderá resumir-se no esquema seguinte:

Introdução (1,1-2,32):
primeira carta (1,1-9);
segunda carta (1,10-2,18);
prefácio do autor (2,19-32).

I. Causas da rebelião dos Macabeus (3,1-7,42):

preservação do templo (3);
Onias, pontífice (4);
matanças de Antíoco em Jerusalém (5);
a perseguição religiosa (6);
martírio dos sete irmãos (7).

II. Rebelião dos Macabeus (8,1-10,8):

primeiras vitórias dos Macabeus (8);

morte de Antíoco (9);

purificação do templo (10,1-8).

III. Campanhas militares de Judas Macabeu (10,9-15,36).

Novas vitórias do Macabeu sobre os povos vizinhos (10,9-12,45);

guerra e paz entre Antíoco Eupátor e Judas Macabeu (13);

Demétrio, rei da Síria, declara guerra ao Macabeu (14);

Nicanor, general dos sírios, é vencido por Judas Macabeu (15,1-36).

Epílogo (15,37-39):

considerações do autor.

MENSAGEM Dado o objetivo da obra, **a lei** - como expressão da aliança - **e o templo são os pontos de referência da fé**, a necessitar de revigoração para não se deixar absorver pela pressão da nova cultura.

Por isso, ao lado daqueles que, por debilidade ou oportunismo sócio-político, renegam a fé, o autor coloca os que se refugiam em Deus e vão para o campo de batalha, apoiados nas armas da oração, do jejum e da leitura da Bíblia.

Neste quadro de fé no Deus da aliança, que protege os que morrem por ela em vez de a renegar, surgem alguns ensinamentos desenvolvidos depois no cenário da revelação.

É o caso dos anjos, como agentes de Deus para executar o seu projecto (2,21; 3,24-26; 10,29; 11,6-8; 15,23),

do valor da oração dos vivos para conseguir de Deus o perdão dos pecados dos defuntos (12,43-45),

bem como do valor da intercessão dos "santos" que estão na outra vida, em favor dos que ainda peregrinam na terra (15,12-16);

e ainda a questão da ressurreição dos fiéis (7,9.14.23.28-29.36; 12,43-45; 14,46)

e a retribuição depois da morte, tanto para os fiéis como para os que fizeram mal ao povo, pois Deus dará a cada um segundo o que tiver merecido.